



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

BÁRBARA LUISE HILTEL VENTURINI

**OS GÊNEROS DO JORNAL UNIVERSITÁRIO:  
RECURSOS ARGUMENTATIVOS E IDEOLÓGICOS**

---

Londrina  
2017

BÁRBARA LUISE HILTEL VENTURINI

**OS GÊNEROS DO JORNAL UNIVERSITÁRIO:  
RECURSOS ARGUMENTATIVOS E IDEOLÓGICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Esther Gomes de Oliveira

Londrina  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Venturini, Bárbara Luise Hiltel.

Os gêneros do jornal universitário : recursos argumentativos e ideológicos / Bárbara Luise Hiltel Venturini. - Londrina, 2017. 167 f.

Orientador: Esther Gomes de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, , 2017. Inclui bibliografia.

1. Gêneros discursivos - Tese. 2. Jornais universitários - Tese. 3. Recursos argumentativos - Tese. I. Oliveira, Esther Gomes de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. . III. Título.

BÁRBARA LUISE HILTEL VENTURINI

**OS GÊNEROS DO JORNAL UNIVERSITÁRIO:  
RECURSOS ARGUMENTATIVOS E IDEOLÓGICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina para obtenção do título de Mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Esther Gomes de  
Oliveira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemeri Passos Baltazar Machado  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Londrina, 25 de agosto de 2017

Dedico essa dissertação aos estudantes, professores e funcionários que lutam por uma universidade pública, gratuita, de qualidade e acessível aos filhos do povo, pois só a luta muda a vida.

E ao meu avó Martin Hiltel (in memoriam) que sempre foi meu grande incentivador.

## AGRADECIMENTOS

Minha imensa gratidão a Deus, pois Ele sempre foi e será o meu refúgio e o meu escudo em todas as situações, Nele eu espero e confio. Concluir essa etapa tão importante para minha vida profissional e perceber que durante todo percurso sempre estive em seus cuidados, Senhor, isso é uma verdadeira graça.

Toda minha gratidão e meu amor à minha família, que sempre me apoiou nos meus sonhos e esteve do meu lado em todos os momentos. Aos meus pais, Anne e Valmor, obrigada por todo o amor e dedicação que vocês têm comigo, por serem os pais mais maravilhosos que eu poderia ter, para vocês também são todas as minhas conquistas. Agradeço também a minha irmã Carolina, por ser companheira nas horas que eu mais preciso. Sou muito grata a Deus pela nossa família, amo vocês.

Os meus sinceros agradecimentos aos meus familiares. A minha pequena família Hittel, principalmente por meio da figura dos meus avós Martin (in memoriam) e Renate, que são fonte inesgotável de amor e encorajamento; agradeço a minha tia, madrinha e mãe do coração Traute Angelica, por ter me presenteado com quase todos os meus livros e por ser constante motivadora e exemplo de perseverança, saibam que vem muito de vocês a minha disposição em aprender e ensinar. A minha grande família Venturini, pelas palavras de ânimo, proferidas pelos meus tios, minhas tias e meus primos e primas durante as visitas familiares, que me fortaleceram; agradeço a minha avó Lúcia (in memoriam) por ter sido uma mulher tão sábia e incentivadora para a aprendizagem.

Agradeço a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Esther Gomes de Oliveira, pela imensa dedicação e carinho com que me ensinou a gostar da pesquisa e comigo compartilhou seus conhecimentos. Obrigada por confiar na minha capacidade mesmo quando eu não tinha essa convicção de mim mesma. Minha querida orientadora, você terá sempre a minha eterna admiração e carinho.

Agradeço a banca examinadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosemeri Passos Baltazar Machado, por me ensinar desde a graduação tanto sobre o discurso, e ao Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo, pelas suas perguntas que me ajudaram em várias reflexões. Obrigada por todas as correções, orientações e contribuições, que

enriqueceram este trabalho.

Meus sinceros agradecimentos a Prof<sup>a</sup> Vilma Lemos por guardar as edições do jornal *Écos Universitários* do acervo pessoal da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neyde Ramos de Assis (in memoriam), e entregá-los a minha orientadora, que os confiou aos meus cuidados, e, por meio desse periódico, surgiu meu interesse em pesquisar jornais universitários, conseqüentemente, esse trabalho.

Agradeço a todos os mestres que passaram pelo meu caminho, desde a Graduação até meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Agradeço a CAPES por disponibilizar os recursos necessários para que a minha pesquisa se concretizasse.

Também agradeço aos amigos que sempre estiveram ao meu lado. Serei eternamente grata pelas amizades que as Letras me deram: Cecília, Claudia, Gesiane, Leila, Djiovana, Thaís e Dayane, amizades que cultivo com muito carinho em meu coração. Minha gratidão aos meus amigos desde o tempo do colégio: Caio, Juliana, José Vitor, Ailton, Marcelo e Bárbara Camila, por sempre estarem presentes na minha vida e participando de todos os meus momentos. Vocês me ensinam que a amizade é um amor que nunca morre.

Obrigada as minhas amigas Mayara, Júlia e Pauline pela alegria diária da nossa amizade. Gratidão aos meus amigos Pablo e Pedro, os quais eu tenho a honra de chamar de irmãos. Agradeço meu querido Christian, pelo nosso companherismo, que cresce a cada dia, por todo seu carinho, que transmite a calma que eu tanto preciso. Vocês foram fundamentais durante o processo de execução dessa dissertação.

Agradeço todos os meus amigos e amigas da Juventude Evangélica da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, por serem presentes de Deus na minha vida e me fortalecerem na minha caminhada de fé. Obrigada à minha Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Londrina por sempre orarem por mim.

Por fim, meus agradecimentos a todas as pessoas que, de alguma forma, colaboraram para a realização da minha dissertação, sinto-me muito grata por concluir mais essa etapa da minha vida acadêmica.

*“A palavra é meu domínio sobre o mundo”*

*Clarice Lispector*

VENTURINI, Bárbara Luise Hiltel. **Os gêneros do jornal universitário**: recursos argumentativos e ideológicos. 2017. 167 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

## RESUMO

O jornal universitário consolidou-se dentro da esfera acadêmica como importante meio de comunicação entre os estudantes, veiculando textos, geralmente produzidos por eles. Neste trabalho, analisaremos os gêneros discursivos constantes em dois jornais universitários: **Écos Universitários** (Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia Sede *Sapientiae* do Estado de São Paulo, atualmente, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), edições de 1949-1954; **Poeira** (Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual de Londrina-UEL), edições de 1974-1977. Delimitamos quatro edições de cada um, com o objetivo de enfatizar os efeitos de sentido produzidos pelo emprego de certos mecanismos argumentativos, os quais materializam o posicionamento ideológico configurado nas ideias veiculadas por esses enunciadores. Estudaremos, também, nos referidos efeitos de sentido, a influência do momento histórico-social.

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos. Jornais universitários. Recursos argumentativos.

VENTURINI, Bárbara Luise Hittel. **The discursive genres in university newsletters**: resources argumentative and ideological. 2017. 167 p. Dissertation (Master's degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

### ABSTRACT

The university newsletter has been consolidated within the academic sphere as an important mean of communication among students, publishing texts, often produced by them. In this paper, we will analyse constant discourse genres presented in two university newsletters. **Écos Universitários** – Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae* do Estado de São Paulo (Academic Center of Philosophy Faculty *Sedes Sapientiae* of São Paulo state), currently, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Pontifical Catholic University of São Paulo), 1949-1974 issues; **Poeira** – Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual de Londrina-UEL (Central Directory of Students of the State University of Londrina), 1974-1977 issues. We delimited four issues of each newsletter, aiming to emphasize the effects of meaning produced by the use of certain argumentative mechanisms, which materialize the ideological position configured on the ideas conveyed by these enunciators. We will also study, in the aforementioned effects of meaning, the influence of the historical-social moment.

**Keywords:** Discursive genres. University newsletters. Argumentative resources.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 11 |
| <b>JUSTIFICATIVA</b> .....  | 11 |
| <b>OBJETIVOS</b> .....  | 13 |
| <b>METODOLOGIA</b> .....  | 14 |
| <b>CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i></b> .....  | 16 |
| <b>ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO</b> .....  | 18 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO I – O VEÍCULO MIDIÁTICO JORNAL</b> .....  | 19 |
| 1.1 BREVE HISTÓRICO DO JORNAL NO BRASIL .....   | 19 |
| 1.2 JORNAL TRADICIONAL .....  | 24 |
| 1.3 JORNAL SENSACIONALISTA .....  | 26 |
| 1.4 JORNAL UNIVERSITÁRIO .....  | 28 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO II – JORNAL UNIVERSITÁRIO E SEUS GÊNEROS</b> .....                                      | 32 |
| 2.1 GÊNEROS DISCURSIVOS .....   | 32 |
| 2.2 GÊNEROS ENCONTRADOS NOS JORNAIS UNIVERSITÁRIOS .....  | 41 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO 3 – AS RELAÇÕES HISTÓRICO-IDEOLÓGICAS NOS<br/>GÊNEROS DO JORNAL UNIVERSITÁRIO</b> ..... | 52 |
| 3.1 MOMENTO HISTÓRICO-SOCIAL DOS JORNAIS UNIVERSITÁRIOS EM FOCO .....                               | 52 |
| 3.2 CARACTERÍSTICAS IDEOLÓGICAS .....   | 67 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO IV – ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS</b> .....   | 75 |
| 4.1 RECURSOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL .....   | 75 |
| 4.1.1 INFORMATIVIDADE .....   | 79 |
| 4.1.2 SITUACIONALIDADE .....  | 81 |
| 4.1.3 INTERTEXTUALIDADE .....   | 82 |
| 4.2 RECURSOS DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA .....   | 84 |
| 4.2.1 ADJETIVAÇÃO .....   | 86 |
| 4.2.2 INTENSIFICADORES .....  | 88 |
| 4.2.3 ADVÉRBIOS MODALIZADORES .....   | 90 |
| 4.2.4 OPERADORES ARGUMENTATIVOS .....   | 92 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>CAPÍTULO V – ANÁLISE DO CORPUS</b> .....   | 94  |
| 5.1 DISCURSO DA ORADORA – JORNAL ÉCOS UNIVERSITÁRIOS .....                                  | 95  |
| 5.2 ENQUETE – JORNAL ÉCOS UNIVERSITÁRIOS.....   | 110 |
| 5.3 EDITORIAL – JORNAL POEIRA .....   | 118 |
| 5.4 CHARGE – JORNAL POEIRA.....   | 137 |
| <br>  |     |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 145 |
| <br>  |     |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 149 |
| <br>  |     |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 159 |
| ANEXO A – CAPA DA EDIÇÃO Nº8 DO JORNAL ÉCOS UNIVERSITÁRIOS, MAIO DE 1949 .....              | 160 |
| ANEXO B – DISCURSO DE POSSE NA EDIÇÃO Nº8 DO JORNAL ÉCOS UNIVERSITÁRIOS, MAIO DE 1949 ..... | 161 |
| ANEXO C – CAPA DA EDIÇÃO Nº12 DO JORNAL ÉCOS UNIVERSITÁRIOS, MAIO DE 1950 .....             | 162 |
| ANEXO D – CAPA DA EDIÇÃO Nº17 DO JORNAL ÉCOS UNIVERSITÁRIOS, SETEMBRO DE 1951 .....         | 163 |
| ANEXO E – CAPA DA EDIÇÃO Nº21 DO JORNAL ÉCOS UNIVERSITÁRIO, OUTUBRO DE 1953 .....           | 164 |
| ANEXO F – ENQUETE DA EDIÇÃO Nº21 DO JORNAL ÉCOS UNIVERSITARIO, OUTUBRO DE 1953 .....        | 165 |
| ANEXO G – CAPA DA EDIÇÃO Nº1 DO JORNAL POEIRA, MARÇO DE 1974.....                           | 166 |
| ANEXO H – EDITORIAL DA EDIÇÃO Nº1 DO JORNAL POEIRA, MARÇO DE 1974.....                      | 167 |
| ANEXO I – CAPA DA EDIÇÃO Nº7 DO JORNAL POEIRA, ABRIL DE 1975 .....                          | 168 |
| ANEXO J – CAPA DO BOLETIM ESPECIAL DO JORNAL POEIRA, JANEIRO DE 1977 .....                  | 169 |
| ANEXO K – CAPA DA EDIÇÃO ESPECIAL 1 DO JORNAL POEIRA, MAIO 1977 .....                       | 170 |

## INTRODUÇÃO

### JUSTIFICATIVA

A língua é portadora de uma capacidade argumentativa inerente, pois, a partir dela, o locutor produz sentidos, veicula seus posicionamentos, argumenta de modo a atuar e interagir com e sobre o interlocutor. Como reforça Koch (2003), o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, de forma que construímos os enunciados para orientá-los para determinadas conclusões.

Isto é evidente pelo próprio manejo dos recursos linguísticos feitos pelo locutor e, de acordo com Bakhtin (1999), a palavra é um signo ideológico por excelência, ou seja, pela escolha de determinados procedimentos argumentativos, o indivíduo materializa uma visão de mundo constituída a partir de uma vivência social.

Consideramos a ideologia como condição para a constituição do sujeito e para a produção de sentidos que são materializados no discurso, isto é, por meio da formação ideológica os indivíduos adquirem determinada formação social e padrões de interpretação do mundo, resultando em múltiplas formas de se comportar diante da sua realidade; e por meio da linguagem, o enunciador veicula estas ideologias, no emprego de determinados mecanismos persuasivos, os quais demonstram o seu posicionamento ideológico.

Nosso trabalho investiga as condições sócio-históricas que interferem diretamente na forma com o sujeito utiliza a linguagem, manejando os recursos argumentativos e os aspectos ideológicos presentes na materialização do discurso por meio dos gêneros, selecionamos como *corpus* dessa dissertação os gêneros do jornal universitário.

Estudar esses periódicos é uma forma de recuperar uma parte da história da caminhada da organização estudantil, de resgatar os posicionamentos dos estudantes perante o momento sócio-histórico que viveram. Uma vez que os jornais universitários não possuem apenas a intenção de informar, mas funcionam como uma forma de efetivar a organização estudantil dentro de uma instituição de ensino superior, tornando-se instrumentos de interação entre os estudantes.

Optamos em analisar dois jornais universitários, o *Écos Universitários* e

o *Poeira*, pois compreendemos que estes periódicos consolidaram-se, dentro da esfera acadêmica, como importantes meios de comunicação estudantil, veiculando diversos gêneros discursivos produzidos por estudantes, cujos textos apresentam marcas argumentativas e ideológicas que materializaram os posicionamentos desses enunciadorees.

Selecionamos esses dois periódicos distintos como forma de comprovar que as diferentes condições de produção resultam em formulações distintas de jornais universitários, principalmente pela forma como os estudantes se organizavam e os propósitos comunicativos dessas edições. Dessa forma, explicitaremos a formação histórica e ideológica que permeiam as produções do *Écos Universitários* e do *Poeira*, distintos na sua funcionalidade, para salientar a versatilidade do jornal universitário.

Assim, o estudo o qual se destina esse trabalho baseia-se no seguinte questionamento: como as teorias dos Estudos da Linguagem (a Semântica Argumentativa e a Linguística Textual) podem oferecer bases conceituais para evidenciar a correlação entre recursos argumentativos e ideológicos e os gêneros discursivos escritos por estudantes veiculados em jornais universitários?

## OBJETIVOS

### GERAL

- Estudar os recursos argumentativos e ideológicos presentes na construção dos textos produzidos por estudantes e veiculados pelos jornais universitários selecionados.

### ESPECÍFICOS

- Apresentar as características dos jornais universitários estudados, enfatizado o momento histórico-social em que circularam e seus aspectos ideológicos;
- Distinguir variados gêneros presentes nos jornais universitários selecionados;
- Verificar o modo de utilização da linguagem nos textos de estudantes desses jornais universitários, a fim de compreender os processos de construção textual dos gêneros apresentados;
- Constatar, por meio dos conceitos da Semântica Argumentativa e da Linguística Textual, como os recursos argumentativos e ideológicos exercem importante força semântica em alguns gêneros discursivos escritos por estudantes.

## METODOLOGIA

Ao escolhermos os jornais universitários como tema para nossa pesquisa, realizamos buscas em acervos *onlines* de bibliotecas de algumas universidades e procuramos informações sobre a existência de jornais universitários veiculados a Centros Acadêmicos ou Diretórios de Estudantes, mas obtivemos poucos resultados, pois há pouco registro desse tipo de periódico. Atualmente, as instituições de ensino possuem seus próprios jornais produzidos pelas reitorias, indicando que, em muitos ambientes universitários, os jornais produzidos por estudantes perderam o espaço, enquanto em outros casos eles foram assimilados pelas novas ferramentas de suporte, como *sites*, *blogs* e redes sociais.

Por conta desses fatores, optamos por pesquisar edições impressas de jornais universitários, dando ênfase à imprensa do passado e selecionando periódicos que fossem veiculados e produzidos por uma organização estudantil. Tivemos acesso a algumas edições do jornal *Écos Universitários*, talvez os últimos exemplares desse periódico, que conseguimos do acervo pessoal de uma professora, funcionou como órgão oficial do centro acadêmico “*Sedes Sapientiae*”, resultado de uma organização das estudantes dessa instituição, o periódico circulava apenas no ambiente acadêmico, caracterizando uma organização estudantil mais interna, por isso o jornal tem caráter exclusivamente informativo. Tivemos conhecimento do jornal *Poeira* no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL que possui todas as edições desse periódico catalogadas e digitalizadas, devido a um trabalho de recuperação da história do movimento estudantil da universidade, sua produção foi resultado de uma dedicada organização dos estudantes, que defendia as pautas do movimento estudantil e se posicionava contra a ditadura militar, caracterizando-se como um periódico opinativo, que tratava também de assuntos além do ambiente universitário.

Também tivemos contato com edições de outros jornais universitários, como *Terra Roxa* (produzido anteriormente pelo mesmo grupo do jornal *Poeira*, mas havia uma produção muito pequena); *Littera* (antigo jornal do Centro Acadêmico do curso de Letras da UEL, circulou entre 2003 a 2004); *Informativo Acadêmico* (boletim para estudantes produzido por jornalistas recém-formados e que circula em várias instituições de ensino de Londrina).

Escolhemos para constituir o *corpus* da nossa pesquisa dois jornais universitários, o *Écos Universitários* e o *Poeira*, selecionando quatro edições de cada um, já que ambos nos oferecem materiais para averiguar a construção argumentativa e ideológica de uma gama de gêneros discursivos produzidos por estudantes. Eles apresentam diferentes propostas de organização estudantil, em diferentes contextos sócio-históricos, e desta forma cada um desses periódicos assume uma determinada função; além de nos oferecer dados para recuperar uma parte da história desses enunciadores, por meio da materialização de sua ideologia dentro dos gêneros produzidos. Nosso objetivo não é compará-los, mas realizar um estudo entre os dois periódicos para mostrar a versatilidade dos jornais universitários, que tanto podem funcionar como um boletim informativo interno para os estudantes da instituição de ensino (caso do *Écos*), quanto um jornal opinativo e militante, protagonizado pelos estudantes (caso do *Poeira*).

Realizamos uma revisão bibliográfica para a apresentação de um breve panorama histórico do jornal no Brasil, uma abordagem do jornal universitário com um levantamento dos diferentes gêneros discursivos presentes nos periódicos estudados, além de focalizarmos suas relações histórica-ideológicas.

Para analisar o *corpus* dessa dissertação organizamos um referencial teórico nos campos da Semântica Argumentativa, da Linguística Textual e dos gêneros discursivos, além da reflexão sobre a relevância dessa base conceitual para a análise dos gêneros veiculados por jornais universitários.

Para as análises, focalizamos gêneros discursivos relevantes nas edições ou pela importância do seu conteúdo na materialização da ideologia. Salientamos nesses textos, o emprego de diferentes recursos argumentativos e ideológicos que legitimam certos efeitos de sentido que corroboram com a força argumentativa na trama discursiva dos gêneros.

Após as análises, apresentaremos algumas conclusões de como a Semântica Argumentativa e a Linguística Textual oferecem bases conceituais para evidenciar a correlação entre os recursos argumentativos e os aspectos ideológicos presentes nos gêneros discursivos escritos por estudantes e veiculados nos jornais universitários estudados, além de sugerir novas possibilidades para pesquisas futuras.

## CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Selecionamos dois jornais universitários com o objetivo de realizar o levantamento dos gêneros discursivos neles presentes e enfatizar os seus recursos argumentativos e aspectos ideológicos. Analisaremos quatro edições de cada periódico, evidenciando os contrastes de suas produções, são eles:

- ***Écos universitários*** – jornal que funcionou como órgão oficial do centro acadêmico “Sedes *Sapientiae*”, com a participação efetiva das estudantes do centro exclusivamente feminino, da Faculdade de Filosofia Sedes *Sapientiae* do Estado de São Paulo, atual Pontifícia Universidade Católica (PUC). Circulava assuntos a respeito da organização dos estudantes em nível estadual e nacional, prevalecendo assuntos da organização interna; assuntos acadêmicos; da realidade social; divulgação de experiências; divulgação de conhecimento referente aos cursos oferecidos no *campus*; literatura e cultura. Por tratar-se de um centro de ensino católico, observamos, em vários textos, a presença da religiosidade católica e temas da fé cristã. Edições a serem analisadas: ano III, nº8, maio de 1949; ano III, nº12, maio de 1950; ano IV, nº 17, setembro de 1951; e ano VII, nº21, outubro de 1953.<sup>1</sup>
- ***Levanta, sacode a POEIRA e dá a volta por cima*** – teve início como uma articulação entre alguns diretórios acadêmicos para disputa das eleições de 1974 do Diretório Central dos Estudantes (DCE), da Fundação Universidade Estadual de Londrina- FUEL, atual Universidade Estadual de Londrina-UEL. Após a vitória da chapa Poeira para assumir o DCE, o jornal *Poeira* tornou-se o principal porta-voz do movimento estudantil (ME) da época, que permaneceu em circulação durante toda a gestão do grupo, de 1974 a 1978. Nesse período, os estudantes londrinenses protagonizaram o principal ME do Paraná em resistência à ditadura militar de 1964. Circulava assuntos a respeito da organização dos estudantes; as pautas do ME (federalização do ensino, transporte público, fim do exame obrigatório, entre outras); assuntos acadêmicos e da realidade social; assuntos políticos e culturais. Por tratar-se

---

<sup>1</sup> Estão em anexos todas as primeiras páginas das edições selecionadas do *Écos* e do *Poeira*.

de um jornal alternativo e militante, evidenciamos, em todos os textos, a posição política e ideológica contrária à ditadura, em busca da liberdade de expressão e da democracia. As edições a serem analisadas são: nº1, março de 1974; nº7, abril de 1975; boletim especial, janeiro de 1977; edição especial I, maio de 1977.

## ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho constitui-se das seguintes partes:

- **Introdução:** justificativa da escolha do tema, a apresentação dos objetivos, a metodologia utilizada, a constituição do corpus e a organização do trabalho.
- **Capítulo I:** apresentação de um breve histórico do jornal no Brasil e dos tipos de jornais: tradicional, sensacionalista e universitário.
- **Capítulo II:** definição de gêneros do discurso a partir das pesquisas com ênfase nas condições de produção, nas relações sociais e comunicacionais dos gêneros.
- **Capítulo III:** exposição das relações histórico-ideológicas nos gêneros dos jornais universitários em foco, evidenciando o momento histórico-social e as características ideológicas de suas produções.
- **Capítulo IV:** caracterização e apresentação dos recursos argumentativos teorizados pela Linguística Textual (intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e situacionalidade), e pela Semântica Argumentativa (adjetivação, processos intensificadores, operadores argumentativos e advérbios modalizadores).
- **Capítulo V:** análise de alguns gêneros discursivos produzidos pelos estudantes, veiculados nos jornais universitários em estudo, com a aplicação das teorias mobilizadas neste trabalho, ou seja: recursos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa e relações histórico-ideológicas presentes nos gêneros dos jornais universitários.
- **Considerações Finais:** apresentação dos resultados.

## **CAPÍTULO I**

### **O VEÍCULO MUDIÁTICO JORNAL**

#### **1.1 BREVE HISTÓRICO DO JORNAL NO BRASIL**

A troca de informações sempre foi uma atitude fundamental para a história da humanidade, assim, as formas de comunicação seguiram o desenvolvimento das sociedades e das tecnologias, passando da forma oral para o registro escrito, e por fim para a forma digital.

O jornalismo foi, durante todo esse progresso, o principal meio de comunicação, pois constitui-se em um processamento de fontes confiáveis de informação, uma elaboração da linguagem e uma distribuição de notícias na mídia (jornal, tv, revista, rádio, etc.), por meio de um trabalho profissional do jornalista, o que fez o jornalismo assumir um importante papel na história.

Desta forma, como afirma Rothberg (2011), o jornalismo assume determinados papéis em cada configuração social e época, como instrumento de ação social utilizado para manter e implementar certos valores sociais, assim, a produção simbólica do jornalismo pode servir a propósitos que aproximam a sociedade da democracia ou de regimes autoritários, por isso tem grande valor social.

Dentre todas as formas de materialização da atividade jornalística, o jornal é um dos principais veículos midiáticos, pelo qual o jornalismo pôde cumprir sua finalidade constituinte: informar, noticiar e comentar a respeito de acontecimentos sociais relevantes para o público leitor. De acordo com Bahia (1990a), jornalismo significa a transmissão de informações, fatos ou notícias, com exatidão, clareza e rapidez, conjugando atualidade, pensamento e ação. Rossi (1981, p.7) salienta que

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e dos corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra.

O uso da palavra, do texto e do discurso para as intenções jornalísticas são tão antigos quanto os intercâmbios comunicativos do homem. Como esclarece Bahia (1990b), conforme o passar do tempo, foram desenvolvidas racionalidade,

especialidades e características organizacionais próprias para a transmissão de informações. O que é confirmado pela história do desenvolvimento do jornalismo oral da Idade Média para um registro sistemático de informações, por meio da escrita, no Renascimento, seguido pelo surgimento dos jornais epistolares nos séculos XVI e XVII, escritos por oficiais, que procederam ao nascimento da imprensa jornalística.

O autor afirma que com o crescimento da regularidade de publicações, o profissionalismo, o aumento do público leitor e a distribuição feita pelos correios possibilitaram o surgimento das gazetas, as quais possuíam setores de noticiário, redação e administração, a primeira gazeta circulou em Viena em 1550. Com a invenção da tipografia, encerra-se o jornal manuscrito, marcando a revolução da imprensa, juntamente com a imprensa de Gutenberg, e o primeiro jornal impresso surge em 1605, publicado semanalmente.

No Brasil, o desenvolvimento da imprensa, como sistematiza Bahia (1990b), ocorre em três fases distintas e complementares. Segundo ele a primeira fase, entre 1808 e 1880, caracteriza-se por uma produção artesanal dos jornais, com condições técnicas precárias. Em seguida, há uma fase industrial, aliada com o desenvolvimento técnico, os jornais receberam reformulação com anúncios em cores e publicidade, com isso diversos periódicos passaram a tomar as notícias como mercadoria. Após o final da Segunda Guerra Mundial e a queda do Estado Novo, inicia-se a terceira fase, com uma influência do modelo norte-americano de jornalismo, considerado mais objetivo, caracterizando-se por empresas de comunicação.

Vários autores sistematizaram a história da imprensa no Brasil e debateram qual teria sido, de fato, o primeiro jornal brasileiro; para Barbosa (2010), seria a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que começou a circular em 10 de setembro de 1808, portanto, quatro meses depois da inauguração da Imprensa Régia, criada por D. João VI para constituir atividades administrativas importantes para a corte portuguesa instalada no Brasil, ou o *Correio Braziliense*, editado em Londres, desde julho de 1808, por Hipólito José da Costa.

De todo modo, como ressalta Barbosa (2010), é a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822) o jornal oficial da corte de Dom João, que inaugura a impressão no Brasil e a circulação regular de periódicos, criando condições para que a troca de

informações saia da esfera privada para o âmbito público. E com isso viabilizam-se outras publicações: livros, opúsculos, jornais e boletins, além de outros impressos clandestinos, por causa da censura, como o *Correio Braziliense* (1808-1822), caracterizado como jornal combativo.

[...] configura-se uma mítica de dois modelos para o jornalismo brasileiro a partir desse ponto inicial, gênese de uma história. Tal como nos primórdios da imprensa brasileira, numa linha evolutiva desse jornalismo, ainda hoje este seria – por uma questão de origem – enquadrado nessas duas formulações: de um lado, o jornalismo dependente dos favores oficiais, não afeto a controvérsias, que se coloca ao lado dos que estão no poder, e de outro, o jornalismo de combate. Assim, essa interpretação histórica referenda valores e modelos que servem a uma tipologia da profissão que é mais de ordem mítica do que de ordem histórica (BARBOSA, 2010, p.24).

Nas vésperas da independência do Brasil, em 21 de setembro de 1820, é datado o decreto que estabelece a liberdade de imprensa e, em 02 de março de 1821, o decreto suspendendo provisoriamente a censura prévia para imprensa em geral. Isso resulta, como reitera Marco Morel em seu artigo no livro *História da imprensa no Brasil* (2008), em um crescimento da imprensa, mas, ao mesmo tempo, permaneceu o controle dessa atividade com alterações constantes dessa legislação pelos parlamentares.

Como afirma Barbosa (2010), durante a década de 1820, circularam em todo país 53 jornais, muitos efêmeros, os principais foram: o *Jornal do Commercio* (1827) e o *Aurora Fluminense* (1827-1839). Durante as décadas de 1830 e 1840, os jornais destacam-se pelo seu aspecto material, o diálogo com o público leitor, o conteúdo das publicações e as filiações político-partidárias, período em que “as letras impressas passam a ser vistas como possibilidade de difusão de ideias, usadas particularmente com sentido político. Elaborados por indivíduos letrados, esses periódicos [...] ampliam os debates e polêmicas políticas” (Barbosa, 2010, p.51).

As historiadoras Abreu, Lattman e Ferreira (1996) fazem uma cronologia do surgimento dos principais jornais brasileiros: *O Jornal do Commercio* (1827); *O Estado de S. Paulo* (1875); imediatamente após a implantação da República, temos o *Brasil* (1891), e o *Correio da Manhã* (1901); *O Jornal* (1919); os jornais da década de 1920, como a *Folha da Noite* (1921), que deu origem à *Folha da Tarde* (1924) e ao *Folha da Manhã* (1925); *O Globo* (1925); *O Estado de Minas* e o *Diário Carioca* que surgiram em 1928; o *Diário de Notícias* (1930); o jornal *A*

*Manhã* (1941-1953); o jornal *A Noite* (1911), de Irineu Marinho, o qual começou a circular no Rio de Janeiro, sendo seguido por outros vespertinos, como *A Pátria*, *Vanguarda*, e *O Globo*, esse último também do grupo de Marinho. Nesse período, a oferta de matutinos cresceu bastante, com as publicações dos periódicos: *Imprensa*, *O Tempo*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *Manhã*, entre outros.

Pelas historiologias da imprensa brasileira, com base nos estudos de Barbosa (2007,2010), Sodré (1977) e Martins (2008), constatamos que a evolução da imprensa no país está integralmente ligada aos fatos históricos e políticos. Entre a Revolução de 1930 e o fim do Estado Novo em 1945, a imprensa acompanhou a instabilidade do Governo Provisório; a Revolução de 1932, apoiada pelos periódicos da época que defendiam eleições livres e a criação de uma Constituição, o que se concretizou em 1934. E, conseqüentemente, o estabelecimento do Estado Novo, em 1937, sendo a liberdade de imprensa controlada pelo Estado, com isso veio a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão regulador da censura dos jornais e revistas.

Seguindo os grandes eventos históricos, com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve uma modernização tecnológica e profissionalização da parte administrativa e operacional na área jornalística, adotando modelos norte-americanos. Os acontecimentos de 1945-1964, como o suicídio do presidente Getúlio Vargas (1954), o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, os ataques contra vários jornais que se opunham ao presidente, a renúncia de Jânio Quadros, a chegada de João Goulart, a adoção do regime parlamentarista foram fatos que contribuíram para o fortalecimento do jornalismo político. Durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), marcado pela urbanização e industrialização do país, a liberdade de imprensa, a chegada da TV e a grande audiência das rádios, os jornais mantiveram relações cordiais com o governo, informavam com objetividade, e o crescimento da publicidade privada proporcionou grande faturamento aos jornais nesse período.

Logo após o golpe militar de 1964, a imprensa passou por restrições do regime autoritário, principalmente com a publicação do Ato Institucional nº5, o famoso AI-5, em 1968, o qual introduzia a censura direta e indireta no país, com vigilâncias e prisões constantes. Nesse período, surgiu uma imprensa alternativa, com conteúdo de tom crítico em relação à situação econômica e política do país, os

principais foram: *O Pasquim* (1969), *Opinião* (1972) e *Movimento* (1975). Com a lenta e gradativa abertura política em 1974, porém não o fim do cerceamento à imprensa e aos atentados dos direitos humanos, a imprensa aumentou suas críticas ao governo e repercutiu as manifestações da oposição, nesse período, foram fundados jornais como o *Folha Dirigida*.

A partir da década de 1970, houve uma supremacia de temas sobre a economia nos jornais, fundando o jornalismo econômico com fatores como: o controle das informações de cunho político durante a ditadura; o alinhamento da imprensa com a sociedade política; a divulgação da economia liberal de mercado e da ideologia dominante; além da consolidação do processo de globalização e da revolução tecnológica.

Na década de 1980, os jornais sofreram a eclosão do chamado jornalismo investigativo, nesse período, a imprensa assumiu um papel de utilidade social. Com a redemocratização no Brasil, a partir de 1985, e com a criação da Constituição de 1988, o princípio da liberdade de imprensa foi garantido. Assim, a década de 1990 representa, para muitos autores, o momento em que a chamada cultura da comunicação começa a tomar forma, pelo processo de globalização funde-se a mídia de massa globalizada, com a comunicação mediada por computadores, e os jornais passam a informar sobre fatos mundiais, além dos nacionais e locais, fazendo com que o mercado jornalístico cresça.

Nos anos 2000, as narrativas sensacionalistas prevaleceram nos jornais diários, o destaque é dado ao medo e à violência do contexto urbano, como também a cobertura dos acontecimentos políticos, e conseqüentemente, influenciando a opinião pública. Com o surgimento de outras mídias, devido à globalização, os jornais modificaram as suas estratégias de alcance ao público, investindo em técnica e editorial, um desafio constante para os jornais impressos, muitos acabaram adaptando-se para edições *online*.

Percorrendo a breve história do jornal apresentada aqui, notamos diferentes estilos, formas, linguagem, pautas, público e modo de divulgação distintos, ressaltando a versatilidade da atividade jornalística, sempre atrelada a objetivos específicos do modo de transmitir a informação. Assim, o jornal pode apresentar formas mais tradicionais (modelos convencionais) ou inovadoras (linguagem sensacionalista), sempre dependendo do público alvo do periódico, do

foco de sua pauta e, principalmente, da sua linguagem.

## 1.2 JORNAL TRADICIONAL

Os jornais possuem um papel fundamental como veículo poderoso na divulgação de informação e relato de acontecimentos importantes da sociedade; os modelos tradicionais do jornal buscam a fidelidade com a verdade dos fatos que divulgam, possuem uma certa abrangência social e uma boa relação com o público leitor.

A busca da objetividade das informações sempre permeou a história da imprensa, por isso adotaremos aqui o termo jornal tradicional para os periódicos que mantiveram nas suas edições os modelos consagrados do discurso jornalístico, que foram sistematizados por Melo (2003), em quatro categorias distintas:

- a) jornalismo informativo: que “assegura a informação ao povo”, as mídias jornalísticas assumem esse modelo, o papel de registrar os fatos e acontecimentos relevantes e informá-los à sociedade;
- b) jornalismo opinativo: o qual “tem procurado influenciar o homem”, além de informar sobre os acontecimentos, reage diante das notícias, divulgando e difundindo opiniões, sejam elas próprias do veículo ou até mesmo do leitor, desta forma caracteriza-se como formador de opinião;
- c) jornalismo interpretativo: faz a “explanação das notícias”, divulga os fatos, que são esclarecidos, explicados e detalhados, desta forma, assume papel de informar e orientar, além de contribuir para o aumento de conhecimento da comunidade;
- d) jornalismo diversional: comenta “os aspectos pitorescos da vida cotidiana”, oferecendo informações não necessariamente utilitárias e buscando entretenimento a partir de seções que divirtam o público.

A existência dessa categorização apresentada por Melo (2003) é questionada pelos estudiosos do jornalismo, principalmente em relação às duas últimas categorias. Contudo, eles concordam que existem diferentes maneiras de divulgar a informação, e essas formas dos discursos jornalísticos são moldadas segundo o interesse do público leitor.

Desse modo, segundo o autor, podemos citar dois principais modelos jornalísticos: o informativo e o opinativo, ressaltando que cada um possui uma dimensão ideológica própria, independentemente do seu artifício narrativo, pois, segundo Melo (2003, p.27):

Se historicamente predominam essas duas categorias no jornalismo – o informativo e o opinativo – contemporaneamente elas convivem com categorias novas que correspondem às mutações experimentadas pelos processos jornalísticos [...] o jornalismo torna-se cada dia mais um negócio poderoso e suas formas de expressão buscam adequar-se aos desejos dos consumidores ou equiparar-se aos padrões das mensagens não jornalísticas que fluem através dos *mass media*.

Os jornais sempre serão, sem dúvida, um dos principais veículos de imprensa, pois possuem tendências cristalizadas nos modelos jornalísticos citados. Isso para cumprir o papel primordial do jornalismo: o de informar; influenciar na opinião pública, por meio de seus artigos e editoriais; divulgar com detalhes os fatos e os acontecimentos relevantes na sociedade; além de buscar alternativas para atrair o público leitor com o entretenimento: humor, jogos, dicas, entre outros.

Os jornais “são, portanto, veículos que se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias em que existem” (MELO, 2003, p.73).

Independente da modalidade de expressão adotada pelo jornal, nessa visão tradicional, esses periódicos possuem um padrão, dada a herança do desenvolvimento da imprensa brasileira, eles abordam assuntos temáticos (ex.: economia, política, esporte e outros); normalmente dividido em sessões, trazem as notícias e reportagens em uma linguagem formal, focada em transmitir informações de modo claro e objetivo.

Podemos citar, segundo a pesquisa feita, em 2014, pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), os principais jornais existentes no Brasil

da linha tradicional: *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Super Notícia*, *O*

*Estado de S. Paulo, Zero Hora, Extra, Daqui, Diário Gaúcho, Correio do Povo, Meia Hora.*

### 1.3 JORNAL SENSACIONALISTA

O jornal sensacionalista surge como uma nova roupagem do jornal tradicional, diferenciando-se pela modalidade do seu discurso, bem mais informal, com marcas linguísticas da oralidade, e destinado a um público de classe social mais inferior.

Isso foi resultado de uma nova linguagem que tomou conta do jornalismo a partir dos anos 1950, com o avanço do jornalismo popular. Esse tipo de jornal foi nomeado de jornalismo de sensações por Barbosa (2007), e para outros estudiosos de jornalismo sensacionalista – nome pelo qual se consagrou. Esse tipo de publicação utiliza-se muito do artifício da ilustração e das estratégias de oralidade em suas edições, além disso, é importante destacar que

esses jornais constroem um canal de comunicação entre o público, que é também eleitor, e as lideranças populistas, em que estas utilizam o apelo emocional veiculado por essas publicações para formar uma idéia de identidade e de pertencimento entre as partes [...]. O que permanece interpelando o público é exatamente essa estética, que se metamorfoseia em dramas as agruras do cotidiano dos grupos populares. O que permanece como ênfase nessas temáticas é o exagero, a hipérbole, a descrição densa, a linguagem incisiva (BARBOSA, 2007, p.213).

São essas tendências jornalísticas que constituem a essência do jornal *O Dia*, publicado na década de 1970, o segundo jornal mais vendido no Rio de Janeiro, com tiragem de quase 100 mil exemplares, alcançando os grupos de classes mais baixas, tornando-se, assim, um grande divulgador de opinião política, sobretudo do chamado “populismo de direita”. Esse sucesso era alcançado porque suas edições possuíam “70% de notícias de crime e de polícia, 20% de política e reivindicações operárias e 10% de esportes e divertimentos” (Barbosa, 2007, p.214).

Para a autora, esse tipo de jornalismo, além de apelar para as sensações físicas e psíquicas de seus leitores, sustentam as representações arquetípicas do melodrama nas suas narrativas, “tal como os gostos e anseios populares – formados na longa duração – também as sensações desse tipo de

narrativa que apelam ao imaginário que navegava entre sonho e realidade” (Barbosa, 2007, p.217).

Em São Paulo, o jornal mais popular foi o *Notícias Populares* (NP), que circulou de 1963 a 2001, ficou conhecido por suas manchetes exageradas, violentas e sexistas. Alcançou mais de 90 mil exemplares vendidos e distribuídos por mês no ano de 1991, segundo o trabalho de Dias (1996), esse jornal caracteriza um antimodelo comparado aos jornais tradicionais, pelo uso de gírias, de palavrões, de lugares-comuns ou expressões vulgares, léxico popular, linguagem coloquial, influência da oralidade, entre outras características que compõem o estilo sensacionalista do jornalismo popular.

O foco das publicações do NP está na dinâmica que o jornal manteve com a linguagem do seu público leitor, caracterizado por trabalhadores (do comércio, da prestação de serviços, das indústrias, etc.), como reitera Dias (1996, p.46) “os redatores do *NP* demonstram estar sempre em dia com as gírias, com as expressões da moda, [...], com a transcrição de pronúncias do povo”. E, desta forma, atendiam “a uma expectativa do leitor, da mesma maneira como quem fala procura satisfazer às expectativas do seu interlocutor” (DIAS, 1996, p.46).

A autora expõe que, em muitos ambientes, o *NP* tornava-se um instrumento de leitura compartilhada, os leitores eram atraídos pelo seu discurso, reflexo de uma ideologia que se identifica com o pensamento da classe popular. Nessa perspectiva, no jornalismo popular, “as aproximações com a língua falada são buscadas intencionalmente e constituem a tônica de seu discurso, razão pela qual ele se afasta das normas previstas pelos Manuais” (DIAS, 1996, p.49). Portanto, o manejo da linguagem no jornalismo popular utiliza de vários recursos nos níveis: discursivo, fonético, morfológico, sintático e lexical, para se aproximar de seus leitores, por meio das possibilidades expressivas que a língua falada possui: a de ser imediata, permitindo o registro sensacionalista dos fatos.

Verificamos que a maneira como o *NP* registrava os acontecimentos de crime e violência na cidade de São Paulo aproxima-se das formas apresentadas hoje em jornais policiais transmitidos na TV aberta, já que esses programas trazem, talvez de uma forma mais sofisticada, os recursos do jornalismo popular.

#### 1.4 JORNAL UNIVERSITÁRIO

O jornal universitário consolidou-se dentro da esfera acadêmica como importante meio de comunicação entre os estudantes, caracterizando-se como divulgador de ideias e propósitos das organizações estudantil nas instituições de ensino superior. Em geral, esses jornais são organizados pelo movimento estudantil (ME), por meio do Diretório Central dos Estudantes (DCE), entidade estudantil que representa o corpo discente de uma instituição de ensino superior com a função de organizar e divulgar as pautas do movimento estudantil, ou ainda através dos diretórios acadêmicos (DAs) e centros acadêmicos (CAs), entidades estudantis representantes de um curso específico ou de um centro acadêmico.

As edições desse tipo de periódico são organizadas por um conselho editorial formado pelos próprios estudantes de dada organização estudantil, sua produção tem um caráter mais artesanal, com textos escritos pelos estudantes, com propósitos comunicativos bem definidos de acordo com a necessidade dos estudantes.

Para compreender o papel do jornal universitário como divulgador dos ideais dos estudantes, devemos recuperar, na história, a importância da mobilização estudantil. Para isso, recorreremos ao breve histórico sobre a União Nacional dos Estudantes (UNE), que há mais de 70 anos é a entidade máxima de representação dos universitários brasileiros, e representa hoje cerca de seis milhões deles em todos os 26 Estados e do Distrito Federal, e está ligada a outras entidades representativas dos estudantes como diretórios acadêmicos (DAs), centros acadêmicos (CAs) e pelos diretórios centrais (DCEs).

A história da UNE, entidade fundada em 1937, confunde-se com a do Brasil moderno. Em um passado recente, participaram do movimento estudantil brasileiros pessoas como a presidenta Dilma Rousseff, o diplomata e poeta Vinicius de Moraes (1913-1980), o ex-governador de São Paulo José Serra, o cineasta Cacá Diegues, o religioso Frei Betto e o poeta Ferreira Gullar. Da campanha "o Petróleo é Nosso" na década de 1940, do enfrentamento ao nazi-fascismo e durante a resistência à última ditadura civil-militar, passando pelas "Diretas Já", pelo movimento dos "caras pintadas" contra o governo Collor, a luta contra os governos neoliberais nos anos 1990 e pelas jornadas de junho de 2013 por um país melhor, a UNE fez parte dos principais movimentos populares da história recente brasileira. Nos últimos anos, a entidade alcançou importantes conquistas para a educação brasileira, como a aprovação do Plano Nacional de Educação com o investimento de 10% do PIB no setor até 2024; e a destinação de

75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal para a educação. (Site da UNE)

Neste breve histórico da UNE, é perceptível a importância do movimento estudantil para o Brasil, tanto pelas lutas protagonizadas pelos estudantes durante a história do país, como também pela formação política de lideranças nacionais importantes. Dentre as principais bandeiras do movimento estão: as demandas dos movimentos sociais, a defesa da universidade pública, a permanência dos estudantes nas universidades e a qualidade da educação. Dentro dessa conjuntura, os jornais universitários são periódicos alternativos que promovem a comunicação entre os estudantes, o seu teor modificará dependendo do interesse dos estudantes e do período histórico.

Diversos periódicos estudantis existiram nas instituições de ensino superior no Brasil, mas poucos possuem registros, mesmo exercendo um papel fundamental na trajetória das organizações estudantis dentro das universidades. Muitas vezes o contato com essas edições limita-se aos estudantes que vivenciaram, durante a sua formação acadêmica, alguma organização estudantil que possuía um jornal.

Como exemplos de jornais universitários podemos citar os próprios periódicos que constituem o *corpus* deste trabalho, os jornais: *Écos universitários* e o *Levanta, sacode a POEIRA e dá a volta por cima* (conhecido também somente como: *Poeira*).

O jornal *Écos universitários* funcionou desde 1946 como órgão oficial do centro acadêmico *Sedes Sapientiae*, com a participação efetiva das estudantes da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae do Estado de São Paulo, campus exclusivamente feminino, que atualmente compõe a Pontifícia Universidade Católica (PUC). Nele circulavam assuntos sobre a organização dos estudantes, assuntos acadêmicos e do conhecimento, assuntos da realidade social, divulgação de experiências, literatura e cultura.

A escrita do *Écos universitários* aproxima-se de um modelo mais tradicional de jornal, pois a sua divulgação era ligada à própria universidade com o objetivo claro de informar as alunas e divulgar conhecimentos adquiridos na

academia.

O jornal *Poeira* foi produzido de 1974 a 1978 pelos estudantes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), protagonista do principal movimento estudantil de combate ao regime militar do Paraná, que por meio do periódico divulgava informes e elementos organizacionais do movimento, de acordo com Felismino (2015), “No plano nacional, *Poeira* foi um dos 25 jornais alternativos do país, entre mais de 150 do período militar, a sobreviver mais de cinco anos, mantendo elevado grau de autonomia, influência e qualidade editorial e gráfica” (FELISMINO, 2015, p.07).

O jornal *Poeira* está ligado ao movimento da Imprensa Alternativa, como eram chamados os canais de comunicação que burlavam os canais oficiais de informação do regime militar, tinha como principal objetivo resistir ao sistema ditatorial, desafiar os militares e informar as pessoas, sofrendo e superando a censura.

Assim, o *Poeira* caracterizou-se como um jornal desse movimento, como um poderoso instrumento de comunicação e de mobilização estudantil, tanto para assuntos internos da universidade – como a federalização do ensino universitário e luta pelo passe livre –, quanto sobre a situação vivida pelo país na ditadura militar, tornando-se uma referência para a busca da democratização do Brasil, sendo um jornal característico de movimento e tendência política de esquerda.

Evidenciamos na caracterização desses jornais universitários a clara diferença entre eles: enquanto o primeiro exercia papel de divulgador de informações e conhecimentos, por meio de textos escritos por estudantes e professores, e suas publicações regularizadas junto à instituição de ensino; o outro está intimamente ligado às lutas estudantis e sociais contra a ditadura militar de 1964, vividas pelo movimento estudantil da UEL, que de forma semelhante a outros periódicos alternativos deste período foram alvos das represálias dos militares.

A diferença de foco dos dois jornais universitários determina a sua linguagem, o seu conteúdo e os seus gêneros, mas ambos são peças fundamentais para entender a construção argumentativa e ideológica dos estudantes num dado período histórico, por isso nosso interesse em estudá-los paralelamente como uma

oportunidade de recuperar uma parte da história do movimento estudantil.

Hoje, encontramos nas universidades jornais com caráter informativo a respeito da instituição de ensino e produzidos pelas próprias reitorias. Os registros de jornais universitários impressos elaborados no passado são raros, atualmente, não achamos nenhum registro de periódico impresso produzido por estudantes; apenas alguns jornais dos alunos do curso de jornalismo, mas como um resultado de uma disciplina e não de uma articulação estudantil. Comumente as organizações de alunos utilizam-se dos recursos da internet (como *sites* e *blogs*) e das redes sociais para mobilização e troca de informações entre eles.

## CAPÍTULO II

### JORNAL UNIVERSITÁRIO E SEUS GÊNEROS

#### 2.1 GÊNEROS DISCURSIVOS

A linguagem é concebida por Bakhtin (1997) como fenômeno social, histórico e ideológico, isto é, como um instrumento social. Assim, o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos relacionados às necessidades comunicativas dos sujeitos e dos contextos que são utilizados, “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam estão relacionadas com a utilização da linguagem” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Logo, a interação entre os sujeitos mobiliza enunciados relativamente estáveis e marcados sócio-historicamente, por possuírem características temáticas, composicionais e estilísticas próprias para atender a uma determinada situação social. E esses enunciados, por estarem intimamente relacionados às práticas discursivas, são denominados gêneros do discurso.

Desta forma, cada esfera discursiva (situação social) possui um repertório próprio e heterogêneo de enunciados que refletem

as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Assim, os gêneros estão inter-relacionados às atividades comunicativas, e, de acordo com Marcuschi (2008), os gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos, definidos basicamente por seus propósitos (funções, intenções e interesses) e não por suas formas, pois se caracterizam pelos seus aspectos sócio-comunicativos e funcionais.

Portanto, cada domínio discursivo consiste “em práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros” (MARCUSCHI, 2008, 155), e cada esfera de atividade humana possui um repertório específico de gêneros, em que sua produção, circulação e recepção de discursos atendem às

demandas comunicativas de cada situação social. Para Bakhtin (1997, p.279),

a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

O autor ressalta ainda o caráter heterogêneo dos gêneros do discurso (orais e escritos), incluindo os mais simples (gêneros primários), como o diálogo cotidiano; e os mais complexos (gêneros secundários), como a tese científica, confirmando a grande heterogeneidade das esferas de utilização da língua.

Enquanto os primários (diálogo, carta, situação de interação face a face) são construídos em situações de comunicação ligadas a esferas sociais cotidianas de relação humana, os secundários são relacionados a outras esferas, públicas e mais complexas, de interação social, muitas vezes mediadas pela escrita e apresentando uma forma composicional monologizada, absorvendo, pois, e transmutando os gêneros primários. (KOCH, 2006,p.54).

Assim, os gêneros discursivos, vistos como um produto social, como ressalta Marcuschi (2008), não podem ser tratados independentemente de sua realidade social e de seu vínculo com as atividades humanas. Desta forma,

os gêneros devem ser vistos como arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos determinados pelas necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos enunciativos (KOCH, 2009, p. 163-164).

Para Bakhtin (1997), os gêneros do discurso apresentam três dimensões, essenciais e indissociáveis, que são: o conteúdo, o estilo e a construção composicional, todos determinados pelas condições de produção<sup>2</sup> do enunciado, pela apreciação valorativa sobre o tema abordado e a parceria da interação.

Cada dimensão que compõe os gêneros discursivos possui suas características próprias, o conteúdo refere-se aos temas que se tornam dizíveis por meio do gênero; o estilo relaciona-se às escolhas dos recursos linguísticos – lexicais, fraseológicos e gramaticais -, que demonstram os traços da posição

---

<sup>2</sup> As condições de produção (CPs), segundo Orlandi (2015), correspondem fundamentalmente aos sujeitos, à situação enunciativa e à memória. Em sentido estrito, é o contexto imediato da enunciação; em sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico e ideológico.

enunciativa do locutor; e a construção composicional corresponde aos elementos da estrutura (forma) do gênero (ROJO, 2005).

Os gêneros, por possuírem uma forma de composição, conteúdo temático e estilo específicos, como reitera Koch (2006), configuram-se em entidades escolhidas de acordo com a necessidade temática dos participantes e a vontade enunciativa do locutor. Deste modo, são as mediações comunicativas que cristalizam formas textuais, as quais permitem que as significações sociais sejam construídas, isto é, os gêneros

se concretizam materialmente em textos, mediante o discurso, sua concretização se dá a partir da escolha da forma de composição, do tema e do estilo, que são mobilizados e determinados pelo projeto enunciativo, o 'endereçamento' do enunciado que é assim o principal elemento definidor do gênero. (SOBRAL, 2009, p.130).

Visto que toda a comunicação verbal precede o uso de algum gênero do discurso, são eles que “organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as formas gramaticais (sintáticas). [...] Se não existissem os gêneros e se não os dominássemos [...], a comunicação verbal seria quase impossível” (BAKHTIN, 1997, p.302).

Ressaltamos que os gêneros como um produto social, mesmo constituídos por enunciados relativamente estáveis, estão sujeitos às mudanças decorrentes das transformações sociais e das novas formas de organização verbal (KOCH, 2006, p. 54). E, conforme Sobral (2009, p.115),

O gênero discursivo é estável porque conserva traços que o identificam como tal e é imutável porque está em constante transformação, se altera a cada vez que é empregado, havendo mesmo casos em que um gênero se transforma em outro.

De forma concisa, os gêneros discursivos são “padrões comunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas [...] construídos sociocognitivamente para atender aos objetivos de situações sociais diversas” (CAVALCANTE, 2016, p.44).

O discurso só pode existir na forma de enunciados concretos pertencentes a um determinado falante – o sujeito do discurso –, inseridos em uma prática discursiva. O enunciado é uma unidade real, precisamente delimitada pelos

sujeitos do discurso, e existe para satisfazer os propósitos específicos, isto é, ao conteúdo do pensamento dos próprios enunciadores no processo da enunciação (BAKHTIN, 1997).

A abordagem dos gêneros do discurso, como apresentam Charauedeau e Maingueneau (2014), centra-se nos estudos das condições de produção do discurso e em sua ancoragem social dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos. Essa definição baseia-se nas relações sociais e comunicacionais dos sujeitos, com a permissão de que o discurso realiza-se nos textos.

Nesse sentido, o sujeito é ativo no processo social da linguagem, pois, como afirma Orlandi (2015), são pelas relações entre os sujeitos na interação social que os possíveis sentidos e seus efeitos, múltiplos e variados, podem ser construídos, assim o discurso é efeito de sentidos produzidos entre locutores.

Ao adotar essa perspectiva, como enfatiza Rojo (2005), as análises serão detalhadas, principalmente nos aspectos sócio-históricos da situação comunicativa, enfatizando a vontade enunciativa do locutor e evidenciando as marcas linguísticas que refletem no enunciado/texto aspectos da enunciação<sup>3</sup>.

Os gêneros se concretizam materialmente em textos, mediante o discurso, sua concretização se dá a partir da escolha da forma de composição, do tema e do estilo, que são mobilizados e determinados pelo projeto enunciativo, o 'endereçamento' do enunciado que é assim o principal elemento definidor do gênero (SOBRAL, 2009, p.129).

Portanto, o discurso é visto como uma atividade comunicativa produtora de efeitos de sentido entre interlocutores, incluso os enunciados produzidos no momento da enunciação, regulados por uma exterioridade sócio-histórica e ideológica, ou seja, pelas condições de produção, que determinam as regularidades linguísticas, seu uso e função. O texto é resultado do discurso, determinado pelas condições de produção, enquanto unidade complexa de sentido, preenchendo uma função reconhecível e reconhecida dentro de uma determinada situação comunicativa (TRAVAGLIA, 2003).

---

<sup>3</sup> Enunciação entendida, na dimensão do discurso, como acontecimento sócio-histórico do enunciado (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2014).

Então, devemos ter certo cuidado para não confundir texto e discurso, enquanto o primeiro é uma unidade concreta materializada em texto, o segundo é aquilo que o texto produz dentro de uma instância discursiva, ou seja, o discurso se realiza nos textos. Por isso vale frisar que

não se pode confundir texto com discurso nem os dois com gênero; o discurso e o gênero definem a textualização no plano mais amplo das estruturas arquitetônicas, no plano dos todos de sentido; o discurso é definido nos termos do gênero e a “tradução” discursiva do gênero é que institui a textualidade e instaura sentidos (SOBRAL, 2009, p.133)

Já que os gêneros mobilizam formas textuais mediante o discurso, como reforça Sobral (2009), o discurso é o espaço para essa mobilização, enquanto o texto é o local para as escolhas dos recursos linguísticos e estilísticos. Essa relação acontece no domínio discursivo, pois a escolha do gênero é dependente das instâncias discursivas “que constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p.155), pois

Esses domínios não são textos nem discursos, mas proporcionam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc, já que as atividades jurídicas, jornalísticas ou religiosas não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles (ROJO, 2005, p.187).

E são as práticas sociais desenvolvidas nos diversos domínios discursivos que norteiam o comportamento dos sujeitos, por exemplo, o comportamento discursivo num circo não pode ser o mesmo que em uma igreja. De forma que “os domínios discursivos funcionam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p.194).

A partir dos apontamentos teóricos já levantados, chegamos à união do gênero, ao seu envolvimento social; pois como prática de linguagem tem dependência com a situação de comunicação – esfera discursiva, condições de produção, sujeitos do discurso, vontade enunciativa, modalidade da linguagem e suporte –, que determinam o uso de certo gênero do discurso – tema, composição e estilo –, o qual materializa efeitos de sentido.

Apresentamos até aqui as principais noções a respeito dos gêneros

discursivos, de modo geral, na perspectiva bakhtiniana. A partir desses dados teóricos introduziremos, especificamente, o objeto de estudo dessa pesquisa: os gêneros do jornal universitário.

Primeiramente, enfatizaremos que a linguagem jornalística é altamente performativa e frequentemente empregada pelos sujeitos, não apenas utilizada pelos jornalistas para realizarem práticas discursivas fundamentais para a comunicação e interação na sociedade, mas também para a troca de informações e opiniões sobre assuntos ou acontecimentos relevantes. Como afirma Bahia (1971), a informação tem um importante lugar na sociedade, e por isso os veículos de informação são instituições sociais que se colocam a serviço do desenvolvimento, ao reunir, escrever e distribuir as notícias.

Assim, o jornalismo articula-se em função de dois núcleos fundamentais: “a informação (saber o que se passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que passa). Daí o relato jornalístico haver assumido duas modalidades: a descrição e a versão dos fatos” (MELO, 2003, p. 63). Nessa perspectiva, podemos definir os gêneros jornalísticos

como um conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativa dos agentes do fazer jornalístico, estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resulta em unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo do processo social de transmissão de informações por meio de uma mídia/suporte (MELO, 2010, p.47).

Logo, os gêneros jornalísticos equivalem a formatos textuais – com temas, estilos e composições específicas – para atender os propósitos comunicativos do jornal (informar e opinar); e pelo emprego da linguagem jornalística apresentar fatos (narração) e expor opiniões (argumentação) sobre conflitos, falas e acontecimentos importantes dentro de um determinado cenário sócio-histórico.

Todos os textos situam-se em domínios discursivos, uma esfera da vida social que produz contextos e situações para práticas sociodiscursivas específicas. Dito isso, os gêneros do jornal possuem uma dependência com o discurso jornalístico – que condiz com uma determinada formação discursiva<sup>4</sup>, ao

---

<sup>4</sup> “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser

domínio discursivo do jornalismo e os seus textos correspondentes, como podemos observar na tabela abaixo:

Quadro 1: Gêneros do domínio do discurso jornalístico

| Domínios discursivos | Modalidades de uso da língua  |  |
|----------------------|---|--|
|                      | Escrita   | Oralidade  |
| <b>Jornalísticos</b> | Editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas, crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; anúncios fúnebres; cartas do leitor; cartas ao leitor; resumo de novelas; reclamações; capas de revista; expediente; boletim do tempo; sinopse de novela; resumo de filme; cartoon; caricatura; enquete; roteiros; errata; charge; programação semanal; agenda de viagem | Entrevistas jornalísticas; entrevistas televisas; entrevistas radiofônicas; entrevista coletiva; notícia de tv; notícia de rádio; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico; boletim do tempo |

Fonte: (MARCUSCHI 2008, p.195).

Esses textos estão agrupados como gêneros do discurso jornalístico por apresentarem características comunicativas comuns, que não restringem ao que é dito, mas ao modo de dizer. Estão relacionados a uma instância de atividade humana específica – a jornalística – pois eles argumentam, expõem, relatam, narram e descrevem fatos relevantes da sociedade.

E para atingirem a sociedade, circulam fixos a um suporte – jornal, revista, rádio, televisão – locais de produção e recepção dos gêneros jornalísticos. Dessa forma, a relação entre discurso jornalístico e sua materialização em diversos gêneros discursivos só é possível pela existência de um suporte.

Definimos “como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado em texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174), ou seja, o suporte é um lugar (físico ou virtual), pode ser convencional ou incidental, possui um formato específico, serve para fixar e mostrar textos.

---

dito” (ORLANDI, 2015, p.41).

Em relação aos gêneros jornalísticos há uma relação bastante dependente entre gênero e suporte. Focalizaremos, nessa pesquisa, o caso do jornal, o qual corresponde a um suporte convencional, fixando inúmeros gêneros discursivos, que estão relacionados às atividades do jornalismo: informar, comentar e opinar fatos importantes da vida social dos sujeitos. O jornal – diário ou semanal – é um suporte típico de muitos textos, “esses gêneros são, em boa medida, típicos e recebem, em função do suporte, algumas características em certos casos, tal como o da notícia” (MARCUSCHI, 2008, p. 179).

Nesse caso, os sujeitos associam vários gêneros como típicas manifestações do discurso jornalístico, por exemplo: a notícia e a reportagem. Outros gêneros adquirem novas características, dependendo da associação a um determinado suporte, citamos o caso da crônica, quando está em um livro tem características da esfera literária e, se encontrada em jornal, pode apresentar uma linguagem e forma distintas de acordo com a esfera jornalística.

Ressaltamos que os gêneros jornalísticos são as classificações de formas de texto e não de conteúdo, pois eles servem de ferramentas para atender a práticas discursivas diversas dentro da esfera jornalística, em que os temas podem ser apresentados de formas diferentes e em nova composição. Para exemplificar, citaremos o seguinte caso: se uma entrevista é apresentada na estrutura de perguntas e respostas terá um tipo de composição textual, diferentemente se a mesma entrevista for transcrita em forma de matéria. Isso quer dizer que o conteúdo permaneceria o mesmo, o que mudaria seria a escolha da forma composicional e o estilo, consagrando o discurso jornalístico como altamente performativo.

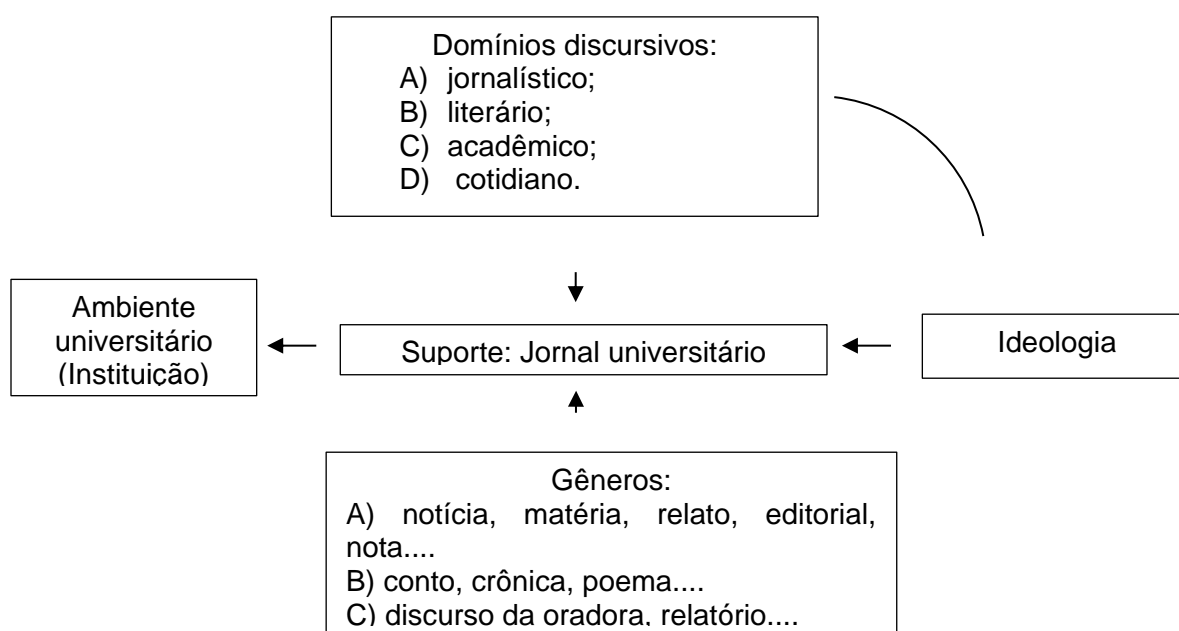
Isso prova que os gêneros discursivos são mobilizados de acordo com os propósitos comunicativos específicos, atendendo as demandas de um certo grupo social, de modo que diferentes formas textuais podem estar veiculadas em jornais, inclusive com formações discursivas que extrapolam o domínio discursivo do jornalismo.

Tal fato é verificado no jornal universitário, que compõe o *corpus* desta pesquisa, e, por ser um importante meio de comunicação entre os estudantes de uma determinada instituição de ensino, os gêneros que compõem esse suporte atendem as necessidades comunicativas desses sujeitos, que modificam-se de acordo com a forma que os estudantes se organizavam.

Portanto, a maioria dos gêneros veiculados nesse tipo de periódico são escritos por estudantes e, direcionados para atender aos propósitos comunicativos específicos deste público, apresentam formações discursivas além da jornalística, com gêneros do domínio literário, acadêmico, cotidiano, entre outros.

No esquema abaixo, demonstramos a relação dos gêneros discursivos e seu suporte, no caso deste trabalho, os jornais universitários, evidenciando a relação desses gêneros com o domínio discursivo e a formação discursiva que apresentam:

Figura 1: Relação de gênero e suporte



Fonte: baseada em Marcuschi (2008).

Em vista do que foi apresentado, constatamos a variedade de gêneros discursivos que o jornal universitário, como suporte, abrange. Essa versatilidade de textos só existe para responder as demandas sociodiscursivas dos estudantes, atendendo as suas necessidades comunicativas e materializando em seu discurso a vivência sócio-histórica e ideológica desse grupo. Pois, como reitera Rojo (2005), cada época e cada grupo social possui seu próprio repertório de formas de discurso inseridos na sua comunicação sócio-ideológica e cada forma de discurso social corresponde a um grupo de gêneros.

Neste contexto, os estudantes formam um grupo social específico que,

consequentemente, possui um repertório de gêneros do discurso, que contemplam sua demanda sociodiscursiva e são determinados pelas condições de produção em que estão inseridos.

Então, a produção desse repertório de gêneros do discurso corresponde à dinâmica exercida entre os seus diferentes domínios discursivos e à formação discursiva dos sujeitos do discurso, ou seja, os gêneros discursivos produzem efeitos de sentidos ligados a formação ideológica dos discentes, proveniente da conjuntura sócio-histórica na qual estão inseridos, como também a influência do ambiente universitário.

Estudar esse tipo de periódico nos permite analisar um acervo rico de manifestações linguísticas produzidas por esse grupo social; em consequência disso, devemos investigar influências históricas e ideológicas na formação desses indivíduos como sujeitos do discurso, averiguando as condições de produção que permitiram a construção de determinados gêneros discursivos.

Diante disso, propomos estudar os gêneros discursivos veiculados nos jornais universitários focalizando o papel comunicativo deles na esfera acadêmica, analisando a construção argumentativa dos textos produzidos por estudantes e veiculados neste suporte, explicitando as influências históricas e ideológicas do momento de sua produção. E para isso apresentaremos, na próxima seção, de forma detalhada, os gêneros presentes nos jornais universitários estudados.

## 2.2 GÊNEROS ENCONTRADOS NOS JORNAIS UNIVERSITÁRIOS

O jornal corresponde a uma prática social fundamental para a comunicação e interação social, principalmente pela troca de informações e opiniões em relação a assuntos relevantes, que são mobilizados pelos gêneros presentes neste suporte. Além de possuir essas características, os jornais universitários funcionam como instrumento para atender as demandas comunicativas dos estudantes, por isso sua funcionalidade está adequada aos objetivos de uma dada organização estudantil.

Os jornais universitários analisados nessa pesquisa são: o *Écos universitários* e o *Poeira*, ambos funcionavam como importantes meios de

comunicação entre os estudantes. O primeiro era veiculado ao centro acadêmico da Faculdade *Sedes Sapientiae* e o segundo, ao diretório dos estudantes da Fundação Universidade Estadual de Londrina (FUEL).

O jornal universitário *Écos Universitários* foi fruto da organização das estudantes da Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientae*, funcionando como órgão oficial do centro acadêmico da instituição, as publicações enfatizam questões da vida acadêmica e a troca de conhecimento. Esse periódico é um exemplo de uma organização estudantil interna, uma vez que objetiva principalmente as experiências vividas pelas estudantes dentro da instituição de ensino superior. Outro dado fundamental é que, por meio da leitura desse jornal, verificamos como funcionava um campus exclusivamente feminino, e conseqüentemente qual era o papel das mulheres universitárias na década de 1950, época em que elas começaram a frequentar o ensino superior em maior número.

O jornal universitário *Poeira* originou-se da articulação entre os diretórios acadêmicos da UEL, concretizou-se como jornal do Diretório dos Estudantes da universidade, inclusive sua organização ultrapassa os muros da universidade por assumir um movimento de luta em oposição ao regime da ditadura militar, estabelecendo um papel de destaque no movimento estudantil (ME) em nível estadual e nacional. Esse periódico é um exemplo de organização estudantil que tratava não só dos assuntos acadêmicos, mas também discutia a realidade social e política do Brasil, assim, esse jornal universitário era considerado militante.

Isso demonstra como as edições dos jornais universitários moldam-se de acordo com a forma como os estudantes se articulam aos objetivos dessa mobilização. Consideramos os jornais como “veículos de comunicação para o exercício de várias atividades, sendo as duas mais importantes a divulgação da informação e a expressão de opinião” (ALVES FILHO, 2011, p.89). Dessa forma, esses periódicos podem ser mais informativos ou mais opinativos dependendo da maneira como os estudantes se posicionam diante da sua realidade.

Para a produção de um jornal convencional mobiliza-se três atores sociais importantes: os jornalistas, os colaboradores e os leitores. No caso dos jornais universitários, essa dinâmica é um pouco diferente, a equipe editorial sempre é composta por estudantes de diferentes áreas do conhecimento, os quais escrevem para o periódico, os colaboradores podem ser os docentes da instituição ou até

mesmo os demais colegas, e o público leitor, geralmente, restringe-se ao corpo discente.

No caso do jornal *Écos universitários*, a produção era bem amadora, os textos eram produzidos pelas alunas e alguns professores, não havia uma editoração especializada e uma forma padrão de organizar os textos, eles eram compilados de forma desordenada, inclusive com cortes dos textos em diversas páginas. As responsáveis pela editoração final eram as alunas eleitas para compor a coordenação do centro acadêmico do “*Sedes Sapientiae*”, além da publicação do jornal ser aprovada pela Faculdade, respeitando os preceitos da instituição.

O jornal *Poeira* recebia apoio de jornalistas profissionais e a sua equipe editorial era formada por estudantes, uma grande parte dela era estudantes do curso de jornalismo da FUEL, por meio da confecção do periódico vivenciavam uma liberdade de expressão que poderiam não experimentar no mercado de trabalho. Para manter um bom padrão editorial do jornal todos os alunos que compunham a equipe do *Poeira* faziam parte do Grupo de Estudos de Imprensa Estudantil do DCE de Londrina, que oferecia aulas teóricas e práticas a respeito do jornalismo estudantil; além de que todos os alunos da universidade eram convidados a opinarem sobre os temas trabalhados nas edições. O *Poeira*, mesmo sendo o jornal oficial do DCE, adquiriu uma autonomia tão grande da instituição que, muitas de suas edições, tratavam de assuntos polêmicos, envolvendo acontecimentos políticos e criticando inclusive a Reitoria.

Ressaltamos a importância dos indivíduos inseridos nas relações sociais, já que eles só se constituem em sujeitos do discurso ao passarem pelo assujeitamento histórico e ideológico, para assim produzirem sentidos dentro do processo enunciativo. Na linha bakhtiniana, o sujeito é elemento atuante no processo comunicativo, por estar inserido na sociedade e utilizar a linguagem como produto social na interação estabelecida pelos sujeitos.

As interações sociais protagonizadas pelos estudantes, constituídos como sujeitos do discurso, resultam em diferentes formas textuais, que são veiculadas pelos jornais universitários, sendo, em sua maioria, gêneros pertencentes à esfera jornalística. Contudo, também apresentam gêneros de outras formações discursivas, como da literária, da acadêmica e do cotidiano, que dialogam com a realidade acadêmica, e suas produções estão estreitamente ligadas ao contexto

histórico, ideológico e sociocultural vivenciados pelos estudantes em um determinado período.

Para estudar os gêneros discursivos encontrados nos jornais universitários *Écos Universitários* e *Poeira*, sabendo que cada um desses periódicos apresenta um repertório de gêneros correspondentes às necessidades comunicativas específicas de cada grupo de estudantes e da sua forma de organização estudantil, apresentaremos o levantamento dos gêneros veiculados nas edições estudadas<sup>5</sup>. Verificamos a presença de 38 gêneros, sendo que 34 deles foram escritos por estudantes ou pela equipe editorial – formada também por estudantes –, os dados estão na tabela a seguir:

Quadro 2: Os gêneros encontrados nos jornais universitários estudados

|    | Gêneros discursivos          | Écos Universitários | Poeira |
|----|------------------------------|---------------------|--------|
| 1  | abaixo assinado              | -                   | 1      |
| 2  | anotações de uma conferência | -                   | 1      |
| 3  | artigo de opinião            | 4                   | 7      |
| 4  | cabeçalho                    | 4                   | 4      |
| 5  | charge                       | -                   | 46     |
| 6  | carta                        | 1                   | -      |
| 7  | conto                        | 1                   | -      |
| 8  | convite                      | -                   | 1      |
| 9  | crônica                      | 4                   | -      |
| 10 | depoimentos                  | -                   | 4      |
| 11 | diário                       | 1                   | -      |
| 12 | discurso da oradora          | 1                   | -      |
| 13 | divulgação de concurso       | -                   | 1      |
| 14 | editorial                    | -                   | 2      |
| 15 | enquete                      | 2                   | 1      |
| 16 | ensaio                       | 1                   | -      |
| 17 | entrevista                   | 1                   | -      |

<sup>5</sup> Foram estudadas 4 edições de cada um dos jornais universitários selecionados. Edições do *Écos Universitários*: ano III, nº8, maio de 1949; ano III, nº12, maio de 1950; ano IV, nº 17, setembro de 1951; e ano VII, nº21, outubro de 1953. Edições do *Poeira*: nº1, março de 1974; nº7 e abril de 1975, boletim especial, janeiro de 1977 e edição especial I, maio de 1997.

|    |                      |   |    |
|----|----------------------|---|----|
| 18 | foto-manchete        | 3 | 35 |
| 19 | homenagem            | 1 | -  |
| 20 | ilustração           | 1 | 48 |
| 21 | informes             | 1 | 7  |
| 22 | manchete (sumário)   | - | 4  |
| 23 | matéria              | 3 | 4  |
| 24 | memorial             | - | 3  |
| 25 | nota                 | 7 | 8  |
| 26 | nota de apresentação | 2 | -  |
| 27 | nota de expediente   | 4 | 3  |
| 28 | nota explicativa     | 7 | -  |
| 29 | notícia              | 5 | 19 |
| 30 | palavras cruzadas    | 3 | -  |
| 31 | piada                | 4 | -  |
| 32 | poema                | 7 | -  |
| 33 | relato               | 4 | -  |
| 34 | relatório            | 3 | -  |

Fonte: elaborado pela autora.

A primeira observação acerca dos dados presentes nesta tabela é que a quantidade de ocorrência de cada um dos gêneros apresentadas nos periódicos foi distinta devido ao formato e quantidade de páginas das edições selecionadas, pois duas edições do *Écos* possuem 6 páginas e as outras duas 8 páginas; e duas edições do *Poeira* apresentam 24 páginas, uma edição tem 8 páginas e a outra, 4 páginas.

A presença de certos gêneros discursivos em um dos jornais e a sua ausência no outro está ligada aos propósitos sociodiscursivos de cada grupo de estudantes, correspondendo às suas necessidades comunicacionais inseridas dentro do contexto sócio-histórico onde veiculava esses suportes.

Nesse sentido, o interesse do nosso estudo não está na construção textual ou formato composicional destes gêneros, mas sim na relevância dos gêneros do discurso como produtos de materialização discursiva relacionados a determinadas condições de produção, que permeiam as relações enunciativas

estabelecidas entre os estudantes e o jornal universitário.

Outra observação a fazer é de que os gêneros fixos nas edições dos jornais universitários em foco pertencem a diferentes esferas discursivas. Como apresentamos na tabela abaixo:

Quadro 3: Os gêneros dos jornais universitários estudados e sua formação discursiva

| <b>Formação discursiva</b>   |                        |  |   |
|--|------------------------|--|---|
| <b>Jornalístico</b>  | <b>Literário</b>       | <b>Acadêmico</b>   | <b>Cotidiano</b>                                |
| notícia; matéria; relato; editorial; enquete; nota; artigo de opinião; depoimentos; relato; entrevista; cabeçalho; manchete; divulgação de concurso; charge; foto-manchete; ilustração; palavras cruzadas. | conto, crônica, poema. | ensaio; relatório; anotações de conferência; informes; memorial; homenagem; discurso da oradora. | abaixo assinado; carta; convite; diário; piada. |

Fonte: elaborado pela autora.

Esses dados revelam a diversidade de práticas discursivas realizadas pelos estudantes, no contexto dos jornais estudados, que para atendê-las mobilizavam gêneros de diferentes domínios do discurso, que concretizavam determinadas formações discursivas, isto é, os estudantes ao escreverem os textos materializavam em seu discurso, por meio do manejo dos recursos linguísticos, posicionamentos ideológicos provenientes de suas vivências em uma conjuntura sócio-histórica determinada.

Fato que torna a própria instituição de ensino superior um aspecto fundamental para a constituição desses discursos, pois é no ambiente acadêmico onde os estudantes formulam suas formações ideológicas e discursivas, que estão relacionadas com as experiências oportunizadas nesse espaço, como a organização estudantil e a formação intelectual.

Nesse sentido, compreender a conjuntura sócio-histórica em que os estudantes estavam inseridos e suas vivências no meio acadêmico são

fundamentais para entender a mobilização de certos gêneros discursivos e a materialização do discurso neles presentes.

O jornal *Écos universitários* era veiculado em uma faculdade particular, em um centro exclusivamente feminino, com estrutura de ensino pautada nos preceitos da fé católica. Esse ambiente mais conservador direcionava a publicação do jornal com enfoque em certos assuntos, como a organização das estudantes - prevalecendo assuntos da organização interna; assuntos acadêmicos; assuntos da realidade social; de divulgação de experiências; de divulgação de conhecimento; literatura e cultura, justificando a forma como esses conteúdos eram apresentados nos gêneros mobilizados pelas estudantes, com traços da religiosidade católica e temas da fé cristã.

Já o jornal *Poeira*, que circulou de 1974 a 1978, funcionou como o principal meio de comunicação do Diretório Central dos Estudantes (DCE), sendo o porta-voz das demandas e reivindicações do movimento estudantil (ME): federalização do ensino; transporte público; fim do exame obrigatório; assuntos acadêmicos e da realidade social; assuntos políticos e culturais. Esse contexto já justificaria o caráter mais opinativo desse periódico na mobilização dos gêneros do discurso, ainda mais somado ao momento histórico vivenciado por esse grupo de estudantes: a ditadura militar. O que justifica a maneira como os conteúdos eram tratados, como forma de resistência e embate ao contexto ditatorial, e a forte presença da posição política e ideológica contrária à ditadura, em busca da liberdade de expressão e da democracia.

Assim, esses grupos de estudantes, constituídos como sujeitos do discurso e inseridos em determinadas condições de produção, formulavam um repertório de gêneros compatíveis com as suas necessidades comunicacionais, os quais circulavam fixos nos jornais universitários.

E, nesse sentido, a organização de cada um desses periódicos possui suas particularidades, como apresenta Bonini (2011), a estruturação de um jornal, como um suporte de textos, segue o princípio da proximidade dos propósitos comunicativos principais de um jornal, de forma que os gêneros se subdividem em: centrais, os que mais atendem esses propósitos; e periféricos, que possuem menos proximidade com os propósitos. Os gêneros centrais podem ser presos ou livres conforme o papel que desempenham na estruturação do suporte jornal.

Seguindo a proposta do autor, apresentaremos, nas tabelas a seguir, as especificidades do formato da organização dos jornais universitários estudados, indicando os gêneros que compõem cada um deles e sua disposição nas edições focalizadas.

No caso do jornal *Écos Universitários* a composição apresenta-se da seguinte forma:

Quadro 4: Gêneros que constituem o jornal *Écos Universitários*

| Centrais           |                     | Periféricos       |
|--------------------|---------------------|-------------------|
| Presos             | Livres              |                   |
| cabeçalho          | notícia             | informes          |
| nota de expediente | matéria             | palavras cruzadas |
|                    | artigo de opinião   | piada             |
|                    | relato              |                   |
|                    | enquete             |                   |
|                    | entrevista          |                   |
|                    | foto-manchete       |                   |
|                    | ilustração          |                   |
|                    | relatório           |                   |
|                    | notas               |                   |
|                    | ensaio              |                   |
|                    | carta               |                   |
|                    | conto               |                   |
|                    | crônica             |                   |
|                    | poema               |                   |
|                    | diário              |                   |
|                    | discurso da oradora |                   |
|                    | homenagem           |                   |

Fonte: elaborado pela autora.

As presenças desses gêneros indicam os propósitos comunicativos atendidos por esse suporte, por conseguinte as interações vivenciadas por esses estudantes, que perpassam as formações discursivas do jornalismo, da academia, da literatura e do cotidiano. A disposição dos gêneros também indica um caráter mais informativo do *Écos Universitários*.

No caso do jornal *Poeira*, a composição dos gêneros apresenta-se da seguinte forma:

Quadro 5: Gêneros que constituem o jornal *Poeira*

| Centrais           |                   | Periféricos            |
|--------------------|-------------------|------------------------|
| Presos             | Livres            |                        |
| cabeçalho          | notícia           | informes               |
| nota de expediente | matéria           | divulgação de concurso |
| manchete (sumário) | editorial         | convite                |
|                    | artigo de opinião |                        |
|                    | enquete           |                        |
|                    | foto-manchete     |                        |
|                    | ilustração        |                        |
|                    | charges           |                        |
|                    | notas             |                        |
|                    | depoimentos       |                        |
|                    | memorial          |                        |
|                    | anotações de uma  |                        |
|                    | conferência       |                        |
|                    | abaixo-assinado   |                        |

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse caso, as presenças desses gêneros indicam outros propósitos discursivos dos estudantes, concentrados, principalmente, na formação discursiva jornalística, e com menos ênfase nas formações discursivas do meio acadêmico e da esfera cotidiana. Essa disposição de gêneros indica um caráter mais opinativo do jornal *Poeira*.

Os quadros demonstram as especificidades sociodiscursivas de cada grupo de estudantes, por meio dos gêneros mobilizados e pela sua organização dentro dos jornais universitários estudados; o que nos permite inferir uma tendência dos gêneros discursivos do *Écos Universitários* serem mais informativos, enquanto os gêneros veiculados no jornal *Poeira* serem mais opinativos.

Essa percepção corresponde às principais categorias do jornalismo: o

jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. Porém, vale ressaltar que há divergências teóricas em relação à divisão de jornalismo informativo e opinativo entre os estudiosos, por compreenderem que nas formas de expressão jornalísticas já estão inseridas a intenção de informar e de opinar, na ideia de que não existe neutralidade ideológica nesses dois processos. De todo modo, seguindo a divisão de gêneros postuladas por Melo (2003), o jornalismo está articulado principalmente em dois eixos: a informação (apresentar o que se passa) e a opinião (emitir posicionamentos sobre o que se passa).

Seguindo essa ideia, o autor expõe que os gêneros correspondem a essas tendências jornalísticas, propondo a seguinte classificação:

Quadro 6: Gêneros do jornalismo informativo e opinativo

| <b>Gêneros do jornalismo Informativo</b>        | <b>Gêneros do jornalismo Opinativo</b>   |
|---|--|
| nota;<br>notícia;<br>reportagem;<br>entrevista. | editorial;<br>comentário;<br>artigo;<br>resenha;<br>coluna;<br>crônica;<br>caricatura;<br>carta. |

Fonte: baseado em Melo (2003).

Verificamos na composição dos jornais universitários estudados, a presença marcante de gêneros do jornalismo informativo no *Écos Universitários*, e o predomínio de gêneros do jornalismo opinativo no *Poeira*. Isso está relacionado aos aspectos de situação social de cada um desses suportes, sendo o primeiro ligado à divulgação de conhecimentos entre os estudantes, e o segundo relacionado à posição militante dos estudantes contra a ditadura militar.

A partir de todas as questões levantadas e com base nas perspectivas teóricas do gênero do discurso, selecionaremos para análise alguns dos gêneros discursivos presentes nos jornais *Écos universitários* e *Poeira*, focalizando as condições de produção dessas formas textuais nas relações sociais estabelecidas

entre os estudantes, na especificidade de cada periódico, e como eles materializam a ideologia pela construção argumentativa desses gêneros.

### **CAPÍTULO III:**

## **AS RELAÇÕES HISTÓRICO-IDEOLÓGICAS NOS GÊNEROS DO JORNAL UNIVERSITÁRIO**

### **3.1 MOMENTO HISTÓRICO-SOCIAL DOS JORNAIS UNIVERSITÁRIOS EM FOCO**

Entender o contexto histórico social em que as produções dos jornais universitários em foco estão inseridas fornece indícios relevantes para as análises dos gêneros dos discursos escritos pelos estudantes. No caso dos textos de comunicação, como aponta Maingueneau (2013), o contexto situacional e o conhecimento de mundo em torno do momento e lugar da enunciação revelam índices para fundamentar hipóteses de certos efeitos de sentido neles presentes.

Estes dados estão intrinsecamente ligados às condições de produção desses discursos, interferindo na escolha do gênero do discurso usado, no manejo dos mecanismos linguísticos e nos procedimentos argumentativos dos textos produzidos por estudantes, pois, como postula Orlandi (2015), as palavras adquirem determinados sentidos pela história e pela língua.

Em vista disso, apresentaremos algumas informações a respeito do momento histórico de cada jornal, pois isso configura uma influência fundamental na formação ideológica e discursiva dos estudantes, que, ao assumirem o papel de sujeito do discurso, são interpelados pela ideologia e pela história.

Assim, os estudantes só produzem determinados efeitos de sentido, por meio dos gêneros discursivos veiculados pelos jornais universitários, por estarem vivenciando a conjuntura sócio-histórica e ideológica do momento e nas condições em que esses periódicos eram veiculados.

Apresentar dois jornais universitários de períodos distintos é fundamental para responder nossa pergunta inicial: como as teorias dos Estudos da Linguagem possibilitam analisar a correlação entre recursos argumentativos e aspectos ideológicos nos gêneros discursivos escritos por estudantes, em que as produções desses periódicos são resultantes de diferentes formas de organização estudantil?

O jornal universitário *Écos Universitários* circulava no Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*, em São

Paulo. Inicialmente apenas Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*, foi a primeira faculdade de filosofia do Brasil, aprovada pelo governo federal, fundada pelas Cónegas Regulares de Santo Agostinho – grupo de religiosas pertencentes a certas comunidades católicas, que vivem segundo uma regra e professam votos –, em 22 de dezembro de 1932. A Ordem sempre se dedicou para promover a educação cristã das jovens, por isso a faculdade era filiada à Associação Instrutora da Juventude Feminina, estabelecida no ano de 1907 (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

Com a licença de funcionamento, o curso iniciou-se em 1933, nas dependências do colégio que pertencia às Cónegas de Santo Agostinho e era dirigido a moças. A faculdade compreendia as seções de Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia, além do Curso Especial de Didática.<sup>6</sup> Até o ano de 1942, a faculdade funcionou no prédio do tradicional colégio feminino “*Des Oiseaux*” – que atendia à elite paulista –, que ficava ao lado da escola gratuita Santa Mônica, ambas dirigidas pelas Cónegas (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

Em 1942, foi inaugurado um novo prédio, encomendado pelas Cónegas Regulares de Santo Agostinho, para ser as dependências da faculdade. Essa construção, localizada na R. Marquês de Paranaguá nº 111, em São Paulo, é um marco para a arquitetura moderna brasileira, projetado pelo arquiteto Rino Levi (1901-1965), representante da chamada escola paulista de arquitetura moderna (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

---

<sup>6</sup> A Faculdade de Filosofia formava bacharéis e licenciadas em: Filosofia, Matemática, Física, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neo-latinas, Letras Anglo-germânicas e Pedagogia, incluindo o ensino de Psicologia nas disciplinas dos seus cursos; posteriormente, em 1963, foi incluído o curso de Psicologia.

Figura 2: Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*, década de 1950



Fonte: CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006, p. 20.

Essa instituição de ensino possuía como proposta a profissionalização de mulheres, era frequentada por alunas pertencentes às camadas média e alta da sociedade, partindo da premissa de que as mulheres pertencentes às classes mais baixas sempre trabalharam. Assim, a proposta tinha aspectos revolucionários enquanto contribuía, por meio da educação, para uma autonomia da mulher (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

Ressaltamos que a educação de mulheres no Brasil passou por um longo processo de legitimação, principalmente por causa da visão social que inferia “o ideário de que a educação de meninas e moças deveria ser mais restrita que a de meninos e rapazes em decorrência de sua saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para sua ‘missão’ de mãe” (ROSEMBERG, 2012, p. 334).

A educação feminina no Brasil demorou para ser legalizada e garantir acesso ao sistema educacional público, como pontua Rosemberg (2012), e sua efetivação plena ocorreu no final do século XIX, pelo processo de acesso de alunas no ensino básico (autorizado em 1827 pela Lei Geral de Ensino), e no ensino superior (em 1879 pela Lei Leônicio de Carvalho). No ano de 1942, a Lei Orgânica do Ensino Secundário recomendou a educação de mulheres em estabelecimentos ou classes exclusivas para elas, incluiu-se a disciplina de Economia Doméstica em todas as séries dos cursos clássico ou científico. Porém, o acesso geral e irrestrito das mulheres ao sistema educacional público brasileiro só seria concretizado anos mais tarde.

Neste contexto, enquanto as mulheres não conseguiam acesso ao ensino superior público, podiam ter ingresso ao ensino profissionalizante, principalmente ao magistério, e aos cursos superiores, por meio de instituições particulares de ensino religiosas, nas quais sobressaíam as católicas, com sua rede de colégios e institutos que ofereciam educação feminina em ambientes exclusivos, dada a segregação sexual existente no ensino de homens e mulheres, o que a própria igreja defendia, sendo radicalmente contra as classes mistas.

A Igreja Católica apresentava grande interesse no campo educacional de modo geral, o que gerou vários conflitos com o Estado, pois a igreja queria garantir a presença oficial católica no ensino público, o que não aconteceu, resultando na fundação das universidades católicas a partir da década de 1940, com um projeto que valorizava o ensino das camadas altas. Assim, entre 1946 e 1964 foram fundadas 11 universidades católicas no país (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

Em vista disso, a *Pontifícia Universidade Católica* – PUC – de São Paulo, começou a se formar em 1945, inaugurada no ano seguinte, com a

incorporação de várias instituições de ensino, em diferentes períodos entre os anos 1940 e 1960<sup>7</sup>. Iniciou com a incorporação da Faculdade Paulista de Direito e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, juntamente com a agregação de faculdades isoladas – como foi o caso da Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*.

Desta forma, a história da Faculdade *Sedes Sapientiae* está relacionada à história da PUC, que desde a agregação das duas instituições, em 1946, passou a ser a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto “*Sedes Sapientiae*” da Universidade Católica de São Paulo. Como uma instituição agregada, embora com uma unidade administrativa e regimental comum, continuava sob a responsabilidade financeira da sua entidade mantenedora – Cônegas Regulares de Santo Agostinho –, além de permanecer funcionando na sua sede (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

Em 1947, como descrevem os autores, o Regimento Interno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto “*Sedes Sapientiae*” da

---

<sup>7</sup> Informações disponíveis no site: <<http://www.pucsp.br/65anos/>>.

Universidade Católica de São Paulo, pontuava como seus objetivos promover a investigação científica; preparar para o exercício do magistério secundário; contribuir para o desenvolvimento de uma cultura intelectual informada pelos princípios cristãos e pelas diretrizes pontifícias.

E assim a Faculdade “*Sedes Sapientiae*” seguiu com sua missão educacional de qualificar mulheres para o mercado de trabalho. Manteve sua ligação com a Associação Instrutora da Juventude Feminina (AIJF), que se referia à Faculdade “*Sedes Sapientiae*”, juntamente com a administração das Irmãs da Congregação de Nossa Senhora (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

A reforma universitária promovida pelo governo militar em 1968, aprovada pelo Congresso Nacional, pela Lei nº 5540/68<sup>8</sup>, fixava normas de organização e funcionamento do ensino superior do país, como um processo de modernização da universidade, que possuía como princípios básicos a não duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes e a indissociabilidade do ensino e da pesquisa.

A PUC de São Paulo apresentava essa duplicidade nos seus ramos básicos e no ensino profissionalizante, como era o caso de vários cursos oferecidos pelas faculdades de Filosofia, Ciência e Letras de São Bento e *Sedes Sapientiae*. Com a vigência da reforma, a PUC iniciou uma série de modificações em sua estrutura de funcionamento e integrou todas as unidades do ponto de vista administrativo, curricular, financeiro e didático-científico (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

Nesse contexto, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto “*Sedes Sapientiae*” começou um processo de incorporação à PUC em 1969, formalmente realizado com a doação do seu edifício principal para a Fundação São Paulo (órgão mantenedor da PUC-SP), em 1971. Assim, a Faculdade “*Sedes Sapientiae*” foi considerada formalmente extinta em 1974. Nesse processo apenas a clínica de psicológica que pertencia ao Sedes ficou de fora, o que funcionou de embrião para a criação, em 2948, do Instituto Sedes Sapientiae – Clínica

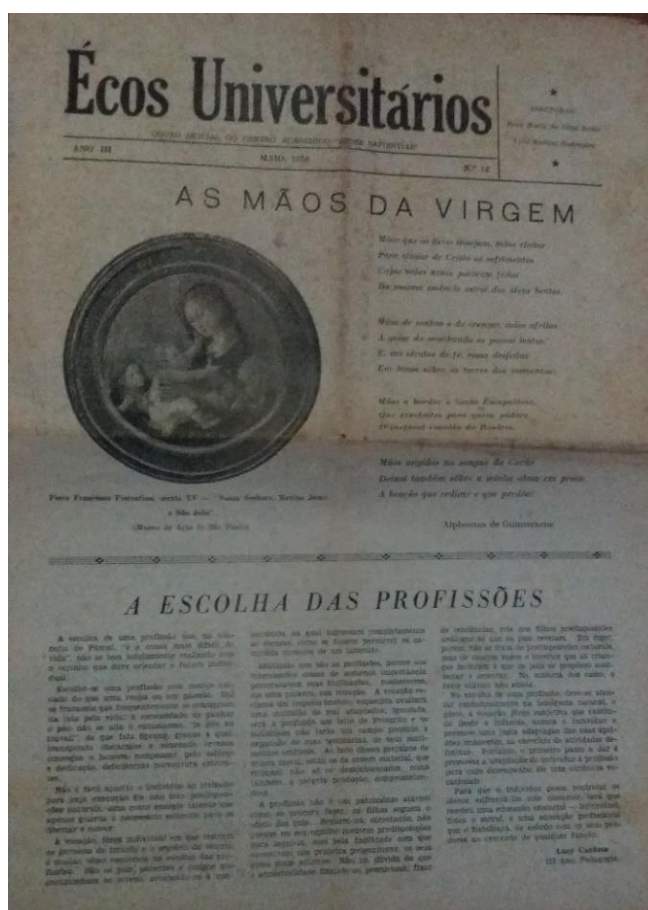
---

8 A Lei nº 5.540, prevê: a) abolição da cátedra; b) institui o departamento como unidade mínima de ensino e pesquisa; c) cria o sistema de institutos básicos; d) estabelece a organização do currículo; e) altera o vestibular; f) estabelece um sistema de democratização; g) integra escolas e institutos na estrutura universitária; h) institucionaliza a pesquisa; i) centraliza a tomada de decisão em níveis dos órgãos de administração federal.

Psicológica, que funciona até hoje em São Paulo (CYTEYNOWICZ; CYTEYNOWICZ, 2006).

Apresentada até aqui a história da instituição de ensino em que circulava o jornal *Écos Universitários*, o qual começou a ser publicado em meados dos anos 1940, redigido pelas alunas da faculdade, como órgão oficial do centro acadêmico “*Sedes Sapientiae*”. Em seguida uma imagem da capa do periódico, publicada em maio de 1950.

Figura 3: Capa do jornal *Écos Universitários*



Fonte: acervo pessoal da autora.

Em vista disso, a publicação desse jornal universitário tem uma ligação direta com a instituição de ensino, a Faculdade *Sedes Sapientiae*, por isso possui como característica ser um periódico de troca de informações e conhecimentos entre as discentes, como também canal de divulgação de decisões da própria

administração da faculdade, que era feita por cônegas católicas.

O *Sedes Sapientiae* como uma instituição de ensino superior católica, exclusiva para a instrução de mulheres, possuía um Centro Acadêmico único para a organização estudantil; e por meio das edições do *Écos Universitários* divulgavam os relatórios de atividades, informes (acontecimentos, eventos e atividades), e a sua própria diretoria ficava responsável pelo expediente do periódico.

Também divulgava textos de docentes, mas sobretudo de alunas, a respeito das áreas de conhecimento que envolviam os cursos da Faculdade: filosofia, ciência, matemática, pedagogia e letras, além de tratar de assuntos diversos pertinentes à instrução do grupo feminino, como a instrução cultural – por meio da Literatura e da Arte –, e o ensino da fé católica.

Não conseguimos o número exato de alunas que estudaram na Faculdade *Sedes Sapientiae*, porém, pelos dados apresentados na edição nº 21, indicam que, em 1953, a instituição possuía 378 alunas matriculadas, sendo destas 268 sócias do Centro Acadêmico

O envolvimento das alunas do *Sedes Sapientiae* ultrapassava a própria instituição, o CA participava de movimentos estudantis externos, como a UNE (União Nacional dos Estudantes), participou ativamente do VI Congresso da União Estadual de Estudantes (U.E.E) de São Paulo, sendo eleita para o cargo de segundo secretário da U.E.E. uma aluna do *Sedes*.

Não sabemos até quando circulou o jornal *Écos Universitários*, mas podemos levantar a hipótese da não interrupção das edições, ele durou até 1971, quando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto “*Sedes Sapientiae*” da Universidade Católica de São Paulo juntou-se oficialmente à PUC.

Diferente do jornal *Écos Universitários*, o jornal *Poeira* não estava tão ligado à instituição de ensino, as suas produções eram impulsionadas pela conjuntura histórica e política do Brasil – a ditadura militar–, e assumia papel fundamental na divulgação das ideias e ideais do movimento de luta e resistência ao período ditatorial, com envolvimento de estudantes londrinenses. Averiguar o contraste das condições de produção desses periódicos possibilita evidenciar que as intenções da organização estudantil guiam o objetivo do jornal universitário, conseqüentemente, os gêneros discursivos que veiculam, revelando a versatilidade

dessas produções.

Nesse contexto, o jornal *Levanta, sacode a POEIRA e dá a volta por cima*<sup>9</sup> circulou nos anos de 1974 a 1978, na FUEL – Fundação Universidade Estadual de Londrina, atual Universidade Estadual de Londrina (UEL). Como descreve Felismino (2015), por meio desse periódico, os estudantes da Fundação protagonizaram o principal movimento social do estado do Paraná, na luta de resistência contra a ditadura militar instaurada no Brasil desde 1964.

A ditadura militar instalou-se no Brasil por meio do golpe de Estado deflagrado contra o governo, legalmente constituído de João Goulart (Jango), em 31 de março de 1964. O que ocorreu, como pontua Fausto (2012), com a pretensão, pelo menos aparentemente, de livrar o país da corrupção e do comunismo, e restaurar a democracia.

O contexto histórico antes do golpe já aponta a sua concretização, como coloca Barros (1994), desde a investidura de Goulart, instalou-se no cenário político nacional uma conjuntura conspiratória e golpista, os ministros militares deixavam clara a oposição à posse do vice-presidente, principalmente aos seus projetos reformistas – as reformas de base: agrária, tributária, eleitoral e universitária –, e seu apoio de base social.

O governo de Jango foi marcado por uma grande instabilidade, tanto com o início do seu mandato, em 7 de setembro de 1961, dentro do sistema parlamentarista, intervenção feita pelo Congresso para limitar os seus poderes políticos, quanto pelo crescente movimento popular – principalmente da classe trabalhadora –, e a mobilização de outros setores da sociedade, que se voltavam a favor de seu governo, possibilitando um plebiscito que resultou no retorno do regime presidencialista em 1963.

Com o grande processo de urbanização e industrialização ocorridos naquele período, conseqüentemente, aumentaram as demandas sociais (nas áreas da saúde, educação, transporte e saneamento), caracterizando a posse de Goulart, como aponta Fausto (2012), como retorno do esquema populista, porém em um contexto de mobilizações e pressões sociais muito maiores do que no período de

---

<sup>9</sup> Todas as edições do *Poeira* estão no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

Vargas. Além das pressões do povo em relação às reformas de base, à aceleração inflacionária e ao pouco crescimento econômico do país, somado às sucessivas crises políticas, o governo de Jango não realizou muito, administrativamente, mas era visto como uma ameaça à burguesia brasileira.

Pressionado pelo movimento popular organizado e pelas esquerdas em geral, o governo de João Goulart foi sendo também praticamente encurralado pela violenta oposição e conspiração dos setores civis e militares. Além da permanente pregação anticomunista e de combate a uma “República sindicalista” irreal que Jango nunca pensou em instalar, o que unia as classes dominantes era a ameaça mais concreta que pairava sobre seus lucros e propriedades, menos em função de medidas econômicas nacionalistas, mas principalmente pelas sucessivas greves e ampliações dos direitos dos trabalhadores rurais. (BARROS, 1994, p.65).

É nesse contexto que os militares, apoiados pela elite brasileira e os Estados Unidos – ambos interessados em proteger seu capital e fortalecer o sistema capitalista no país –, começaram a mobilização para o golpe com incidentes militares, propagando para o povo a “ineficiência” governamental de Jango e com a

força dos tanques, e a exclusão das massas populares, as forças armadas impuseram ao País uma nova ordem político-institucional com características crescentemente militarizadas, implementando as reformas necessárias ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Repudiando o nacionalista reformista, destroçando completamente o sistema político formado durante o período democrático, o regime militar reprogramou o País e, durante os anos de 1964 a 1974, colheu os frutos econômicos dessa modernização autoritária. (BARROS, 1994, p.71).

Assim, ao assumirem o poder, os militares deram início à implementação de um regime político marcado pelo autoritarismo do Estado em relação às liberdades individuais e ao Poder Executivo, em detrimento dos poderes Legislativo e Judiciário. Nesse período, houve uma violenta repressão aos movimentos sociais e setores politicamente mais mobilizados à esquerda, como foi o caso da UNE e da Juventude Universitária Católica.

O regime militar, que governou o país por 21 anos, foi efetivamente uma ditadura mascarada de “revolução”, como caracteriza Rezende (2013), houve uma “pretensão de legitimidade”, centrada na construção de uma hipotética democracia, o fortalecimento econômico do Brasil e investimentos em diversos setores, como condição para vigorar os valores conservadores e ações repressivas difundidos pelos militares.

Assim, o período do regime militar foi um projeto para a “modernização”

conservadora e autoritária nas esferas econômica e administrativa do país, por meio da industrialização, e, ainda, um projeto autoritário, conservador e excludente das esferas política e cultural, mantendo através de controle e censuras todas as ideias contrárias à ditadura militar. Em contrapartida, defendia valores tradicionais: a pátria, a família, a religião e a moral cristã.

Nesse contexto de repressão dos meios de comunicação, surgiu a Imprensa Alternativa nacional – fenômeno político e cultural durante o regime militar, sobretudo nos anos 1970 –, e teve no Paraná, sua maior expressão em Londrina. O jornal o *Poeira*, como descreve Felismino (2015), foi o periódico de mais sucesso no período, sendo um dos 25 jornais alternativos do país, entre mais de 150 periódicos fundados durante a ditadura, a sobreviver mais de cinco anos, mantendo elevado grau de autonomia, influência social e qualidade editorial e gráfica.

Nesse contexto, a experiência do jornal *Poeira* e do movimento estudantil da Universidade Estadual de Londrina, nos anos 1970, constituiu – seguramente – o caso mais expressivo de todo país de uma representação estudantil exercida inteiramente nos marcos do modelo concebido pela própria ditadura militar brasileira, com o objetivo de controlar o movimento estudantil, e a contestar esse modelo “por dentro”, colocando em cheque o discurso que buscava legitimar como democrático o regime político do país. (FELISMINO, 2015, p.159).

O protagonismo estudantil teve um papel fundamental nesse período da história do país, como expõe Rezende (2013), a mobilização da massa estudantil, que sentiu os seus direitos ameaçados pelo novo sistema, refletiu ativamente na sociedade, os estudantes promoviam passeatas e movimentos pela garantia de direitos e em prol a democracia, em contrapartida, os militares reprimiam violentamente as suas manifestações culturais e políticas, pois estas ameaçavam o sistema ditatorial.

A atuação dos estudantes era ampla, transcendendo os muros das escolas e universidades. Eles cerravam fileiras e emparelhavam ombros com operários e outros estratos da sociedade, nas lutas que consideravam legítimas. Já com certa tradição na defesa das liberdades democráticas e reformas de base, o ME também era instigado pela insatisfação com a ditadura e pelas lutas contra a repressão exercida nas ruas e dentro nas instituições de ensino. (OLIVEIRA, 2014, p.126)

A alta organização dos estudantes no período ditatorial, mobilização esta que cresceu no governo Jango, quando os estudantes, por meio da UNE, radicalizaram suas propostas de transformação social e começaram a intervir

diretamente no jogo político. No mesmo período, a igreja católica dedicou-se à busca de direitos para as camadas mais populares; questões resultantes, como apresenta Felismino (2015), da característica militante constituinte do ME, que possuía ideias políticas de esquerda, e seus líderes, em sua maioria, eram de esquerda católica ou comunistas.

Nesse sentido, o movimento estudantil era uma ameaça aos militares, que atuaram com uma política repressiva contra os estudantes e suas entidades. Para controlar as instituições de ensino superior, houve a criação das Assessorias de Segurança para vigiar os estudantes, com censuras à pesquisa e publicações com ideias contrárias ao regime em vigor.

A política “modernizadora conservadora” foi instituída nas universidades pela Reforma Universitária, na qual

o eixo modernizador buscou eficiência e racionalização de recursos, expansão de vagas, reforço da iniciativa privada, organização da carreira docente, criação de departamentos em substituição ao sistema de cátedras, fomento à pesquisa e à pós-graduação; e o eixo conservador concentrou-se nos campos político e cultural, com políticas públicas de controle e repressão ao movimento estudantil. (FELISMINO, 2015, p.60).

A atuação dos governos militares era pautada em modificações na constituição, por meio de emendas constitucionais, os chamados atos institucionais, conjunto de leis de exceção, que anulavam a democracia, para fortalecer as ações do governo vigente. Em resumo, essas emendas centralizaram as ações do governo no poder executivo; aumentou o foro militar; suspendeu os direitos políticos dos cidadãos; extinguiu partidos políticos; limitou e reprimiu a manifestação do pensamento; entre outras.

O mais significativo e violento ato do governo militar contra a democracia caracterizou-se em 1968 com a assinatura do Ato Institucional número 5, conhecido como AI-5, o qual definia ações mais duras, dando poder aos governantes para punir arbitrariamente todos que fossem contrários ao regime ditatorial, antes da concretização do AI-5, a coerção dos estudantes era dificultosa, pois a “repressão não fora capaz de privar o ME de sua atuação própria, levantando bandeiras políticas e reivindicatórias e com ampla participação de suas bases, até de forma autônoma das instituições oficiais e dos representantes” (OLIVEIRA, 2014, p. 127).

Com isso o movimento estudantil, que protagonizava protestos e passeatas contra os governos militares e por novas liberdades, organizou protestos mais radicais, especialmente os universitários, contra a ditadura. Assim, os estudantes foram veemente perseguidos, inclusive com violência e prisões, juntamente com a cassação de lideranças políticas.

No contexto específico da atuação do ME no Paraná, destacamos que, no

Paraná inteiro, vários jovens militaram nesse momento no ME, envolvendo-se com questões específicas (como o preço das refeições nos restaurantes universitários) e gerais, como a redemocratização, Constituinte, eleições diretas para presidente e Anistia. Essa atuação nos últimos anos da ditadura fora marcada pela relativa liberdade de ação dos jovens, se compararmos com os momentos anteriores (OLIVEIRA, 2014, p.129-130).

Restringindo a história do movimento estudantil articulado em Londrina, devemos pontuar que a própria constituição da universidade na cidade foi realizada no período ditatorial. A Fundação Universidade Estadual de Londrina (FUEL), obedecendo o Ato AI-5 e o decreto de nº477, apresentava-se em Centros de Estudos (Centro de Letras e Ciências Humanas – CLCH; Centro de Ciências Biológicas – CBB; Centro de Ciências Exatas – CCE; Centro das Ciências da Saúde (CCS); Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA; Centro de Educação – CE), com sistema de crédito, modificação no quadro de carreira acadêmica e funcional de docentes e funcionários, e o ensino passou a ser pago (CAOBIANCO, 2007).

A construção dos prédios da instituição correspondia às exigências prescritas na Reforma Universitária feita no período da Ditadura, como descreve Caobianco (2007), os centros foram construídos com uma distância considerável entre eles, com escadarias, salas de aulas com dois acessos, uma para os alunos e outro para os professores, tudo para evitar aglomerações e passeatas dos estudantes.

Figura 4: Campus da UEL (1997)



Fonte: Disponível em <<http://boletim-informacao.blogspot.com.br/p/espaco-do-ingressante.html>>.

A constituição do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e dos Diretórios Setoriais da UEL foi uma questão burocrática da reitoria, do mandato de 1970 a 1974, com o objetivo de controlar as atividades estudantis, pois “a questão central não era a democracia, mas regras a serem seguidas de acordo com os ideais da Reitoria e conseqüentemente do governo ditatorial, obedecendo a Lei 5.540” (CAOBIANCO, 2007, p.48).

Os estudantes demonstravam sua resistência ao regime ditatorial de várias maneiras, em busca da denúncia e da liberdade, a palavra, por meio da imprensa Alternativa, tornou-se a grande arma do movimento estudantil.

Nesse contexto, surgem os boletins e as edições do jornal “Levanta Sacode a Poeira e Dá a Volta por Cima”<sup>10</sup>, totalizando mais de 30 edições, que circularam de março de 1974 a dezembro de 1978. A sua criação originou-se da articulação estabelecida entre centros acadêmicos da FUEL, visando à disputa das eleições do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da instituição. Este mesmo grupo já havia criado um jornal anteriormente, o Terra Roxa, que teve um período muito curto de circulação, mas fez com que o grupo adquirisse muita experiência com a imprensa estudantil. O periódico buscava uma linguagem clara, acessível e de fácil compreensão, era feito de forma coletiva pelo grupo de estudantes que formavam o GEIE – Grupo de Estudos da Imprensa Estudantil.

---

<sup>10</sup> O nome do jornal estudantil faz alusão à derrota do grupo nas eleições do DCE, em 1973, como resposta o periódico fazia oposição ao DCE.

Figura 5: Capa do primeiro número do jornal *Poeira*



Fonte: acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

O jornal *Poeira* e o movimento alcançaram plena hegemonia política na FUEL, disputando e vencendo todas as eleições do DCE no período de circulação do periódico. Isso ocorreu pela proximidade das bases estudantis da instituição, constituindo-se então como importante meio de comunicação e reivindicações do movimento estudantil, como melhorias no ensino, passe livre, federalização do ensino, entre outras, como também espaço para divulgar notícias sobre a conjuntura histórica-social do país.

Destaca-se a atuação do grupo heterogêneo contrário ao regime, aglutinado em torno do jornal “Poeira” (“Levanta sacode a Poeira e dá a volta por cima”), que promoveu greves, abaixo-assinados, atos pela democratização da universidade, debates polêmicos (OLIVEIRA, 2014, p.130).

O *Poeira* também exerceu importante papel militante, apresentando em suas edições, de forma criativa e humorística, ideias contra a ditadura militar, divulgando e combatendo a repressão realizada pelos militares dentro da universidade, como o Decreto Federal 477, baixado pelo regime militar em 1969, para criminalizar as ações do movimento estudantil, greves, passeatas, divulgação

de material, entre outras, além de retenção de verbas.

Tanto o *Poeira* quanto o movimento estudantil da UEL como um todo sofreram com a repressão dos militares, inclusive com a apreensão de um boletim especial do jornal de boas-vindas aos calouros de 1977. Tal fato caracterizou um confronto aberto entre a administração da universidade e o ME, resultando na presença de agentes da polícia especial no *campus* da universidade e caracterizando o processo de militarização da instituição, de forma concomitante, houve invasão de sedes de diretórios setoriais e ataques ao *Poeira*.

Os estudantes universitários da UEL sofreram pressões e seu Diretório Central foi vítima de um crescente cerceamento por parte da Reitoria e dos órgãos de assessoramento. As dificuldades impostas ao seu trabalho vão desde a sumária apreensão do Jornal *Poeira*, até a constante vigia, em pleno *campus*, por um batalhão paramilitar, e também a proibição de debates sobre direitos humanos e constituinte (CAOBIANCO, 2007, p. 56).

Esse contexto gerou um reforço dos movimentos de união das bases estudantis da UEL para a luta dos seus direitos em defesa da liberdade e da democracia. Gerou também a reorganização da UNE, que era constantemente reprimida pelos militares, inclusive com prisão de estudantes. Nesse processo, a “geração londrinense participou ativamente da restauração do movimento nacional, inclusive dos esforços iniciais para reavivar as entidades nacionais, como a UNE, colhendo frutos no final da década de 1970” (OLIVEIRA, 2014, p.130).

A relação entre estudantes da UEL e a reitoria, desde 1976 até 1978, foi muito delicada, como define Caobianco (2007), a universidade tornou-se uma pequena ditadura dentro de uma ditadura maior, e isso só seria revertido com a união das forças e com a luta daqueles que acreditavam na democracia, dentro desse contexto, o DCE e, conseqüentemente, o jornal *Poeira* deram voz ao ME, denunciando o arbitrário e a prepotência dos órgãos oficiais da UEL.

O jornal *Poeira*, por tratar-se de um periódico alternativo e militante, manteve em toda sua trajetória, mesmo com algumas dificuldades em certas edições, sua atuação política junto aos estudantes em prol dos direitos e das reivindicações do movimento estudantil, inclusive, a luta pela redemocratização do Brasil. Em todas as edições do periódico e em todos os textos, constatamos a posição política e ideológica contrária à ditadura, em busca da liberdade de expressão e da democracia.

O encerramento das atividades do jornal o *Poeira* aconteceu no final de 1978, por decisão da administração de cancelar as eleições do DCE daquele ano, e extinguir as entidades oficiais de representação estudantil, criadas pela Reforma Universitária dez anos antes, decretando o fim do modelo de representação dos estudantes durante a ditadura militar na UEL.

As relações estabelecidas pelos estudantes com o período histórico em que estavam inseridos possibilitaram a formulação de determinados discursos, ou seja, as palavras foram a materialização de uma determinação histórica, pois o “sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história” (ORLANDI, 2015, p.45).

O período histórico constitui, dentro da formação discursiva, um dos principais elementos para a constituição do discurso, por configurar-se como parte fundamental para as condições de produção discursiva, tanto no seu contexto imediato, ligado ao momento restrito da enunciação, quanto nas relações estabelecidas pelos enunciadores com o contexto sócio-histórico e ideológico, pelo qual são assujeitados.

São estas relações com a história, como apresenta Orlandi (2015), que possibilitam a apreensão de determinados efeitos de sentido na análise dos discursos, pois é o jogo da língua que vai historicizando determinados sentidos.

Compreendemos que o discurso presente nos gêneros discursivos produzidos pelos estudantes, veiculados nos jornais universitários estudados, materializam questões históricas e ideológicas relevantes para o retrato histórico do período em que estão inseridos.

### 3.2 CARACTERÍSTICAS IDEOLÓGICAS

O estudo da ideologia perpassa pela observação da linguagem, pois, por meio dela, verificamos os fenômenos ideológicos materializados no cotidiano pelas palavras, pelo modo de construir as frases e pelos textos, já que “tanto em sua gênese como em seu emprego, os termos da linguagem põem a nu os valores das sociedades que os criaram e os mantêm vivos” (KONDER, 2002, p. 151).

De fato, é pela linguagem que os valores sociais são expressos, é nela

que os sujeitos tomam consciência de si mesmos e da importância do processo de enunciação para a organização social. Nesta perspectiva, como defende Bakhtin (2014), todo signo é ideológico, portanto reflete e refrata uma realidade, assume uma carga ideológica estabilizada socialmente, e assim agrega um valor ideológico específico a cada enunciação.

Nesse aspecto, para discutir a questão da ideologia materializada nos gêneros discursivos escritos por estudantes, nos jornais universitários estudados, faremos uma breve apresentação deste conceito. Entendemos o emprego da linguagem nas situações comunicativas do cotidiano um campo muito rico para observar os posicionamentos ideológicos.

Marilena Chauí, autora de um livro introdutório sobre ideologia, intitulado *O que é ideologia*, apresenta um breve histórico do surgimento deste conceito e algumas concepções desenvolvidas na filosofia. De acordo com a autora, Destutt de Tracy foi o primeiro filósofo a empregar o termo ideologia, no seu livro *Eléments d'ideologie*, em 1801. Ele e outros estudiosos pretendiam elaborar uma ciência que tratasse da gênese das ideias. Assim, Tracy construiu uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as ideias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória).

Ideologia adquire um sentido pejorativo, como explica Chauí (2008), no período posterior aos conflitos políticos entre Napoleão Bonaparte e os ideólogos, um grupo de pensadores franceses, com ideias antiteológicas, antimetafísicas e antimonarquistas, assumindo uma posição materialista para explicar as ideias e ações humanas. O termo era usado para designar um sistema de ideias condenadas a desconhecer sua relação com a realidade, muito diferente da sua concepção originária, como ciência natural da aquisição das ideias pelo homem.

Desta forma, a autora destaca que o termo ideologia possuía dois significados: o primeiro ligado a uma atividade filosófica-científica, interessada no estudo da formação das ideias, por meio da observação das relações estabelecidas entre o homem e o meio ambiente; e o segundo referia-se ao conjunto de ideias de uma época.

Segundo Chauí (2008), as ideias de Marx e Engels encaminham os estudos sobre a ideologia, e seus escritos tornam-se as bases teóricas para os

estudos e releituras deste conceito. De acordo com a autora, a concepção de ideologia postulada por Marx e Engels fundamenta-se na sociedade dividida em classes antagônicas, onde a produção de ideias e as condições sociais e históricas estão implicadas, de modo que a ideologia configura-se nos pensamentos da classe dominante, que regula a produção de ideias da sociedade de sua época, conforme postulam Marx e Engels (1999, p.29)

[...] os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as idéias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem entre outras coisas uma consciência, e é em consequência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda a sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham, entre outras, uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de idéias, que regulamentem a produção e a distribuição dos pensamentos da sua época; as suas idéias são, portanto, as idéias dominantes da sua época.

Assim, a ideologia, na tradição marxista, assume uma abordagem crítica ao sistema capitalista, e para tal restringe a concepção da ideologia, pois o termo é utilizado para qualificar o discurso que legitima o poder de uma classe ou grupo social. A partir de releituras de Marx, outros estudiosos construíram uma noção mais ampla do termo, considerando que todos os discursos materializam a ideologia e não somente o da classe dominante.

O trabalho do filósofo marxista francês Althusser (1985) defende a ideia de que a ideologia representa uma relação imaginária dos indivíduos, concretizada materialmente nas práticas de Aparelhos do Estado, dividindo entre repressivos: garantem a coesão e a reprodução de valores sociais por meio da repressão, como o Exército e a Polícia; e os ideológicos: moldam os sujeitos através da repressão simbólica, caso da escola, igreja e família, estes aparelhos representam as formas tradicionais de refletir posicionamentos ideológicos e exprimir as posições de classe na sociedade.

Abordando a ideologia em uma perspectiva conceitual mais geral, e

não apenas suas formas tradicionais de articulação social, Althusser (1985) propõe três hipóteses em relação ao termo: a) a primeira mais abstrata pela materialização ideológica da representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência; b) a segunda sustenta que a ideologia tem sua existência material pelos Aparelhos; c) a terceira propõe que a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos sociais.

No âmbito dos estudos da linguagem, a Análise do Discurso (AD) ressignifica a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem e apresenta uma definição discursiva para o termo.

Nessa perspectiva, a AD toma como princípio que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia, pois “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.” (ORLANDI, 2015, p.44), ou seja, o sujeito por ser interpelado pela história e pela ideologia produz sentidos em seu discurso. A ideologia está presente em todo e qualquer discurso, pois é compreendida como uma visão de uma certa comunidade social em uma determinada circunstância histórica.

A noção de ideologia que adotaremos no nosso trabalho é colocada por Chauí (2008), como

um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. (CHAUÍ, 2008, p. 113-114).

Essa colocação reforça que a ideologia está presente no cotidiano da sociedade e orienta as práticas sociais e discursivas dos sujeitos, como agente responsável pela manutenção da vida em sociedade. Como argumenta Orlandi (2015), a ideologia é a condição para a constituição do sujeito no mundo e responsável pela produção de sentidos materializados em seu dizer.

Ao lidarmos com a articulação da ideologia com o discurso, compreendemos que é por meio da ideologia que o indivíduo adquire determinada

formação social e constitui-se em sujeito ideológico do discurso, pois

essa interpretação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha impressão de que é senhor de sua própria vontade), seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social [...]. Num determinado momento histórico [...] as relações de classe podem caracterizar-se pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas. (BRANDÃO, 2004, p.46-47)

Desta forma, todo indivíduo desenvolve uma visão de mundo a partir de uma vivência social e, por meio dela, compartilha um conjunto de representações e ideias que evidencia sua compreensão de sociedade. “As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo inerente à realidade é indissociável da linguagem. As idéias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos” (FIORIN, 1998, p.33).

Os indivíduos estão sujeitos à língua e à história, pois, para constituir e produzir sentidos, o sujeito deve ser afetado por elas, seus posicionamentos são determinados pela sua vivência e pela linguagem. Nos gêneros discursivos veiculados em jornais universitários, por meio das produções de estudantes, evidenciamos a posição ideológica deste grupo social, sempre entrelaçada à sua época.

Apresentaremos os traços ideológicos dos jornais universitários estudados, o *Écos Universitários* e o *Poeira*, que indicam questões relacionadas ao momento sócio-histórico vivido pelos seus enunciadores a partir da participação de uma organização estudantil, constatando que a materialização da ideologia no discurso dos jornais efetiva-se pelos sentidos produzidos nos textos e evidenciando a formação ideológica destes estudantes.

As edições estudadas do jornal *Écos Universitários* circularam nos anos 1949 a 1953, na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras *Sedes Sapientiae* do Estado de São Paulo. E esse periódico funcionava como órgão oficial do centro acadêmico do *Sedes Sapientiae* e, por ser exclusivamente feminino, a maioria dos gêneros discursivos nele veiculados eram escritos pelas alunas.

O *Écos Universitários* contemplava textos sobre a organização dos estudantes; assuntos da realidade social; assuntos acadêmicos; assuntos culturais;

divulgação de experiências das alunas, por meio de relatos; espaço para entretenimento, com palavras cruzadas e piadas. E, por tratar-se de um centro de ensino com bases na confessionalidade católica, observamos, em vários textos, a presença de temas da fé e da conduta cristã.

Portanto a ideologia expressa por esse periódico está veiculada à relação das alunas do *Sedes Sapientiae* com a própria instituição de ensino e a organização delas como participantes de um centro acadêmico, como também apresenta a relevância do ensino feminino para a época, explicitando não só a questão do papel da mulher na sociedade, como também a forte relação da religião e a educação.

O jornal *Poeira* iniciou como uma articulação entre alguns diretórios acadêmicos para disputa das eleições de 1974, do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Fundação Universidade Estadual de Londrina- FUEL. Após a vitória do grupo, o jornal *Poeira* tornou-se o principal porta-voz do movimento estudantil (ME) da época, assumindo o DCE nas gestões de 74/75 e 75/76.

Esse dado já aponta o perfil militante do jornal universitário, que não estava apenas presente como movimento estudantil dentro da instituição de ensino, mas também dentro da sociedade, devido à amplitude que tomou a organização estudantil da UEL. Durante a sua circulação, de 1974 a 1978, os estudantes protagonizaram o principal Movimento Estudantil do Paraná contra a ditadura militar, de 1964 a 1985.

Nesse quadro histórico, o *Poeira* fixa-se como um jornal alternativo e militante, acarretando a forte presença da sua posição política de esquerda e de combate às repressões da ditadura em seus textos. Consequentemente, esta formação ideológica é evidenciada nos gêneros discursivos escritos pelos estudantes e veiculados por este suporte.

O *Poeira* abrangia assuntos sobre a organização dos estudantes; as pautas do Movimento Estudantil (federalização do ensino, transporte público, fim do exame obrigatório, entre outras); assuntos acadêmicos e da realidade social; assuntos políticos (de Londrina, do Estado do Paraná e nacionais), assuntos culturais.

As relações ideológicas presentes nos gêneros discursivos produzidos

por estudantes nos jornais universitários em foco só podem ser interpretadas ao entendermos a ideologia não só como um conjunto de crenças, valores e atitudes que determinam as relações sociais, como também algo que condiciona todo e qualquer discurso, pois “enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2015, p.46).

Como não há realidade sem ideologia, também não pode haver discurso desvinculado dos sentidos ideológicos, já que os indivíduos são interpelados pela ideologia para se constituírem em sujeitos do discurso e produzem efeitos de sentido nos seus dizeres.

Nesse sentido, as palavras recebem determinados sentidos pela relação estabelecida entre a formação ideológica do sujeito do discurso com a formação discursiva que condiciona os sentidos produzidos em um dado processo de enunciação.

Compreendemos a linguagem como instituição social, portanto veículo das ideologias, como postula Bakhtin (2014), a palavra veicula de maneira privilegiada a ideologia, já que por meio dela se reflete até mesmo os mais imperceptíveis posicionamentos ideológicos que permeiam o meio social.

A língua como produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social), como apresenta Orlandi (2015), de forma que a linguagem e o mundo se refletem no sentido da refração e os efeitos de sentidos que estabelecem um sobre o outro. Assim, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2014, p.31).

De fato, todos os enunciados produzidos estão relacionados a uma formação discursiva inserida em determinada esfera ideológica particular, ou seja, é por meio das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos do discurso em determinada situação de comunicação cotidiana, é que são produzidos e apreendidos certos sentidos, os quais materializam a ideologia presente no discurso.

A partir desse quadro teórico e do apontamento da ideologia presente na constituição dos jornais universitários, evidenciaremos, pelas análises dos

gêneros discursivos escritos por estudantes, os traços ideológicos presentes nessas formações discursivas, principalmente explorando os possíveis efeitos de sentido depreendidos pelo emprego de certos mecanismos linguísticos – morfológicos, sintáticos e estilísticos –, na construção argumentativa dos gêneros do discurso estudados, demonstrando como as palavras veiculam posicionamentos ideológicos sobre a visão de mundo constituída pelos estudantes no momento da enunciação desses discursos.

## **CAPÍTULO IV**

### **ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS**

#### **4.1 RECURSOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL**

A Linguística Textual, termo empregado primeiramente pelo linguista alemão Harald Weinrich, é um ramo da Linguística que surgiu na década de 1960, na Europa, e ganha projeção na década seguinte. A Linguística Textual toma o texto como objeto de estudo, propondo análises além dos limites da frase, introduzindo a ideia de sujeito e de situação comunicativa ao lidar com a leitura e a produção textual. Dessa forma, a Linguística Textual pode ser definida como “o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” (MARCUSCHI, 2008, p. 79).

O desenvolvimento dessa área de estudo gira em torno das diferentes concepções de texto que ela tem abrigado durante seu percurso. Podemos distinguir três momentos fundamentais na passagem da teoria da frase à teoria do texto: o da análise transfrástica, quando as pesquisas estavam concentradas nos tipos de ligações existentes entre os enunciados ligados à referência; o da construção de gramáticas textuais para explicar os elementos de estrutura linguística de enunciados complexos e das suas relações semânticas; e da teoria ou linguística do texto, com a finalidade de investigar o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos.

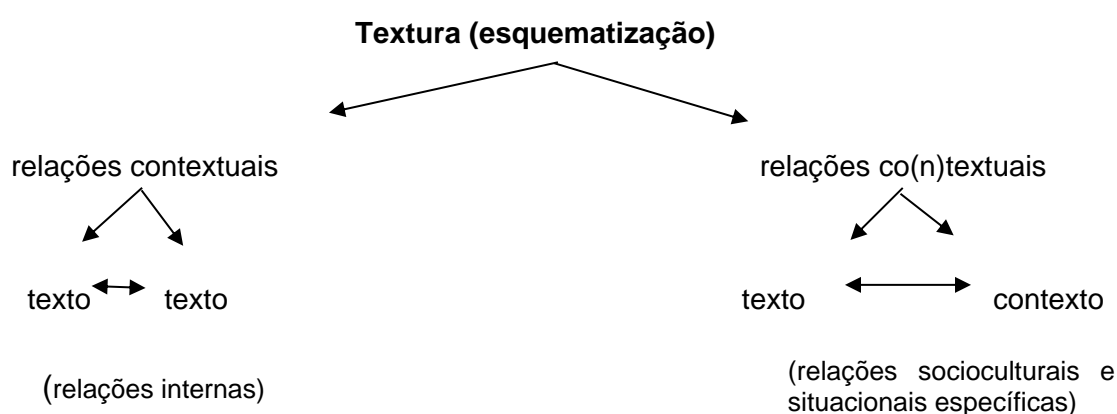
Desde então, surgiram diversas gerações de linguistas dedicados ao estudo do texto, que contribuíram para que a Linguística Textual ampliasse o seu campo de preocupação, de uma simples análise transfrástica, logo acompanhada das tentativas de elaboração de gramáticas textuais, passando a dar destaque para o texto em um sentido amplo, considerando o contexto (principalmente o contexto sócio-cognitivo e cultural) e sua interferência na constituição, no funcionamento e no processo da construção dos textos, vistos como forma básica de interação pela linguagem.

A Linguística Textual passa a considerar o texto como uma atividade comunicativa produzida por um sujeito falante em um determinado momento, um

lugar de manipulação consciente, onde o locutor organiza, da melhor maneira possível, os elementos linguísticos e de textualidade que estão à sua disposição para constituir sentido para o seu texto. Assim, como ressalta Marcuschi (2012), o texto, nessa perspectiva teórica, é tratado como comunicacional unificado e inserido no complexo universo das ações humanas, assumindo sua inserção social.

As relações internas e externas do texto expostas aqui podem ser observados na figura abaixo:

Figura 6: Esquematização do texto



Fonte: MARCUSCHI, 2008, p. 88.

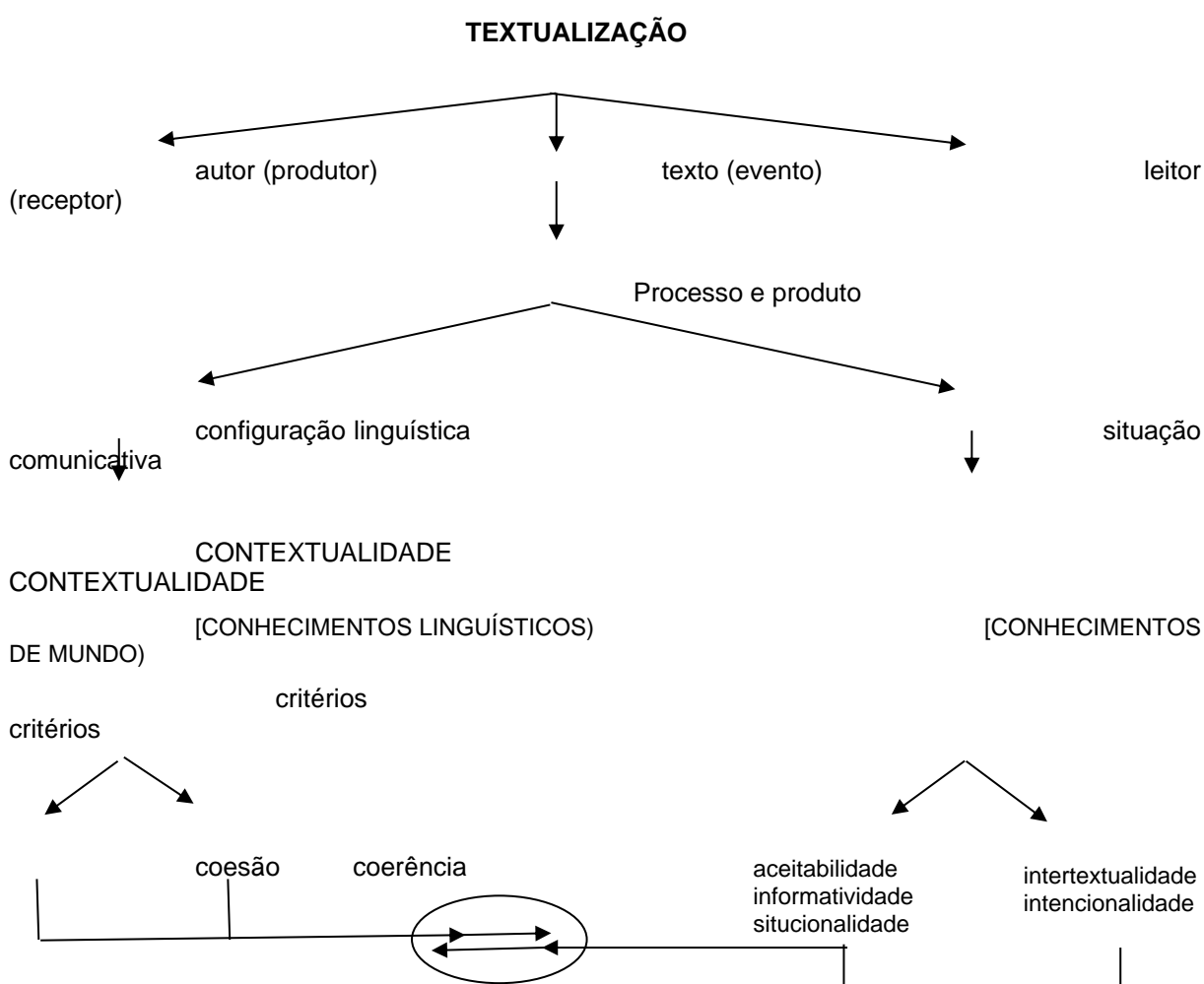
Nesta perspectiva, uma das grandes contribuições da Linguística Textual é justamente a busca da melhor compreensão do texto, a partir dos estudos dos fatores utilizados pelo sujeito (locutor) para a constituição de sentidos na construção textual. Como ressalta Cordeiro (2007), há uma preocupação com as relações que estabelecem entre as frases e os períodos, de forma que se constitui uma unidade de sentido, já que as palavras, por si só, não possuem um significado real, mas estão intrinsecamente ligadas a um todo significativo, por isso a necessidade de um contexto para imprimir a elas uma significação mais adequada.

Seguindo as posições tradicionais na linguística de texto, podemos postular que um texto, enquanto unidade comunicativa, deve obedecer a um conjunto de critérios de textualização (esquematização e figuração), já que ele não é um conjunto aleatório de frases, nem é uma sequência de qualquer ordem (MARCUSCHI, 2008, p.93).

Neste contexto, um dos grandes méritos da Linguística Textual foi a sistematização dos princípios de textualidade, chamados de fatores de textualidade, recursos dos quais o locutor se utiliza para dar sentido e interpretabilidade ao seu texto. Postulados por Beaugrande e Dressler (1981), são eles: a coesão, a coerência, a situacionalidade, a informatividade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade. Em estudos posteriores, foi acrescentado mais um fator: a contextualização.

A relação entre texto, uma unidade de sentido, com os critérios gerais de textualidade descritos por Beaugrande e Dressler (1981), pode ser observada no esquema abaixo:

Figura 7: O texto e os critérios gerais de textualidade



Fonte: baseado em MARCUSCHI (2008, p. 96).

De forma resumida, apresentaremos todos os fatores de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981), que fundamentam, ainda hoje, os trabalhos que pesquisam os princípios de construção textual do sentido.

A coesão textual refere-se aos elementos linguísticos organizados na superfície do texto responsáveis pela sua organização discursiva, pela interligação de palavras e frases, que constituem a tessitura textual. A coerência reporta-se à percepção de sentidos que o indivíduo instaura em determinados textos, dependendo de fatores cognitivos, socioculturais, interpessoais e pragmáticos que levam o leitor a uma compreensão textual mais completa.

A situacionalidade é um fator determinante para a construção textual, pois está atrelada ao sentido e ao uso do texto em determinada situação comunicativa. A informatividade desempenha importante papel na construção textual, pois está vinculada à distribuição de informação no texto, por isso pode facilitar ou dificultar a coerência textual.

A intertextualidade compreende todos os possíveis “diálogos” entre textos e os diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. A intencionalidade refere-se aos diversos modos como os sujeitos usam os textos para expressar e obter determinados efeitos do seu interlocutor, por meio de recursos adequados para alcançar seu objetivo. A aceitabilidade é a contrapartida da intencionalidade, pois é o princípio de cooperação do jogo comunicativo com o locutor.

Também ressaltamos outros importantes fatores de textualidade, posteriores aos apresentados, mas que igualmente corroboram para compreender a completude textual. A contextualização, elaborada por Marcuschi, engloba os elementos contextualizadores: assinatura, origem do texto, referência bibliográfica, localização e data, elementos gráficos; e os elementos perspectivais: título e autor, que estão ligados diretamente ao texto. A focalização, proposta por Koch e Travaglia, refere-se à maneira pela qual cada leitor interpreta/reage com o texto, e suas inferências – ideias subtendidas, conexões que o leitor faz para alcançar a interpretação de um texto –, essas questões estão relacionadas diretamente ao papel do leitor.

Todas essas contribuições da Linguística Textual enriquecem nosso

olhar em relação ao texto, pois oferecem uma consistente base conceitual para análise dos gêneros do discurso, possibilitando uma visão ampla dos aspectos textuais e composicionais que os constituem.

Para atender a nossa proposta de analisar textos produzidos por estudantes, essa teoria aborda, de maneira mais eficiente, a construção textual e a constituição de sentido dentro dos gêneros estudados, por indicarem como os sujeitos articularam as formas estruturais dos textos (o modo como se diz ou escreve algo) e o seus conteúdos (aquilo sobre o qual se fala ou escreve), com as escolhas de elementos linguísticos, com o objetivo de atender os propósitos comunicativos dos estudantes, além de perpassarem valores, situações e ideologias por meio dos gêneros discursivos.

Para as análises desenvolvidas neste trabalho focalizaremos, principalmente, três fatores de textualidade: a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade, pois são fatores expressivos na análise do nosso *corpus* e desempenham importante papel na construção dos gêneros discursivos.

#### 4.1.1 Informatividade

A informatividade é o fator responsável pela quantidade de informação presente no texto, conseqüentemente, resulta em um texto coerente ou não. Como ressalta Koch (2009), esse critério de textualidade refere-se à distribuição de informação no plano textual, como também interfere no grau de previsibilidade com que as informações contidas no texto são veiculadas.

A *informativität* como foi denominada por Beaugrande e Dressler (1981):

“meinen wie mit dem Terminus INFORMATIVITÄT das Ausmaß, bis zu dem eine Darbietung für den Rezipienten neu oder unerwartet ist. normalerweise wird dieser Begriff für INHALT verwendet, aber in jeglichem Sprachsystem Können Ereignisse informativ sein.” (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p.145)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> “queremos dizer com o termo INFORMATIVIDADE quando em que uma performance para o destinatário é nova ou inesperada. Geralmente este termo é usado para CONTEÚDO mas em qualquer sistema de linguagem eventos podem ser informativos” (tradução nossa).

Deste modo, verificamos a relevância do conteúdo informacional do texto, que deve conter uma dose de novidade e de imprevisibilidade, sempre obedecendo os limites para a interpretabilidade do texto, somada com informações já compartilhadas ou conhecidas dos interlocutores, para assim haver a compreensão do texto.

O essencial desse princípio é postular que num texto deve ser possível distinguir entre o que ele quer transmitir e o que é possível extrair dele, e o que não é pretendido. Ser informativo significa, pois, ser capaz de dirimir incertezas (MARCUSCHI, 2008, p. 132).

Assim, a relação entre informações conhecidas e informações novas darão ao texto a quantidade de informatividade de que ele dispõe, por conseguinte, isso está ligado ao grau de previsibilidades que o leitor pode ter em relação ao texto, quanto mais previsível, menos informativo, quanto menos previsível, maior o grau de informatividade textual. Essas previsões que os leitores fazem em relação ao texto provêm de algumas fontes, como pontua Antunes (2009):

- a) a organização social em que o sujeito está inserido;
- b) a organização léxico-gramatical;
- c) a “estrutura de informação das sentenças”, que organiza os conteúdos novos;
- d) o gênero de texto em uso;
- e) contexto em que o texto está inserido e circula.

Esse conjunto de fatores interfere nas previsões que fazemos em relação aos textos, assim “pode-se concluir, então, que a informatividade é uma questão complexa, com muitas ramificações e desdobramentos” (ANTUNES, 2009, p.129). De fato, como reitera a autora, quanto mais fatores que tragam o inesperado, a quebra de expectativa ou o novo para o leitor, são inusitadas.

Dessa forma, podemos dizer que os textos apresentam graus de informatividade, como destaca Koch (2009), quanto mais redundante for a informação condida no texto, ele terá baixo grau de informatividade; se apresentar, pelo menos, algumas informações de forma menos previsível, o texto possuirá grau médio de informatividade; quando toda a informação do texto for introduzida de

maneira imprevisível, comum na linguagem poética e metafórica, apresentará alto grau de informatividade.

Assim, a informatividade “refere-se ao como do texto, à forma como a informação é veiculada, exercendo, pois, importante papel na seleção e arranjo dos componentes textuais” (KOCH, 2009, p.42). Como reiteram Beaugrande e Dressler (1981), esse fator textual está ligado ao modo como os enunciados contidos em um texto são previsíveis ou inesperados, e se transmitem uma informação conhecida ou nova para o enunciador.

#### 4.1.2 Situcionalidade

Para Beaugrande e Dressler (1981, p.169) “der Terminus SITUACIONALITÄT ist eine allgemeine Bezeichnung für Faktoren, welche einen aktuelle oder rekonstruierbare Kommunikationssituation relevant machen”.<sup>12</sup> E, para Marcuschi (2008, p.128),

o critério de situcionalidade refere-se ao fato de relacionarmos o evento textual à situação (social, cultural, ambiente, etc.) em que ele ocorre [...] não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo, mas também para orientar a própria produção. A situcionalidade é um critério estratégico.

Assim, a situcionalidade pode ser vista como critério de adequação textual, já que esse fator é responsável pelo modo como o texto está relacionado à determinada situação comunicativa, e o mais importante, como esse fator estabelece as relações do texto com os fatores externos, ou seja, com as condições de produção de determinado discurso contido no texto.

A situcionalidade pode ser considerada em duas direções: da situação para o texto ou do texto para a situação, como descreve Koch (2009, p.40):

No primeiro sentido, a situcionalidade refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para uma situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída. Trata-se, nesse caso de determinar em que medida a situação comunicativa, tanto no contexto imediato de situação, como o entorno sócio-político-cultural em que a interação está inserida,

---

<sup>12</sup> “o termo SITUACIONALIDADE é uma definição geral para fatores, que torna um texto, para uma situação de comunicação, atual ou reconstruível, relevante” (tradução nossa).

interfere na produção/recepção do texto [...]. No segundo sentido, é preciso lembrar que o texto tem reflexos importantes sobre a situação, visto que o mundo textual não é jamais idêntico ao mundo real [...] há sempre uma mediação entre o mundo real e o mundo construído pelo texto.

Nesse aspecto, um texto sempre deve estar adequadamente ligado ao seu contexto, um dos aspectos centrais desse fator de textualidade; desse modo, podemos afirmar “que a situacionalidade é uma forma particular de o texto se adequar tanto a seus contextos, como a seus usuários” (MARCUSCHI, 2009, p.129).

É a relação apropriada do texto com a situação comunicativa em que está inserido, que possibilitará uma adequada interpretação textual entre os interlocutores envolvidos. Caso contrário, “se um texto não cumprir os requisitos de situacionalidade não poderá se ‘ancorar’ em contextos de interpretações possíveis, o que o torna pouco proveitoso” (MARCUSCHI, 2009, p.129).

#### 4.1.3 Intertextualidade

Todos os textos possuem algum diálogo com outros textos produzidos anteriormente, pois não há produção textual de forma isolada. Assim, a intertextualidade

compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos (KOCH, 2009, p.42).

Assim, esse fator textual está relacionado à presença de partes de textos prévios ou retomadas de conteúdo, isto é, todas as diversas formas em que há algum tipo de diálogo entre textos. Há aspectos relevantes para a construção de sentidos: o conhecimento prévio do leitor atrelado ao conhecimento partilhado entre autor (texto) e leitor.

A intertextualidade é, como afirma Koch (2009), a inevitável presença do outro naquilo que dizemos ou escrevemos, por isso configura-se em um recurso argumentativo, explícito ou implícito, que requer um conhecimento anterior, de um texto-fonte, para orientar a compreensão do novo texto.

Koch (2009) postula dois sentidos para a intertextualidade, um mais

amplo, como marca constitutiva de todo e qualquer discurso, ligado à noção de polifonia textual; e um mais restrito, uma intertextualidade *strito sensu*, com a presença necessária de um intertexto.

Dentre as diversas modalidades de intertextualidade, Koch e Travaglia (2002) destacam os seguintes tipos:

- a) intertextualidade que se liga ao conteúdo: quando textos se referem a temas ou assuntos contidos em outros textos, podem se apresentar de modo explícito (com citação, com ou sem indicação de fonte), ou de forma implícita (por meio de paráfrases, paródias, etc);
- b) intertextualidade que se associa ao caráter formal: quando um texto apresenta estrutura que “imita” um tipo de linguagem ou estilo;
- c) intertextualidade que remete a tipos textuais: ligados aos modelos de cada tipo de discurso.

Em vista disso, há uma infinidade de relações intertextuais que podem ser estabelecidas em qualquer gênero e dentro de qualquer domínio discursivo, como apresenta Cavalcante (2016):

- a) relações intertextuais estabelecidas por copresença: aquelas que se pode perceber, por meio da presença de fragmentos de textos preexistentes em novos textos, como o caso da citação, da alusão e do plágio;
- b) relações intertextuais por derivação: que ocorrem quando um texto apresenta elementos de um outro texto preexistente, como exemplos temos a paródia, o pastiche e o travestimento burlesco.

Esse fator, além de enriquecer o texto, também, como aponta Marcuschi (2008), colabora com a coerência textual. Ressaltamos que esse fator de textualidade está relacionado especificamente com o repertório do leitor, quanto maior o seu acervo de conhecimentos de mundo prévios, mais apto estará para compreender as relações intertextuais.

A partir do estudo desses fatores de textualidade, ressaltaremos, em nossas análises, a sua importância para a constituição de sentidos na construção dos gêneros estudados.

#### 4.2 RECURSOS DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Os estudos sobre a argumentação datam da Antiguidade, com a Retórica, no séc. V a.C., iniciados com as observações do filósofo Aristóteles sobre a linguagem e o discurso. Seguido pelas contribuições dos estudiosos na Idade Média, séc. V d. C. a séc. XV, que exploraram a ornamentação da linguagem, surgindo a esquematização das figuras de linguagem. No Renascimento, séc. XV e séc. XVI, houve um declínio da Retórica e o apogeu dos mecanismos de ornamentação da linguagem, renovações literária, artística e científica.

A partir do séc. XVIII e XIX, houve uma renovação dos estudos da Retórica, por isso esse período ficou conhecido como o renascimento da Retórica, possibilitando a origem, no séc. XX, de duas importantes teorias no campo do estudo da argumentação: a Estilística e a Nova Retórica.

Os estudos pioneiros de Perelman e Tyteca – com a obra *Tratado da argumentação*, publicada em 1950 –, e de Benveniste – com a *Teoria da enunciação*, de 1970 –, permitiram o surgimento de outras teorias, com base nos estudos argumentativos ou discursivos. Nesse contexto, surgiram, no séc. XX, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Pragmática, a teoria dos Atos de Fala, a Semântica Argumentativa, a Linguística Textual, entre outras áreas que exploram a argumentação.

A Semântica Argumentativa é uma das áreas da Linguística, preocupa-se em analisar os recursos argumentativos pertencentes à língua, utilizados na construção de significados dentro dos enunciados, dotados de intenções e estratégias do enunciador.

Essa teoria foi desenvolvida por Ducrot (1981), a partir das propostas de Austin (Atos de Fala) e de Benveniste (Enunciação), defendendo a tese de que a argumentatividade está inscrita na própria língua. Portanto, Ducrot considera a

linguagem como forma de ação dotada de intencionalidade e a argumentação como atividade subjacente a todo e qualquer uso da linguagem.

A língua, vista como um conjunto de frases semanticamente descritas, determina, parcialmente pelo menos, as argumentações e valores argumentativos apresentados. Este é a tese fundamental da “teoria da argumentação da língua” (DUCROT, 1989, p.38).

Deste modo, a língua não tem mera função comunicativa, mas a função de persuadir, convencer e transmitir o pensamento, argumentar é o ato linguístico fundamental, como ressalta Koch (1984), isso significa que a todo discurso subjaz uma ideologia, excluindo qualquer possibilidade de neutralidade do discurso.

O texto pertence ao universo do discurso, de acordo com Koch (2001), é uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros da interação não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também de interação ou atuação de acordo com práticas socioculturais.

Nesse sentido, a Semântica Argumentativa considera, segundo Ducrot (1987), que as relações estabelecidas entre os interlocutores, em uma dada situação discursiva, são direcionadas pelo emprego de recursos argumentativos pertencentes à própria língua, os quais por sua vez, direcionam a certos efeitos de sentido dentro da enunciação.

Assim, de acordo com Oliveira (1999), a argumentação ocorre por meio de uma série de escolhas linguísticas feitas pelo enunciador com o intuito de persuadir o interlocutor, são tais marcas argumentativas que instigam e direcionam argumentativamente a enunciação.

Na Semântica Argumentativa, o sentido de um enunciado direciona a continuidade do discurso, as palavras são colocadas para o destinatário com determinados valores, intrínsecos àquela situação enunciativa e, principalmente, em relação com outros enunciados, contribuindo para o entendimento do texto, através de encadeamentos argumentativos, que resultam na compreensão final do enunciado pelo destinatário. (OLIVEIRA, 1999, p.56)

Em vista disso, são os recursos argumentativos, descritos pela Semântica Argumentativa, elementos da própria língua que são mobilizados, de

forma intencional, pelo enunciador para construir determinados efeitos de sentido no processo enunciativo, e dessa forma, persuadir, convencer e ganhar a adesão do seu interlocutor.

De acordo com Citelli (1994), os mecanismos argumentativos aparecem misturados e combinados de acordo com as exigências da produção do discurso, já que a linguagem significa, ela atribui sentido às coisas, carrega valores e ideias, formula preceitos e preconceitos, quer dizer, palavras podem formar os discursos que oprimem, mas também os que libertam.

Com base nessa perspectiva teórica, que contribuirá com os elementos fundamentais para a análise dos gêneros discursivos escritos por estudantes, apresentaremos os seguintes recursos argumentativos: adjetivação, processos intensificadores, operadores argumentativos e os advérbios modalizadores.

#### 4.2.1 Adjetivação

O adjetivo, na perspectiva gramatical, indica qualidade, caráter, modo de ser ou estar do substantivo. Para Neves (2000), os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria denominada por um substantivo, de dois modos funcionais: qualificando e subcategorizando.

A referida autora apresenta as subclasses dos adjetivos desse modo:

- a) qualificadores – qualifica o substantivo e pode implicar em subjetividade;
- b) classificadores – trazem em si uma indicação objetiva sobre o substantivo.

Ainda constatamos que a posição do adjetivo também modifica o sentido do enunciado, pois quando colocado posposto ao substantivo exprime uma caracterização mais objetiva, e quando colocado anteposto ao substantivo, uma caracterização mais subjetiva. Como reforça a autora, “um mesmo adjetivo comporta-se diferentemente conforme a natureza do substantivo qualificado e a colocação relativa dos constituintes do sintagma nominal” (NEVES, 200, p.206).

Alguns exemplos são citados por Neves (2000):

1) POBRE

- Posposto: homem pobre = “sem recursos financeiros” → descritivo (objetivo);
- Anteposto: pobre homem = “infeliz” → apreciativo (subjetivo).

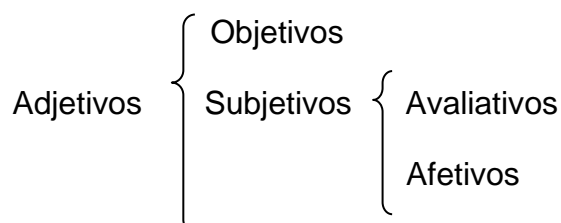
2) GRANDE

- Posposto: carro grande = “de grande porte, tamanho” → descritivo (objetivo);
- Anteposto: grande carro = “bom, moderno” → apreciativo (subjetivo).

3) VELHO

- Posposto: amigo velho = “com certa idade” → descritivo (objetivo)
- Anteposto: velho amigo = “de longa data” → apreciativo (subjetivo)

A proposta de Kerbrat-Orecchioni (1980), foge da análise do sistema semântico dos adjetivos e revela a conveniência em se distinguir as diversas categorias dos adjetivos subjetivos. Segue abaixo, a classificação da autora:



A adjetivação objetiva (lógica) caracteriza, descritivamente, um elemento (substantivo). Podemos considerar, portanto, que a subjetividade afetiva consiste em uma avaliação feita pelo indivíduo de acordo com um determinado ponto de vista, ou seja, a partir de um julgamento de valor; por meio dessa subjetividade afetiva, fazemos uso de mecanismos linguísticos que produzem efeitos de sentido no interlocutor.

Assim, os adjetivos, de modo especial, colaboram para a construção da subjetividade da linguagem, e estão intimamente relacionados com a intenção do produtor do texto, constituindo-se em um grande recurso para sua indicação

ideológica. De acordo com a estudiosa, “Les adjectifs évaluatifs reflètent certaines particularités de la compétence culturelle et idéologique du sujet parlant”<sup>13</sup> (KEBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.94).

Portanto, o adjetivo representa uma classe morfológica dotada de potencialidade semântico-estilística, uma vez que uma caracterização/adjetivação bem trabalhada deriva da subjetividade do enunciador. O processo de adjetivação relaciona-se com a seleção lexical – com ela o enunciador revela sua afetividade –, assim, os adjetivos empregados demonstram, claramente, a intencionalidade, por manifestar posicionamento, sentimento, emoção e a ideologia do enunciador.

#### 4.2.2 Intensificadores

A intensificação é um dos recursos argumentativos usados pelo enunciador para persuadir, trata-se de um procedimento que permite enfatizar determinadas palavras ou orações inteiras de um texto. De acordo com Silva (2009), isso ocorre devido à carga semântica da expressão intensificadora capaz de intervir, positivamente, no grau de argumentatividade que o locutor pretende dar ao enunciado. E, para Carvalho (1996, p.69),

A intensificação lingüística é um processo semântico manifestado por meio de advérbios, adjetivos e locuções adverbiais, assim como pela gradação de nomes e sua repetição. O intensificador denota um ponto alto ou baixo na escala da qualidade que está sendo descrita. Apesar de não ser estudado de forma sistemática nas gramáticas, é um recurso muito utilizado na língua corrente, escrita ou falada, em especial nos discursos que visam a influenciar o receptor.

Os intensificadores contribuem especialmente para a argumentatividade de um texto, Azevedo e Oliveira (2005) destacam alguns mecanismos intensificadores: advérbios intensificadores; adjetivos intensificadores; pronomes indefinidos; artigos definidos com entonação adequada; gradação de nomes, adjetivos ou verbos; expressões hiperbólicas; determinados prefixos e radicais; sufixos aumentativos; sufixos diminutivos de caráter superlativo; série sinonímica; a palavra senhor(a) com sentido intensificador; repetição da mesma

---

<sup>13</sup> "Os adjetivos avaliativos refletem certas particularidades da competência cultural e ideológica do falante" (tradução nossa).

palavra, em sequência, sendo que uma delas equivale à palavra muito; silabação; e algumas figuras de repetição: anáfora; epístrofe; concatenação; reduplicação; paralelismo; quiasmo e ritornelo.

No quadro abaixo, exemplificamos algumas palavras, consideradas pelas autoras como recursos intensificadores:

Quadro 7: Recursos intensificadores

| <b>Recursos intensificadores</b>   | <b>Exemplos</b>  |
|--|--|
| Advérbios intensificadores<br>(os de intensidade são os mais utilizados)                     | abundantemente, absurdamente, admiravelmente, bastante, bem, completamente, demais, demasiadamente, demasiado, mais, meio, menos, muito, profundamente, pouco, quão, quanto, tão, tanto, todo, tremendamente, etc. |
| Adjetivos intensificadores<br>(a noção intensificadora já está presente em sua significação) | absoluto, altivo, abundante, admirável, cheio, enorme, excelente, forte, extraordinária, grande, impetuoso, impressionante, soberbo, transcendental, tremendo, vigoroso, etc.                                      |
| Pronomes indefinidos   | bastante, bastantes, mais, menos, muita, muitas, muito, muitos, pouca, poucas, pouco, poucos, quanta, quantas, quanto, quantos.  |
| Determinados prefixos e radicais   | arqui, hiper, macro, mega, megalo, multi, oni, pluri, super, supra, ultra.   |

Fonte: AZEVEDO; OLIVEIRA, 2005.

Notamos que os mecanismos intensificadores exercem uma função importante na construção argumentativa, corroborando no processo persuasivo da enunciação, estão presentes, principalmente, nos gêneros discursivos que buscam o convencimento do interlocutor, a fim de que aceite a ideia do enunciador.

#### 4.2.3. Advérbios modalizadores

A modalização inscreve-se na problemática da enunciação, segundo Cervoni (1989), modalidade é o ponto de vista do sujeito perante um conteúdo, uma proposição apresentada segundo a opinião do enunciador. Assim, a modalização é um processo relevante e muito utilizado, pois consolida o posicionamento do enunciador, marcando seu conteúdo psíquico no enunciado e direcionando as suas

intenções, enfatiza, inclusive, os outros procedimentos argumentativos.

Os modalizadores traduzem, de forma mais objetiva (lógica) ou mais subjetiva (afetiva), a ideologia do enunciador, ou seja, com eles o falante expõe suas reações emotivas, manifestando suas intenções comunicativas, de modo mais aparente ou discreto, dentro do enunciado. E como o discurso é feito de escolhas, o enunciador que conhece as preferências de seu interlocutor constrói uma trama argumentativa para convencê-lo, de maneira que este não perceba que está sendo conduzido ou manipulado a tomar uma posição.

Os modalizadores ou indicadores modais são, portanto, imprescindíveis na construção do sentido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito, “a atitude subjetiva do locutor em face de seu enunciado pode traduzir-se também numa avaliação ou valorização de fatos, estados ou qualidades atribuídas a um referente.” (KOCH, 2003, p.53).

A modalização, segundo Dubois (1973), é concretizada pelos seguintes recursos:

- a) *intercâmbio de níveis linguísticos*: uma palavra gíria utilizada em um texto de código padrão;
- b) determinados *verbos*: os auxiliares modais poder, dever, ter, querer, entre outros;
- c) determinados *adjetivos*: os qualificadores de modalização utilizados em expressões cristalizadas (é evidente, é possível, é provável, etc.);
- d) *orações modalizadoras*: tenho certeza que..., não há dúvida que..., há possibilidade de..., todos sabem que..., etc;
- e) determinados *advérbios*: os modalizadores talvez, historicamente, obrigatoriamente, felizmente, entre outros.

Entre as diferentes possibilidades de modalização, apresentaremos aqui o advérbio que assume seu papel modalizador no discurso, apresentaremos, a seguir, as classificações encontradas em Neves (2000):

- a) *modalizadores epistêmicos* (ou asseverativos): avaliam o valor de

verdade do que é dito no enunciado, expressando certeza ou probabilidade. Subdividem-se em afirmativos, negativos e relativos (com certeza, naturalmente, logicamente, de jeito nenhum);

- b) *modalizadores delimitadores*: delimitam o âmbito dos enunciados, fixando concepções de verdade para o que é dito em dois modos principais: segundo a perspectiva do falante (Pessoalmente não vejo problema); dentro de um domínio conhecido (geograficamente, profissionalmente);
- c) *modalizadores deônticos*: expressam a obrigatoriedade ou permissibilidade, ou seja, aquilo que se deve fazer de um fato, apresentado pelo falante (A aula deverá, obrigatoriamente, iniciar no horário marcado);
- d) *modalizadores afetivos*: exprimem as reações emotivas, subjetivas e interpessoais, do falante em relação ao enunciado (felizmente, lamentavelmente, francamente).

Os modalizadores são elementos que ampliam e modificam os efeitos resultantes da sua relação com outras palavras, são recursos eficazes dentro da trama argumentativa, e apresentando, discursivamente, um jogo repleto de intenções.

A partir do que foi exposto nesse tópico, verificamos que a Semântica Argumentativa atribui nova significação para os termos gramaticais, e até mesmo para as ocorrências das figuras de linguagem, por compreender que esses termos, ao serem empregados nos discursos, trazem uma carga significativa maior, essencial à trama discursiva.

Evidenciaremos, no próximo capítulo, os sentidos estabelecidos a partir do manejo da adjetivação, dos processos de intensificação, dos operadores argumentativos e dos advérbios modalizadores, empregados nos textos que serão analisados, e como eles veiculam ideologia no processo discursivo.

#### 4.2.4 Operadores argumentativos

Os operadores argumentativos são marcas linguísticas que possibilitam estabelecer relações de sentido no texto como pressuposições, intenções explícitas e implícitas, entre outros; são elementos que indicam a força argumentativa dos enunciados.

As classes gramaticais que funcionam como operadores argumentativos são: alguns pronomes, alguns advérbios, algumas preposições, as conjunções, além das chamadas palavras denotativas de inclusão, exclusão, realce, retificação, dentre outras.

A Semântica Argumentativa ao resgatar esses elementos da gramática, reconhece a natureza retórica de cada um. Os operadores argumentativos são marcas linguísticas indispensáveis ao surgimento de efeitos, de ações e reações, de conclusões, ou seja, tais elementos colaboram para a significação plena do enunciado. (CORDEIRO, 2007, p.36)

Desta forma, os operadores argumentativos são elementos importantes na orientação do interlocutor para certos tipos de conclusões, por serem recursos linguísticos direcionadores de certa opinião, e também, indicadores de ideologia.

O operador argumentativo é responsável pela argumentatividade do texto (escrito ou falado); direciona os argumentos para um determinado sentido, faz com que este sentido se realize com o objetivo de produzir um efeito no interlocutor; portanto, os operadores executam, efetua o caminho, o direcionamento dos argumentos, agindo, de forma eficaz, no raciocínio do enunciatário (OLIVEIRA, 2003, p.237, grifo da autora).

Os estudos desenvolvidos por Koch (2003), acerca das pesquisas de Oswald Ducrot, precursor da Semântica Argumentativa, em relação aos operadores argumentativos, estabeleceram a classificação de nove tipos de operadores, de acordo com o sentido que desempenham:

1. operadores que assinalam o argumento mais forte dentro de uma escala que direciona para determinada conclusão: até, mesmo, até mesmo, inclusive;
2. operadores que estabelecem a soma de argumentos, direcionando para uma mesma conclusão: e, também, ainda, nem (e não), não só... mas também, tanto...como, além de, além disso, a par de, entre outros;

3. operadores que apontam para uma conclusão relacionada a um argumento apresentado anteriormente, estabelecendo uma ideia de consequência: portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente e outros;
4. operadores que permitam introduzir argumentos alternativos e levam a conclusões opostas ou diferentes: ou, ou então, quer...quer, seja...seja, etc;
5. operadores capazes de estabelecer comparação entre os elementos, objetivando atingir determinada conclusão: mais que, menos que, tão...como, entre outros;
6. operadores que, em relação ao enunciado anteriormente dado, introduzem uma explicação ou justificativa: porque, que, já que, pois e outros;
7. operadores que podem contrapor argumentos que indicam conclusões contrárias: embora (ainda que, posto que, apesar de), mas (contudo, porém, no entanto, todavia) etc;
8. operadores que introduzem conteúdos pressupostos: já, agora, ainda e outros;
9. operadores que podem tanto estabelecer uma conclusão positiva, quanto uma conclusão negativa, dependendo da maneira como são empregados: um pouco e pouco.

Nesse aspecto, os operadores são elementos indicadores das relações de sentido estabelecidas nos gêneros do discurso em estudo, funcionando como marcas fundamentais para o direcionamento argumentativo do discurso.

## CAPÍTULO V

### ANÁLISE DO CORPUS

Considerando que o objetivo deste trabalho é estudar os recursos argumentativos e ideológicos presentes na construção dos textos produzidos por estudantes e veiculados nos jornais universitários: *Écos Universitários* e *Poeira*, apresentaremos, neste capítulo, a análise de alguns gêneros discursivos veiculados nesses periódicos, possibilitando verificar a sua construção argumentativa.

A seleção dos textos para a análise foi feita com base na sua representatividade do gênero discursivo dentro do jornal ou pela relevância do seu conteúdo na materialização da ideologia. Assim, evidenciaremos os recursos argumentativos e os aspectos ideológicos presentes na construção de sentidos dos textos selecionados.

Enfatizamos os recursos argumentativos teorizados pela Semântica Argumentativa, como:

- a) adjetivação
- b) intensificadores
- c) modalizadores
- d) operadores argumentativos

E os procedimentos argumentativos responsáveis pela completude semântica do texto teorizados pela Linguística Textual, tais como:

- a) informatividade
- b) situacionalidade
- c) intertextualidade

Desta forma, apresentaremos nas análises como essas bases conceituais nos dão respaldo para demonstrar a correlação entre os recursos argumentativos, os aspectos ideológicos e os gêneros discursivos escritos por estudantes nos jornais universitários estudados.

## 5.1 DISCURSO DA ORADORA – *ÉCOS UNIVERSITÁRIOS*

Os gêneros discursivos presentes nos jornais universitários atendem as necessidades comunicativas de um grupo de estudantes, por isso esses periódicos veiculam uma série de textos que apresentam uma variedade de domínios discursivos, além da esfera jornalística.

Como exemplo, citamos o discurso de posse, impresso na edição nº 08 do jornal *Écos Universitários*, publicada em 1949; mesmo não sendo um texto comumente publicado em jornal, ele pode ser veiculado em um jornal universitário, basta o gênero ser relevante para a organização estudantil que desfruta desse periódico.

O discurso de posse é publicado nessa edição do *Écos*, pois ela celebra com grande destaque a posse de um novo grupo de alunas que assumiu a coordenação do Centro Acadêmico da Faculdade *Sedes Sapientae* (C.A.S.S.), como também a direção do jornal *Écos Universitários*.

Esse gênero discursivo possui um cunho formal, molda-se de acordo com locutor (orador), com os interlocutores (público) e a situação de comunicação (em que situação o discurso foi proferido). O discurso caracteriza-se por ser uma

mensagem oral, geralmente solene e prolongada (peça oratória), que um orador profere perante um público. Entre outros, podem-se citar: discurso de posse, de despedida, de formatura. Geralmente expositivo-argumentativo, formulado num encadeamento lógico e ordenado, pode expressar formalmente a maneira de pensar e agir e/ou as circunstâncias identificadas ou não com um certo assunto, meio ou grupo a quem o orador se dirige (COSTA, 2014, p.104).

O discurso de posse materializa-se pela escrita, mas realiza-se na oralidade, deste modo, o discurso da oradora foi publicado na íntegra, posteriormente ao ato solene de posse da nova coordenação do C.A.S.S.; para verificar os elementos argumentativos e os aspectos ideológicos contidos no discurso da oradora publicado pelo *Écos Universitários*, segue o texto.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> O discurso de posse está redigido de acordo com a publicação da edição estudada do jornal universitário *Écos Universitários*. Em anexo a cópia do original.

Exmo. Sr. Presidente.

Revdssmo. Assistente Eclesiástico da Faculdade.

Revdssa. Madre Diretora.

Senhoras, Senhores.

5 Colegas.

O C. A. S. S. apresenta neste instante mais um grupo de batalhadoras, grupo digno das tradições deste admirável educandário e fiel cumpridor dos deveres impostos pelas nossas próprias consciências.

10 Não fosse a manifesta incompetência da oradora que vos fala, poderíamos ressaltar com grande acêrto, os benefícios que vieram e que estão por vir desta agremiação.

Transladamos para o nosso centro, o civismo e a prática do dever, a obediência consciente aos nossos superiores, o amor a Deus, o respeito ao próximo e à sua inatingível liberdade individual, que na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientae" a direção firme e carinhosa das Revdssmas Madres de Santo Agostinho nos fizeram conhecer.

15 Vede, pois, meus colegas, quão valiosos são os grandes ensinamentos que auferimos desta grande casa de ensino. E é debaixo desta conduta de ordem moral e prática que o C. A. S. S. se compromete a agir e a solidificar cada vez mais o seu nome no campo de labuta universitário.

20 O C. A. S. S. tem uma missão a cumprir, e essa missão é satisfazer as aspirações, solidificar as amizades, unir as inteligências, despertar as personalidades. Missão que num centro exclusivamente feminino precisa ser cumprida, porque assim exigem nossa honra e a nossa dignidade.

25 O campo é vasto e a luta é árdua, mas não fracassaremos. As dificuldades que surgirem, surgirão apenas para reforçar a nossa fé e a nossa coragem, pois, a nós, cabe dar o exemplo dignificante de uma agremiação instituída somente para o bem, para a justiça e para a hombridade.

Afirmo-vos que com Isolina Paro nada tendes a temer. Com sua ponderação e energia saberá cumprir exata e dignamente tudo quanto vos for indicado e tudo quanto dela exigirdes.

30 Colegas! O que acabo de vos dizer não é um simples arranjo de palavras eufônicas, mas um solene compromisso para com as sócias do C. A. S. S. pronunciado em nome da honra individual. Uniremos nossas inteligências e envidaremos nossos esforços para fazermos do C. A. S. S. um campo de ação, onde a cordialidade se une ao esforço e a fé ao ânimo resolutivo. Seremos um só corpo em prol de um só ideal: o Bem, e teremos como auxiliares a fé em Deus e a confiança na justiça dos homens.

35 Assim, meus colegas, se nos depara mais uma etapa a cumprir. Só nos resta pedir a Deus, Sumo Creador de tôdas as coisas, com o coração cheio de esperança e de fé que norteie nossos atos e nossas palavras, para que deles só advenha o bem que desejamos realizar.

Dixit.

40 EDYR JORGE ADIB.

A mensagem do discurso da oradora segue a estrutura textual exigida por esse gênero, iniciando com pronomes de tratamento; no seu desenvolvimento utiliza vocativos para manter a interação com o público e apresenta uma linguagem formal.

45 Pelo seu conteúdo, supomos que a oradora tinha uma proximidade com o grupo da nova coordenação e que ela mesma fazia parte desse grupo. Normalmente quem profere um discurso é escolhido para assumir essa responsabilidade, a de escrever o texto, por isso é bem provável que a oradora tenha sido escolhida pelas demais alunas da instituição, pois assume essa  
50 atribuição ao falar em nome do C.A.S.S. (linha 6).

A locutora, a aluna Edyr Jorge Adib, que assina o discurso, considera-se como incapaz de explicitar todos os benefícios que a nova coordenação trará para a organização estudantil do *Sedes* (linhas 9-10). Também demonstra proximidade com seus interlocutores: alunas da Faculdade de Filosofia, as sócias do  
55 C.A.S.S. e as autoridades da instituição.

Para a construção desse gênero discursivo, a situacionalidade é o fator de textualidade norteador, já que funciona como um critério de adequação textual em relação à situação comunicativa; neste caso, o cerimonial de posse da nova coordenação do C.A.S.S., o que justifica a formalidade dos pronomes de tratamento  
60 na abertura do discurso, da exaltação da missão da organização estudantil e a ênfase dos valores e princípios da Faculdade *Sedes Sapientae*.

Classificamos esse gênero como pertencente ao domínio acadêmico, pois esse discurso específico, por estar relacionado a um ato solene para posse de uma nova coordenação de um Centro Acadêmico, só é possível existir dentro de  
65 uma instituição de ensino superior.

O grau de informatividade veiculado pelo discurso em análise é verificado a partir da observação do manejo dos recursos linguísticos utilizados pela locutora, pois, por meio do emprego de alguns mecanismos argumentativos, evidenciamos certos efeitos de sentido produzidos nesse processo enunciativo.  
70 Focalizaremos, na análise, os seguintes recursos: adjetivação, modalizadores, intensificadores e operadores argumentativos.

Destacamos o processo de adjetivação presente no discurso de posse, e, com esse recurso argumentativo, a enunciadora revela a sua afetividade em relação à nova coordenação do C.A.S.S. e a instituição de ensino. Pois o adjetivo possui como função primordial “tornar mais viva a manifestação de uma atitude emotiva diante da realidade; ele exterioriza impressões, sentimentos, juízos de valor, revelando o caráter vibrante da linguagem e o potencial de expressão do espírito humano” (OLIVEIRA, 2014, p.182).

Elencamos, no quadro abaixo, as ocorrências dos adjetivos e locuções adjetivas presentes no texto selecionado.

Quadro 8: Adjetivação do discurso de posse

| Nº DA OCORRÊNCIA | ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS | Nº DA LINHA |
|------------------|--------------------------------|-------------|
| 1                | de batalhadoras                | 6           |
| 2                | digno                          | 6           |
| 3                | admirável                      | 7           |
| 4                | fiel                           | 7           |
| 5                | dos deveres impostos           | 7           |
| 6                | impostos                       | 7           |
| 7                | próprias                       | 8           |
| 8                | manifesta                      | 9           |
| 9                | da oradora                     | 9           |
| 10               | grande                         | 10          |
| 11               | consciente                     | 12          |
| 12               | inatingível                    | 13          |
| 13               | individual                     | 13          |
| 14               | firme                          | 14          |
| 15               | carinhosa                      | 14          |
| 16               | valiosos                       | 16          |
| 17               | grandes                        | 16          |
| 18               | grande                         | 17          |
| 19               | de ensino                      | 17          |
| 20               | de ordem moral e prática       | 17          |

|    |               |    |
|----|---------------|----|
| 21 | moral         | 17 |
| 22 | prática       | 17 |
| 23 | de labuta     | 19 |
| 24 | universitário | 19 |
| 25 | feminino      | 22 |
| 26 | vasto         | 24 |
| 27 | árdua         | 24 |
| 28 | dignificante  | 26 |
| 29 | simples       | 31 |
| 30 | eufônicas     | 31 |
| 31 | solene        | 32 |
| 32 | individual    | 33 |
| 33 | de ação       | 34 |
| 34 | resoluto      | 35 |
| 35 | só            | 35 |
| 36 | só            | 35 |
| 37 | dos homens    | 36 |
| 38 | cheio         | 38 |

Fonte: elaborado pela autora.

85 Pelo quadro, notamos a relevância da adjetivação no discurso, com o emprego de trinta e um adjetivos e sete locuções adjetivas. Conforme postula Kerbrat-Orecchioni (1980), a adjetivação subjetiva consiste em uma avaliação feita pelo locutor de acordo com um determinado ponto de vista, segundo a autora, esses adjetivos se classificam em afetivos ou avaliativos; já a adjetivação objetiva caracteriza, descritivamente, um substantivo.

90

A partir dessa definição, constatamos dezenove ocorrências de adjetivação objetiva e dezoito de subjetiva; apresentaremos os principais empregos desse recurso no discurso de posse, conforme elencamos abaixo:

a) Adjetivação subjetiva do substantivo grupo, que qualifica afetivamente a nova coordenação do C.A.S.S.:

95

  
grupo **de batalhadoras** (l.6)

grupo **digno** (l.6)

b) Adjetivos caracterizadores da instituição de ensino, as duas primeiras ocorrências avaliam com subjetividade e a terceira com objetividade:

100 **admirável** educandário (l.7)

**grande** casa **de ensino** (l.17)

c) Adjetivos que definem o funcionamento e o ensino da Faculdade, as duas primeiras ocorrências são adjetivos subjetivos afetivos, o terceiro é um adjetivo afetivo avaliativo e o quarto um adjetivo objetivo:

105 direção **firme** e **carinhosa** das Revdssmas Madres de Santo Agostinho (l.14)

**grandes** ensinamentos (l.16)

conduta **de ordem moral e prática** (l.17)

d) Adjetivação em relação ao trabalho a ser realizado pela nova coordenação do C.A.S.S., os dois primeiros adjetivos são classificados como subjetivos avaliativos e a terceira ocorrência é um adjetivo subjetivo afetivo:

110 o campo é **vasto** e a luta é **ádua** (l.24)

cabe dar o exemplo **dignificante** (l.26)

115 Os adjetivos destacados caracterizam os substantivos correspondentes e colaboram, em todos os exemplos, para a construção argumentativa do discurso de posse, indicando a subjetividade afetiva ou a objetividade que a oradora apresenta em seu discurso. Toda a seleção lexical feita para concretizar o processo de adjetivação evidencia claramente o posicionamento assumido pela locutora, um sentimento de esperança na nova coordenação do centro acadêmico e a confiança  
120 depositada na instituição de ensino.

Outro mecanismo utilizado são os modalizadores, que também traduzem, de forma mais objetiva ou mais subjetiva, a ideologia do enunciador, além de serem recursos eficazes dentro da trama argumentativa, pois ampliam e modificam os efeitos resultantes da sua relação com outros mecanismos linguísticos.

- 125 Elencamos os modalizadores presentes no texto estudado, no quadro abaixo, classificando-os de acordo com a categorização postulada por Neves (2000):

Quadro 9: Modalizadores do discurso de posse

| Nº DA OCORRÊNCIA | MODALIZADOR            | TIPO        | Nº DA LINHA |
|------------------|------------------------|-------------|-------------|
| 1                | com grande acerto      | epistêmico  | 10          |
| 2                | exclusivamente         | delimitador | 22          |
| 3                | exata                  | epistêmico  | 29          |
| 4                | dignamente             | afetivo     | 29          |
| 5                | em prol de um só ideal | afetivo     | 35          |

Fonte: elaborado pela autora.

130

Entre as ocorrências listadas, destacamos o uso de três advérbios mobilizadores, que contribuem para a construção do sentido do discurso. Conforme elencamos abaixo:

- a) “Missão que num centro **exclusivamente** feminino precisa ser cumprida, porque assim exigem a nossa honra e a nossa dignidade” (l. 21-23).

135

O advérbio destacado exerce a função de modalizador delimitador, pois delimita o acesso de apenas mulheres universitárias para estudarem na Faculdade “*Sedes Sapientiae*”. Essa delimitação não é algo simbólico, mas uma demonstração real da segregação sexual presente no âmbito do ensino, onde, por muito tempo, apenas a existência de escolas e faculdades femininas garantiam às mulheres o acesso à educação.

140

Isso enfatiza a ideia de que a missão do C.A.S.S. de “satisfazer as aspirações, solidificar amizades, unir inteligências, despertar as personalidades” (l. 20-21) deve ser cumprida; o operador argumentativo **porque** (l.22) introduz uma justificativa para essa obrigação, pois assim exigem a honra e a dignidade das mulheres universitárias, para salientar a sua igualdade com os homens em adquirir um padrão intelectual durante o cursar de uma graduação.

145

b) “Afirmo-vos que com Isolina Paro nada tendes a temer. Com sua ponderação,  
150 energia saberá cumprir **exata e dignamente** tudo quanto for indicado e tudo quanto  
dela exigirdes” (l. 28-30).

O advérbio **exata(mente)** é classificado como epistêmico, pois, por  
meio dele, a oradora avalia com valor de verdade o que afirmou de Isolina Paro, a  
nova presidente do C.A.S.S. empossada durante o ato solene em que foi lido esse  
155 discurso. Com o advérbio **dignamente**, a enunciadora enfatiza, de forma subjetiva,  
sua confiança na colega e tranquiliza seus interlocutores para confiarem, como ela,  
em Isolina, portanto, esse advérbio é um modalizador afetivo.

Essa afirmação é reiterada com o uso dos operadores argumentativos  
**nada** (l.28) e **tudo** (29), o primeiro indica negação plena de qualquer temor acerca  
160 da liderança de Isolina Paro; e o segundo, empregado duas vezes, funciona como  
afirmação plena do compromisso da nova presidente com o centro acadêmico que  
ela representa.

O emprego dos modalizadores no discurso estudado consolidam o  
posicionamento assumido pela oradora, direcionando as suas intenções,  
165 enfatizando, inclusive, os outros procedimentos argumentativos empregados.

No discurso de posse, evidenciamos o emprego dos intensificadores,  
esse recurso possibilita enfatizar determinadas palavras ou orações, a fim de  
corroborar com a construção argumentativa do locutor, com o intuito de convencer o  
seu interlocutor do valor da sua ideia. Elencamos as seguintes ocorrências:

170

Quadro 10: Intensificadores do discurso de posse

| Nº DA OCORRÊNCIA | INTENSIFICADORES | TIPO                              | Nº DA LINHA |
|------------------|------------------|-----------------------------------|-------------|
| 1                | mais             | pronome indefinido intensificador | 6           |
| 2                | grande           | adjetivo intensificador           | 10          |
| 3                | inatingível      | adjetivo intensificador           | 13          |
| 4                | quão             | advérbio intensificador           | 16          |
| 5                | grandes          | adjetivo intensificador           | 16          |
| 6                | grande           | adjetivo intensificador           | 17          |

|    |               |                                   |    |
|----|---------------|-----------------------------------|----|
| 7  | cada vez mais | locução adverbial de intensidade  | 18 |
| 8  | vasto         | adjetivo intensificador           | 24 |
| 9  | mais          | pronome indefinido intensificador | 37 |
| 10 | cheio         | adjetivo intensificador           | 38 |

Fonte: elaborado pela autora.

175 Seleccionamos algumas dessas ocorrências para enfatizar a carga significativa dos intensificadores no discurso em estudo, conforme elencamos abaixo:

a) “O C.A.S.S. apresenta neste instante **mais** um grupo de batalhadoras” (l.6).

180 O pronome indefinido destacado é empregado como um mecanismo intensificador para afirmar que o novo grupo que assume a direção do centro acadêmico soma-se aos demais grupos de pessoas batalhadoras que o antecederam.

b) “Vede, pois, meus colegas, **quão** valiosos são os **grandes** ensinamentos que auferimos desta **grande** casa de ensino” (l.16-17).

185 A interlocução do início do trecho chama a atenção dos interlocutores do discurso para a conclusão da argumentação feita anteriormente pela oradora, por meio do emprego do operador argumentativo **pois** (l.16). O advérbio de intensidade **quão** (l.16) funciona como um intensificador do adjetivo valiosos, esse emprego destaca, de forma mais afetiva, a ideia que a oradora levanta sobre os ensinamentos adquiridos pelas estudantes na Faculdade “*Sedes Sapientiae*”.

190 Já os adjetivos **grandes** (l.16) e **grande** (l.17) ressaltam positivamente as qualidades, respectivamente, dos ensinamentos adquiridos pelas universitárias e da valorização atribuída para o centro de ensino; por isso são classificados como adjetivos intensificadores.

195 c) “é debaixo desta conduta de ordem moral e prática que o C.A.S.S. se compromete a agir e solidificar **cada vez mais** o seu nome no campo de labuta universitário”

(l.17-19).

200 A locução adverbial de intensidade destacada assinala, no discurso de posse, o comprometimento do centro acadêmico em manter e intensificar a “conduta de ordem moral e prática” (l.17) aprendida na Faculdade de Filosofia “*Sedes Sapientae*”, para consolidar o C.A.S.S. no trabalho árduo que assume como centro acadêmico exclusivamente feminino dentro de um contexto de organização estudantil predominantemente masculino.

205 d) “com o coração **cheio** de esperança e fé” (l. 38).

210 O adjetivo **cheio** intensifica o substantivo coração, uma escolha lexical que denota afetividade, acompanhado pelo complemento nominal: **de esperança e fé** (l.38), que pontua o valor da esperança e da fé para nortear os trabalhos do C.A.S.S.; além do trecho destacado enfatizar o modo como as alunas devem pedir direcionamento de seus atos e palavras a Deus (l.37-38), marcando a presença da fé cristã como base da conduta do centro acadêmico e da faculdade.

215 Os intensificadores destacados pertencem a classes gramaticais diferentes: pronome, advérbio e adjetivo, mas, no nível discursivo, exprimem uma carga semântica de intensificação. Como enfatizam Azevedo e Oliveira (2005, p.10), “o processo de intensificação é um recurso argumentativo que enfatiza a carga significativa de uma palavra, de uma expressão ou de um texto, evidenciando o seu caráter emotivo-argumentativo”.

220 No discurso de posse, verificamos também o emprego de operadores argumentativos, que são responsáveis por estabelecerem relações de sentido no texto e indicam a força persuasiva dos enunciados. Como reitera Oliveira (2003), os operadores “veiculam estratégias lingüístico-argumentativas, imprimindo as marcas de subjetividade do locutor”. No gênero focalizado, verificamos as seguintes ocorrências desse elemento argumentativo:

225

Quadro 11: Operadores argumentativos do discurso de posse

230

| Nº DA OCORRÊNCIA | OPERADOR | EFEITO DE SENTIDO                                   | Nº DA LINHA |
|------------------|----------|---|-------------|
| 1                | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 7           |
| 2                | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 11          |
| 3                | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 12          |
| 4                | pois     | conclusão   | 16          |
| 5                | E        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 17          |
| 6                | e        | adição de argumentos                                | 20          |
| 7                | porque   | explicação  | 22          |
| 8                | assim    | indica uma confirmação                              | 22          |
| 9                | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 23          |
| 10               | e        | adição de argumentos                                | 24          |
| 11               | mas      | oposição de argumentos                              | 24          |
| 12               | apenas   | restrição   | 25          |
| 13               | para     | finalidade  | 25          |
| 14               | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 25          |
| 15               | pois     | explicação  | 25          |
| 16               | somente  | restrição   | 26          |
| 17               | para     | finalidade  | 26          |
| 18               | para     | finalidade  | 26          |
| 19               | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 27          |
| 20               | para     | finalidade  | 27          |
| 21               | nada     | negação plena                                       | 28          |
| 22               | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 28          |
| 23               | e        | adição de elementos com a mesma                     | 29          |

|    |          |   |    |
|----|----------|---|----|
|    |          | força argumentativa                                 |    |
| 24 | tudo     | afirmação plena                                     | 29 |
| 25 | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 29 |
| 26 | tudo     | afirmação plena                                     | 29 |
| 27 | mas      | oposição de argumentos                              | 32 |
| 28 | para     | finalidade  | 32 |
| 29 | e        | adição de argumentos                                | 33 |
| 30 | para     | finalidade  | 33 |
| 31 | e        | adição de argumentos                                | 34 |
| 32 | e        | adição de argumentos                                | 35 |
| 33 | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 36 |
| 34 | Assim    | conclusão   | 37 |
| 35 | só       | restrição   | 37 |
| 36 | todas    | afirmação plena                                     | 38 |
| 37 | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 38 |
| 38 | e        | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 39 |
| 39 | para que | finalidade  | 39 |
| 40 | só       | restrição   | 39 |

Fonte: elaborado pela autora.

Destacamos, no gênero em estudo, alguns empregos de operadores argumentativos que direcionam os argumentos utilizados pela oradora. Seguem os enunciados:

a) “O campo é vasto **e** a luta é árdua, **mas** não fracassaremos” (l.24).

O trecho revela a contraposição, entre dois argumentos contrários, direcionada pelo operador argumentativo **mas**, conforme o esquema abaixo:



240 MAS

O argumento A refere-se aos desafios da organização acadêmica e a luta das mulheres para conquistarem o seu espaço no âmbito universitário, e é composto pela adição de dois argumentos estabelecida pelo operador **e**, o primeiro “o campo é vasto” e o segundo “a luta é árdua”; o argumento B confronta a realidade posta pelo argumento anterior, ao enfatizar o empenho das alunas do C.A.S.S. em não fracassarem.

Podemos levantar a hipótese que a contraposição estabelecida no trecho foi a forma que a locutora encontrou de afirmar publicamente a missão daquele centro acadêmico feminino, e, mesmo com as dificuldades do ingresso das mulheres ao ensino superior e outros empecilhos sociais, elas não desistiriam de buscar os seus direitos.

b) “As dificuldades que surgirem, surgirão **apenas para** reforçar a nossa fé **e** a nossa coragem, **pois**, a nós, cabe dar o exemplo dignificante de uma agremiação instituída **sòmente para** o bem, **para** a justiça e **para** a hombridade” (l.24-27).

O trecho demonstra a explicação do argumento A revelada no argumento B, por meio do operador argumentativo **pois**, conforme o esquema abaixo:

Argumento A:  
“As dificuldades que surgirem, surgirão apenas para reforçar a nossa fé e a nossa coragem”

POIS

Argumento B:

“a nós, cabe dar o exemplo dignificante de uma agremiação instituída sòmente para o bem, para a justiça e para a hombridade.”

O argumento A refere-se às possíveis dificuldades que seriam enfrentadas pelo C.A.S.S., enfatizando que essas seriam apenas oportunidades para as alunas do *Sedes* reafirmarem sua luta no campo universitário. Esse efeito de sentido é reiterado pelo operador argumentativo **apenas** (l.25), o qual considera as dificuldades que surgirem um reforço para o propósito delas, que é reforçado pelo operador **para** (l.25), que indica finalidade, ou seja, reforçar a fé e a coragem das sócias do centro acadêmico, objetivo que relaciona, por meio do operador **e** (l.25),

dois elementos com a mesma força argumentativa.

O argumento B é uma explicação do argumento A, já que o operador argumentativo **pois** (l.25) estabelece um efeito de sentido de explicação entre os dois argumentos. A justificativa apresentada no argumento B é que as dificuldades não afetarão os objetivos traçados pelo C.A.S.S., já que às universitárias cabe a missão de dar um “exemplo **dignificante**” (l.26), esse adjetivo enfatiza o compromisso do centro acadêmico em honrar a instituição que representa e a sua dignidade.

Esse efeito de sentido é sustentado pela construção persuasiva do elemento B, que apresenta o operador argumentativo **somente** (l.26), o qual restringe o objetivo das ações das universitárias, que possuem como finalidade, indicada pelo operador **para** (l.26,27), o bem comum, a justiça e a integridade.

c) “Colegas! O que eu acabo de vos dizer não é um simples arranjo de palavras eufônicas, **mas** um solene compromisso para com as sócias do C.A.S.S.” (l.31-32).

O trecho apresenta a contraposição entre dois argumentos em relação ao discurso

Argumento A:

“O que eu acabo de vos dizer não é um simples arranjo de palavras eufônicas”

de posse  
proferido  
pela oradora,

Argumento B:

“um solene compromisso para com as sócias do C.A.S.S.”

conforme o esquema abaixo:

**X**

MAS

O emprego do operador argumentativo **mas** direciona o argumento B como o mais forte, indicando que o discurso da oradora deve ser visto como palavras de compromisso da coordenação do centro acadêmico para com as alunas associadas. Inclusive, o uso do termo **sócias** reforça o efeito de sentido de engajamento do grupo com as colegas do C.A.S.S., e por isso o discurso da oradora não deve ser interpretado como um discurso vazio.

O argumento A apresenta o discurso de posse caracterizado pela

adjetivação subjetiva avaliativa em: **simples** e **eufônicas** (l.31); contraposta pelo adjetivo, também subjetivo, **solene** (l.32), que atribui uma propriedade nova ao discurso da oradora e, nesse caso, constitui o argumento mais forte na trama argumentativa.

Pelos enunciados analisados, constatamos que os operadores argumentativos são marcas linguísticas que indicam a orientação argumentativa dos enunciados, determinando os efeitos de sentido estabelecidos no texto.

Na análise do discurso de posse da nova coordenação do C.A.S.S., evidenciamos além dos efeitos de sentido produzidos pelo manejo dos recursos argumentativos, também a presença de aspectos ideológicos, os quais apontam para a relação de comprometimento com os princípios da instituição por parte das alunas e a relevância do campus para o ensino feminino na época; além de destacar a questão do papel da mulher universitária, também apresenta a forte relação entre a religião e a educação.

As alunas da Faculdade “*Sedes Sapientiae*” estavam habituadas aos valores católicos da instituição de ensino, destacados no trecho: “o civismo e a prática do dever, a obediência consciente aos nossos superiores, o amor a Deus, o respeito ao próximo e à sua inatingível liberdade individual” (l. 11-13); a oradora destaca que esses princípios foram ensinados para as alunas por meio da direção da Faculdade administrada pelas Madres de Santo Agostinho.

Esse comprometimento desdobra-se para a aspiração que as alunas do *Sedes* tinham em relação à sua organização estudantil, expressa no trecho: “Seremos um só corpo em prol de um só ideal: o Bem, e teremos como auxiliares a fé em Deus e a confiança na justiça dos homens” (l. 35-36). O objetivo retoma, com a intertextualidade implícita, a ideia da passagem bíblica de 1 Coríntios 12:12 “Porque, como o corpo é um todo tendo muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo”. Essa relação estabelecida mostra que a fé das alunas do *Sedes* inspirava também a busca da unidade para dentro da sua mobilização estudantil como sócias do Centro Acadêmico.

Invocando a bênção de Deus (l. 36-39) para guiar a nova etapa do C.A.S.S. iniciada com esse ato solene, a oradora encerra seu discurso, assinando com a expressão latina “Dixit” que significa “dito”, e logo abaixo coloca o seu nome,

335 outro elemento discursivo que evidencia a influência do catolicismo na formação discursiva da locutora.

Por meio da análise do discurso da oradora veiculado pelo jornal *Écos Universitários*, entendemos um pouco mais a relação estabelecida entre as alunas e o centro da Faculdade “*Sedes Sapientiae*”, evidenciando como o ensino com base na fé católica interfere na ação dessas alunas, incentivando-as a organizar seu 340 Centro Acadêmico pautado em princípios cristãos, o que também justifica a forma como elas conduziram o seu jornal universitário, veiculando gêneros discursivos que promoviam o conhecimento e a interação entre as alunas da instituição.

## 5.2 ENQUETE – JORNAL *ÉCOS UNIVERSITÁRIOS*

345

Consideramos as produções dos textos como produto da relação constituída pelo momento histórico e a ideologia que permeiam a sociedade e constituem o sujeito enunciador. Assim, “a língua, não tendo função em si, existe para expressar a cultura e possibilitar que a informação circule [...]. A cultura é 350 transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar a condição de subsistência dessa cultura” (CARVALHO, 2010, p.101). Como reitera Orlandi (2015), os sentidos são determinados pelas posições ideológicas presentes no momento sócio-histórico em que os dizeres são produzidos.

Nesta perspectiva, os textos são materializadores por meio de 355 discursos sociais historicamente marcados. Para exemplificar essa posição, selecionamos uma enquete do jornal *Écos Universitários*, que por ter circulado em um campus de uma faculdade de ensino exclusivo feminino, a Faculdade *Sedes Sapientae*, apresenta relações das mulheres universitárias em uma sociedade que ainda segregava o direito delas frequentarem o ensino superior.

360

Figura 8 : Enquete do *Écos Universitários*



Fonte: acervo pessoal da autora.

370

As alunas do *Sedes* questionam alguns alunos universitários, por meio de uma enquete, com a pergunta: “Qual a sua opinião sincera a respeito da moça que frequenta uma escola superior?”, veiculada no jornal universitário *Écos Universitários*, na edição de 1953. A partir das respostas dessa enquete, evidenciamos um posicionamento sobre o ensino feminino veiculado pelas vozes dos estudantes, mas que trazem marcas da posição social em relação ao papel da mulher na sociedade na década de 1950.

375

O gênero discursivo enquete é definido como “pesquisa jornalística de opinião [...], geralmente em forma de entrevista ou depoimento, sobre uma questão ou tema da atualidade pré-determinados” (COSTA, 2014, p.114).

380

O jornal publicou quatro respostas para a enquete, escolhemos duas, e por meio da análise dessas respostas<sup>15</sup> dadas pelos estudantes, evidenciamos a

<sup>15</sup> As respostas estão redigidas de acordo com a publicação da edição estudada do jornal

visão do homem universitário sobre a presença feminina no ambiente superior, reafirmando o discurso do papel da mulher na cultura brasileira disseminada no século XX.

385                   Analisaremos a construção argumentativa por meio do emprego das palavras, pois, conforme Citelli (1994), os mecanismos argumentativos aparecem combinados de acordo com as exigências da produção do discurso, logo, são estas escolhas que expressam os posicionamentos ideológicos do locutor, já que a linguagem significa, ela atribui sentido às coisas, carrega valores e ideias. Nas  
390 análises, podemos evidenciar os seguintes recursos: modalização, operadores argumentativos, intensificação, adjetivação e seleção lexical.

A seguir, transcrevemos uma das respostas:

395                   RESPOSTA 1:

|  |
|--|
| <p>1. - As moças que frequentam Faculdades, de u'm maneira geral poderão ser "classificadas" em duas</p> <p>2. categorias, claramente distintas:</p> <p>3. 1. As que o fazem exclusivamente como turistas;</p> <p>4. 2. outras, que, desejando elevar seu padrão intelectual, cursam a Faculdade para tal.</p> <p>400 5. Em epílogo: as duas "categorias" de universitárias primam, essencialmente pelo que chamamos de</p> <p>6. ebulia, i. é., não procuram realizar nos anos de curso o que entendemos por universidade. Eis seu</p> <p>7. demérito.</p> <p>8. Neif Salady (Filosofia U.S.P.)</p> |
|--|

405                   O locutor organiza sua resposta à enquete generalizando as moças que frequentam o ensino superior, isto é evidenciado pelo emprego da expressão "de u'm maneira geral" (linha 1); na sua visão pessoal, as universitárias podem ser "**classificadas**" (l.1), em duas "**categorias**" (l.5). As aspas utilizadas no texto nas palavras: classificadas e categorias são consideradas argumentativas, pois  
410 enfatizam a ideia de categorização das estudantes, que é um posicionamento do enunciador.

                    O arcabouço argumentativo deste texto é enriquecido pela utilização de advérbios, os quais, no nível discursivo-argumentativo, funcionam como modalizadores, e, a partir de seu emprego, evidencia-se, de forma mais objetiva  
415 (lógica) ou mais subjetiva (afetiva), a ideologia do enunciador.

420

Os advérbios modalizadores compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação lingüística. (NEVES, 2000, p. 244)

425

Portanto, esses elementos ampliam e modificam os efeitos resultantes da sua relação com outras palavras, envolvendo o interlocutor em um jogo de ideias. No texto analisado, o locutor usa os advérbios modalizadores em três ocorrências: **claramente** (l.2), **exclusivamente** (l.3), **essencialmente** (l.5) que, pela classificação de Neves (2000), pertencem à classe dos modalizadores epistêmicos (ou asseverativos).

430

Em todas essas ocorrências, o locutor avalia, com valor de verdade, o que é dito no enunciado; no primeiro caso: “[...] poderão ser ‘classificadas’ em duas categorias, claramente distintas [...]”, o modalizador **claramente** expressa certeza de que as “categorias” de universitárias possuem características completamente particulares; na segunda ocorrência: “[...] As que fazem exclusivamente como turistas [...]”, o modalizador **exclusivamente** explicita a sua avaliação a respeito da primeira “categoria” de universitárias: as turistas; no terceiro caso: “[...] as duas ‘categorias’ de universitárias primam, essencialmente pelo que chamamos de ebulia [...]”, o modalizador **essencialmente** marca o posicionamento ideológico de que as universitárias, independentemente da “categoria” a que pertençam, não realizam, nos anos de curso, o mesmo que os homens.

435

440

Os efeitos de sentido devem ser levantados, devemos formular hipóteses sobre esse posicionamento, o que se espera de um estudante universitário: o desenvolvimento intelectual e, conseqüentemente, o crescimento profissional; podendo levar a um outro efeito, ou seja, ao contrário do que ocorre comumente entre os homens, as mulheres não conseguem o mesmo nível de desenvolvimento intelectual.

445

O locutor sintetiza sua argumentação com um epílogo no final do texto, o qual funciona como um desfecho para sua resposta. Para esta construção, mobiliza uma seleção lexical que sustenta sua visão ideológica sobre a presença feminina no meio universitário, com a escolha dos termos: **ebulia** (l.6) e **demérito** (l.7).

450

Ebulia vem do verbo ebulir, que significa entrar em ebulição, ferver, o

locutor usou esta palavra de maneira figurada, ao aproximar esse sentido, como ele mesmo reitera, a “não procuram realizar nos anos de curso o que entendemos por universidade” (l.6). Um dos sentidos possíveis é o de que, na opinião do enunciador, as mulheres apenas demonstram entusiasmo com o ingresso ao ensino superior  
455 como fator de satisfação pessoal, e não para promover a busca e o desenvolvimento do conhecimento, papel fundamental de um estudante universitário. Ou, ainda, essa ideia de ferver esteja atrelada a uma efervescência que, relacionada ao fato da mulher estar no ensino superior, pode gerar um efeito “fugaz”, isto é, de que a mulher não tem condições de terminar o nível superior ou, se concluí-lo, não vai  
460 avançar profissionalmente.

A palavra demérito significa: desmerecimento ou falta de mérito, está presente na construção: “Eis o seu demérito” (l. 6-7), indicando um posicionamento do interlocutor, que não é exclusivamente dele, mas é também uma posição ideológica caracterizadora de uma sociedade em que a mulher não era merecedora  
465 de mérito algum por cursar o nível superior.

Inferimos que esta opinião corresponde ao posicionamento ideológico vigente na sociedade brasileira na década de 1950, em que o verdadeiro papel constituído para a mulher estava dentro do lar e não na universidade, reiterando a tese, muito comum no século XIX, de que a diferença biológica entre os gêneros  
470 determina o seu papel social, ou seja, os homens nasceram biologicamente preparados para o desenvolvimento intelectual e as mulheres para o cuidado do lar e a maternidade.

Dessa forma, foi defendida, por muito tempo, uma educação diferenciada entre homens e mulheres, como apresenta Rosemberg (2012), a segregação sexual nas escolas foi uma barreira para a educação feminina, não só  
475 para a educação de meninas e moças, como também para a formação de mestras; para manter a diferenciação do ensino entre os sexos, em alguns casos, a frequência de homens e mulheres eram em dias ou períodos distintos, ou até em prédios separados ou alternados.

480 Em um breve panorama, vemos que no Brasil, denegou-se a educação formal às mulheres em nome de sua “natureza corruptível”: o modelo de educação feminina virtuosa até o século XIX era o de Sant’Anna Mestra, avó de Cristo, que ensinava a Virgem, sua filha, com seu livro de preces. Posteriormente, sustentou-se a necessidade de se educar as mulheres  
485 (comedidamente, porém) porque elas seriam “educadoras de homens”,

490

necessários à nação. Defendeu-se a educação diferenciada, porque mulheres eram tidas como menos inteligentes e mais frágeis que os homens. Incluiu-se Economia Doméstica em seu currículo, porque “a mulher é rainha do lar”. Criticou-se a escola mista, por ser “promíscua”. Estimulou-se a formação de professoras, porque elas, “verdadeiras mães”, têm “vocação para o sacerdócio” que é o magistério (ROSEMBERG, 2012, p. 338-339).

495

Tudo isso nos faz depreender que, na resposta do interlocutor, há a manifestação dessa voz da sociedade da década de 1950, que determinada pelas condições de produção, carrega em seus preceitos a segregação sexual; porém, em contrapartida, transparece outra voz, a da mulher que começa a luta pelo seu espaço, também no direito igualitário e pleno à educação.

500

A seguir, transcreveremos a segunda resposta:

RESPOSTA 2:

1. Não fuçamos pois à realidade: uma jóvem culta, inteligente e viva é admirável; mas mais admirável
2. ainda é uma boa dona de casa, uma boa esposa e uma boa mãe.
3. Pedro Cezar Curti (Paulista de Direito)

505

A argumentação deste texto é construída basicamente pelo jogo entre dois argumentos, os quais evidenciam uma oposição de ponto de vista social em relação ao que é admirável em uma mulher: A) culta/inteligente/viva e B) boa dona de casa/boa esposa/boa mãe.

510

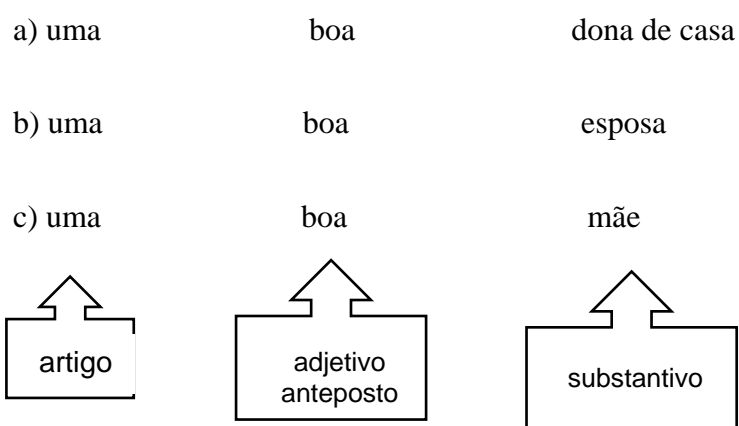
O argumento A: “[...] uma jóvem culta, inteligente e viva é admirável [...]” é formado por uma adjetivação ternária para o substantivo jovem, pelo uso dos adjetivos: **culta**, **inteligente** e **viva** (linha 1). De acordo com Neves (2000), os adjetivos atribuem uma propriedade singular a uma categoria denominada por um substantivo, no caso da adjetivação destacada, o locutor utiliza esse recurso para qualificar o substantivo “jovem” de maneira subjetiva, deste modo, como postula Neves (2000), podemos classificá-los como adjetivos qualificadores, o uso desses adjetivos demonstra a intencionalidade do locutor, por manifestar seu posicionamento a respeito das qualidades positivas de uma mulher, mas em um nível que, em relação ao que consta no argumento B, é inferior, ou seja, trata-se de um grupo de adjetivos que qualificam, porém em uma intensidade e força menor em contraste com o grupo.

520

O argumento B: “[...] mas mais admirável ainda é uma boa dona de casa, uma boa esposa e uma boa mãe [...]” é introduzido pelo advérbio *mais* (l.1),

que funciona como intensificador do adjetivo *admirável* (l.1). Este processo  
 525 semântico é altamente argumentativo, pois, como ressaltam Azevedo e Oliveira  
 (2005), a intensificação, enquanto recurso persuasivo, realça a carga semântica da  
 palavra que está sendo intensificada. Além disso, esse argumento apresenta um  
 outro processo intensificador, o paralelismo sintático, com a repetição de estruturas  
 idênticas:

530



535

A repetição do adjetivo **boa** no início do sintagma nominal configura,  
 também, um recurso intensificador: a figura de repetição chamada anáfora.

Os dois argumentos são colocados em contraste pela conjunção *mas*,  
 540 que discursivamente assume o papel de operador argumentativo, Ducrot o classifica  
 como o operador argumentativo por excelência.

545

O operador argumentativo é responsável pela argumentatividade do texto  
 (escrito ou falado); direciona os argumentos para um determinado sentido,  
 faz com que este sentido se realize com o objetivo de produzir um efeito no  
 interlocutor; portanto, os operadores executam, efetuam o caminho, o  
 direcionamento dos argumentos, agindo, de forma eficaz, no raciocínio do  
 enunciatário. (OLIVEIRA, 2003, p.237).

Por isso os operadores argumentativos são elementos imprescindíveis  
 na orientação do interlocutor para certo tipo de conclusão, excluindo outras  
 550 possibilidades, por serem marcas linguísticas que direcionam determinada opinião.  
 No texto em questão, o operador *mas* contrapõe o argumento A ao argumento B,  
 orientando para posições contrárias, principalmente devido às condições sócio-  
 históricas da época, conforme esquema abaixo:

555

Argumento A:  
 “uma jovem culta,  
 inteligente e viva é  
 admirável” (l. 1).



MAS

Argumento B:  
 “mais admirável ainda é uma  
 boa dona de casa, uma boa  
 esposa e uma boa mãe” (l. 1-2).

560

565

O enunciador indica a clara oposição entre os dois argumentos postos por ele, por meio do emprego do operador **mas** (l.1). Podemos levantar a hipótese de que o argumento A é a visão pessoal do locutor em relação à mulher, contraposto pelo argumento B, que nesse jogo argumentativo configura-se como mais forte: é a visão cristalizada a respeito do papel da mulher na sociedade na década de 1950, ainda herança da nossa colonização, como expõe Almeida (2014), a cultura lusitana deixou profundas raízes na sociedade brasileira na definição dos papéis de cada gênero, perpetuando a responsabilidade feminina limitada às fronteiras domésticas, dedicação exclusiva ao matrimônio e educação dos filhos.

570

Além da oposição ideológica, podemos inferir que ao contrapor as outras qualidades como melhores é possível detectar certa fragilidade ideológica pertencente a uma sociedade machista que, apesar de não querer, começa a se enxergar em crise, sendo atravessada por outros ideais e objetivos, como uma nova posição da mulher na sociedade. A estratégia argumentativa adotada, nesse momento, não é a do insulto ou do menosprezo como na resposta 1, mas sim a do elogio em nível de consideração e de real valor para uma sociedade da década de 1950.

575

Ressaltamos que os movimentos pelos direitos das mulheres começaram a ganhar espaço e respostas no século XX, como descreve Hahner (1981), porém a luta por igualdade aos homens na educação, nos direitos civis e na representatividade social e política iniciou-se no Brasil no século anterior.

580

Observamos também a recepção das respostas por parte das alunas que editavam o jornal e também ocupavam cargos na diretoria do Centro Acadêmico do *Sedes Sapientae*, quando escreveram:

585

est  
e

Ironia é algo que nem sempre pode ser compreendido mas que é a nota característica do “humor” (...) lembramos que isto que aqui se publica pode deixar de ser humorístico e, pelo seu teor, pode perfeitamente ser levado a sério, por que afinal as respostas à nossa “pesquisa” foram seriamente dadas pelos colegas, que não suspeitavam de sua finalidade, desde que lhe foram solicitadas vagamente “a título de curiosidade”. (Écos Universitários, 1953, p.5).

modo, notamos que as alunas universitárias tinham o interesse de saber a opinião de seus colegas a respeito da frequência delas no ensino superior, como também manifestam o seu repúdio a posições ainda tão conservadoras em relação ao acesso de mulheres no ensino superior e da limitação do seu papel social aos lares, ao matrimônio e à educação dos filhos.

### 5.3 EDITORIAL – JORNAL *POEIRA*

Um dos principais gêneros jornalísticos, sem dúvida, é o editorial; como enfatiza Alves Filho (2011), predominantemente veiculado em jornais, é por meio dele que os periódicos criticam ou avaliam um fato ocorrido recentemente e com relevância social, sendo a sua temática, geralmente, tratada com criticidade e opinião, escrito de acordo com a linha editorial seguida pelo suporte. O Editorial é caracterizado como

artigo de opinião em que se discute uma questão/assunto ou acontecimento relevante [...] relativo ao imediato. De estilo impessoal, apresenta o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe [...]. É também conhecido como artigo de fundo. Geralmente circula em página nobre do jornal, chamada página editorial, com outros gêneros (charge, artigo...) por representar a opinião independente e autônoma de diretores e editorialista. Em casos especiais, quando o tema é de suma relevância, o editorial pode aparecer na primeira página do jornal. Quanto ao estilo, o editorial, uma espécie de ensaio curto, possui traços peculiares: breve sempre, mas equilibrado, denso ou leve, conforme a linha ou o próprio “estilo” do veículo jornalístico (COSTA, 2014, p.109-110).

Pela classificação defendida por Melo (2003), o editorial é classificado como um gênero jornalístico de caráter essencialmente opinativo, porque expressa a opinião oficial do jornal em relação a um fato de grande repercussão, além desta posição ser reforçada por meio de outros gêneros que o suporte veicula.

O editorial jornalístico assume o papel de “porta-voz da instituição jornalística”, pois, é por intermédio desse gênero discursivo, que as forças que mantêm a corporação jornalística (proprietários, jornalistas, acionistas, anunciantes e leitores) apresentam suas opiniões como um valor de verdade (COSTA, 2010). Isso revela a principal característica constituinte desse gênero discursivo, a intenção clara dos editoriais em sinalizar a opinião pública com o objetivo de nela influir, por isso os editoriais jornalísticos são textos altamente persuasivos.

Os jornais universitários também assumem opiniões quanto aos acontecimentos específicos relacionados à organização dos estudantes ou ao âmbito acadêmico. O *Poeira* por ser um periódico estudantil, que segue uma linha editorial mais parecida com a de um jornal tradicional, apresenta em quase todas suas edições um editorial.

Essa escolha de gênero da esfera jornalística pode ser justificada pela composição da equipe editorial do *Poeira*, que era composta majoritariamente por estudantes do curso de jornalismo da UEL, além de terem constituído um grupo de estudo– Grupo de Estudos de Imprensa Estudantil (GEIE) -, responsável pelo treinamento em técnicas de jornalismo para todos os alunos interessados em contribuir com a elaboração do jornal universitário, demonstrando o alto grau de organização que esses estudantes articulavam para a produção do *Poeira*.

Para demonstrar a linha editorial seguida pelos estudantes do jornal *Poeira*, optamos por selecionar o editorial da sua primeira edição, veiculada em março de 1974, publicada pelos diretórios acadêmicos: DACE (Diretório Acadêmico do Centro de Educação) e o DARP (Diretório Acadêmico Rocha Pombo, do Centro de Ciências Humanas), ligados à FUEL, juntamente com o DATA (Diretório Acadêmico Três de Agosto), da faculdade privada CESULON (Centro de Estudos Superiores de Londrina), atual UNIFIL.

A organização estabelecida para conduzir as edições desse jornal universitário foi compor um Conselho Editorial com representantes das diretorias dos diretórios supracitados e os integrantes do GEIE, com função de direcionar a posição-opinião e conteúdo das edições do *Poeira*; como Editor-Chefe um representante do Centro de Educação e como Secretário de Redação um representante do Centro de Ciências Humanas (CCH).

Nesse período, o *Poeira* identificava-se como jornal dos estudantes da FUEL e do CESULON; mais tarde assumiria o papel de porta voz de todos os centros acadêmicos da UEL, quando a chapa “Pô” assumiu a direção do Diretório Central de Estudantes da universidade, em setembro de 1974, considerando o periódico como “um jornal do DCE”. Segue o editorial na íntegra<sup>16</sup> para análise dos elementos argumentativos e aspectos ideológicos utilizados:

---

<sup>16</sup> Em anexo a cópia do original.

**EDITORIAL**  
**POEIRA – QUEM, QUANDO, ONDE, COMO, POR QUE**

595 Convencionou-se já que promessa feita durante campanha política não deve ser considerada, até mesmo nos meios estudantis, onde são empregados [sic] estratégias “politiqueiras” para convencer uma classe que, acima de tudo, deveria ser incapaz de iludir-se com promessas falazes.

Nas últimas eleições para os diretórios da Universidade Estadual de Londrina, a CHAPA “PÔ”, que concorria ao diretório setorial do CCH, foi uma das poucas que apresentou um detalhado programa aos estudantes, que deveria ser executado caso fosse eleita. Naquele programa estava incluído um jornal para o diretório setorial.

600 A “PÔ”, [sic] foi eleita, mas, ao assumir o diretório, constatou que levar adiante o programa prometido dispenderia mais esforços do que os imaginados, pois encontrou um diretório sem um único cruzeiro em caixa (contrariando os próprios estatutos de diretórios, que especificam até a quantia que deve ser deixada de uma gestão para a outra, evitando inatividade dos diretórios durante troca de gestões).  
605 Porém, a consciência de que o trabalho anunciado deveria ser levado adiante a qualquer custo, mesmo que num prazo de tempo maior, propiciou o surgimento de novos métodos, principalmente no sentido de preparação e contenção de despesas. E surgem agora os primeiros frutos, se não viçosos ainda, pelo menos certos de continuidade. Um deles está chegando às suas mãos: este jornal.

610 Um das principais dificuldades encontradas pela antiga gestão do Diretório Central dos Estudantes (72/73), ao criar o jornal “Terra Roxa”, foi a falta de pessoal, não só capacitado, como também interessado em participar da elaboração do jornal. A solução encontrada na época (e empregada com êxito) foi a formação do pessoal necessário através de um cursinho de jornalismo, ministrado pelos responsáveis  
615 pelo “Terra Roxa” e por jornalistas convidados. No DARP, constatou-se o problema e adotou-se a mesma solução: em outubro do ano passado foi criado o Grupo de Estudos de Imprensa Estudantil, que, apesar de estar ligado diretamente ao DARP, era aberto a todos os estudantes da Universidade interessados em criarem jornais em seus próprios centros de estudo, inclusive do Cesulon (sobre o GEIE leia matéria  
620 adiante). Durante três meses cerca de 20 elementos receberam aulas teóricas e práticas; e este jornal é o seu primeiro trabalho prático dentro da escola em termos de jornalismo, pois já haviam sido feitas várias reportagens para FOLHA. Estava resolvido o problema do pessoal, graças a um trabalho demorado mas altamente produtivo, feito principalmente através de discussões abertas.

625 Porém, um jornal – para quem ainda não pensou no caso e na crise do papel que assola o mundo – é sempre muito dispendioso e seria mais ainda para um diretório sem crédito nenhum e com vários problemas financeiros. Além disso, com o pouco pessoal disponível, torna-se difícil a formação de equipes em cada setorial (pelo menos agora, quando não existe nenhuma diretriz central neste sentido). Aqui  
630 entram na história, o Centro de Educação e o Cesulon: como as duas vencedoras nestes dois centros também haviam inserido em seu programa a execução de um jornal, os esforços e as responsabilidades foram unidos e divididos, respectivamente. E saiu o POEIRA, órgão oficial de três diretórios ao mesmo tempo.

635 O jornal será dirigido por um Conselho Editorial, composto por representantes das diretorias executivas dos três diretórios e mais os integrantes do GEIE, cuja função será determinar a posição-opinião do jornal diante da realidade universitária, discutir

- 640 problemas administrativos, sugerir reportagens e avaliar edições anteriores; logo após o Conselho estará o Editor-Chefe (um representante do Centro de Educação), a quem caberá coordenar cada edição; e um Secretário de Redação (representante do CCH), responsável pelos trabalhos práticos e sua orientação. Procurou-se, dessa forma, evitar a centralização de decisões e estabelecer uma orientação comum a todos os diretórios; e evitar uma burocracia indesejada e desnecessária, ligando-se tudo ao GEIE, que se torna uma verdadeira oficina de jornalismo universitário, responsável inclusive pela montagem plástica do jornal.
- 645 O POEIRA nasce com a experiência de seis números de “Terra Roxa” - a mesma equipe que dirigiu o antigo jornal do DCE é a que dirige este jornal; e, graças a esta experiência, sabe-se que não é ainda um jornal consumado e inalterável, principalmente por ser dirigido a uma classe universitária, que deve estar constantemente aberta à discussão e aceitação (ou não) de novos conceitos sobre a realidade no qual está encaixado [*sic*].
- 650 O POEIRA responde, de imediato, a uma das necessidades básicas e primordiais do homem, a informação, sem a qual jamais poderá emitir conceitos fundamentados e razoáveis.
- 655 Resta ler, analisar e opinar: o POEIRA aceitará suas sugestões e opiniões, que poderão ser entregues na sede de qualquer um dos três diretórios responsáveis por ele.

O conteúdo da primeira edição do Jornal *Poeira* aborda, principalmente, assuntos específicos do âmbito universitário e questões políticas. Diferentes de outros editoriais veiculados em outras edições do *Poeira*, este não trata de um tema de relevância social, mas apresenta uma descrição detalhada do nascimento do periódico.

O editorial contido nessa edição foi escrito pelo grupo responsável pela elaboração do *Poeira*, com a intenção principal de relatar a proposta do jornal, apresentar sua forma de organização e o objetivo da produção. Isso foi fundamental, porque a elaboração de um jornal universitário foi a concretização de uma promessa feita durante a campanha da chapa “Pô”, na eleição para os diretórios acadêmicos da UEL, que se efetivou, apesar das dificuldades presentes durante o processo, contrapondo a convenção social de que promessas feitas durante uma campanha política não são cumpridas.

O próprio título do editorial expressa a ideia de apresentação do periódico: “Poeira – quem, quando, onde, como, por que”, o título retoma as principais perguntas que direcionam a produção de gêneros jornalísticos, como destaca Rossi (1981),

é muito provável que um jornalista que consiga responder, com exatidão e o maior número de detalhes relevantes, às seis questões fundamentais (o que, quem, onde, como, quando, por que) produzirá um trabalho jornalístico no mínimo aceitável (ROSSI, 1981, p.35).

Identificar a resposta de cada uma das perguntas explicitadas no título do editorial durante a sua leitura revela o grau de informatividade que esse gênero discursivo contém; como assegura Marcuschi (2008), a relevância do conteúdo informacional do texto só é possível de ser verificada ao distinguir as informações que o texto quer evidenciar. Por isso seguem abaixo as respostas, de forma sucinta, das questões levantadas pelo título do editorial estudado.

- Quem? A chapa “Pô” (l.07);
- Quando? Ao assumir o diretório (l. 10);
- Onde? Na Universidade Estadual de Londrina (l. 05);
- Como? O jornal será dirigido por um Conselho Editorial, composto por

representantes das diretorias executivas dos três diretórios acadêmicos e mais os integrantes do GEIE (l.47-49);

- Por que? Para atender a uma das necessidades primordiais do homem: a informação dirigida à classe universitária (l. 67-69).

Deste modo, o primeiro editorial do *Poeira* é uma apresentação do periódico, mas que não deixa de veicular suas opiniões a respeito das intenções com a publicação do periódico: promover interação entre os estudantes e propagar as ideias e opiniões do movimento estudantil da UEL.

Verificamos esses posicionamentos a partir dos mecanismos argumentativos mobilizados pela equipe do *Poeira* na construção do editorial, esses recursos são responsáveis pela materialização dos aspectos ideológicos dos enunciadores dentro desse gênero discursivo. Apresentaremos, a seguir, alguns desses mecanismos linguísticos, evidenciando os efeitos de sentido que eles promovem no editorial.

O adjetivo, na perspectiva gramatical, indica qualidade, caráter, modo de ser ou estar do substantivo, e, de acordo com Neves (2000), os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular à categoria dos substantivos. São os adjetivos, portanto, relevantes indicadores de efeitos de sentido na construção do texto, e estão relacionados diretamente com as intenções do seu enunciador.

Seguem abaixo as ocorrências de adjetivos e locuções adjetivas, que estruturam o processo de adjetivação no gênero estudado:

Quadro 12: Adjetivação do editorial

| Nº DA OCORRÊNCIA | ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS | Nº DA LINHA |
|------------------|--------------------------------|-------------|
| 1                | política                       | 1           |
| 2                | estudantis                     | 2           |
| 3                | politiqueiras                  | 3           |
| 4                | incapaz                        | 4           |
| 5                | falazes                        | 4           |
| 6                | últimas                        | 5           |

|    |                                      |    |
|----|--------------------------------------|----|
| 7  | da Universidade Estadual de Londrina | 5  |
| 8  | Estadual                             | 5  |
| 9  | de Londrina                          | 5  |
| 10 | setorial                             | 6  |
| 11 | detalhado                            | 7  |
| 12 | eleita                               | 8  |
| 13 | setorial                             | 9  |
| 14 | eleita                               | 10 |
| 15 | prometido                            | 11 |
| 16 | sem um único cruzeiro                | 12 |
| 17 | único                                | 12 |
| 18 | próprios                             | 12 |
| 19 | de diretórios                        | 13 |
| 20 | anunciado                            | 15 |
| 21 | de tempo maior                       | 16 |
| 22 | maior                                | 16 |
| 23 | de novos métodos                     | 17 |
| 24 | novos                                | 17 |
| 25 | viçosos                              | 18 |
| 26 | certos                               | 19 |
| 27 | principais                           | 21 |
| 28 | antiga                               | 21 |
| 29 | Central dos Estudantes               | 22 |
| 30 | dos Estudantes                       | 22 |
| 31 | Roxa                                 | 22 |
| 32 | capacitado                           | 23 |
| 33 | interessado                          | 23 |
| 34 | encontrada                           | 24 |
| 35 | empregada                            | 24 |
| 36 | necessário                           | 25 |
| 37 | de jornalismo                        | 25 |
| 38 | Roxa                                 | 26 |
| 39 | convidados                           | 26 |
| 40 | mesma                                | 27 |

|    |                                   |    |
|----|-----------------------------------|----|
| 41 | passado                           | 28 |
| 42 | de Estudos de Imprensa Estudantil | 28 |
| 43 | de Imprensa                       | 28 |
| 44 | Estudantil                        | 28 |
| 45 | ligado                            | 29 |
| 46 | aberto                            | 29 |
| 47 | da Universidade                   | 30 |
| 48 | interessados                      | 30 |
| 49 | próprios                          | 30 |
| 50 | de estudo                         | 30 |
| 51 | teóricas                          | 32 |
| 52 | práticas                          | 32 |
| 53 | prático                           | 33 |
| 54 | de jornalismo                     | 33 |
| 55 | resolvido                         | 34 |
| 56 | demorado                          | 35 |
| 57 | produtivo                         | 35 |
| 58 | abertas                           | 36 |
| 59 | do papel                          | 37 |
| 60 | dispendioso                       | 38 |
| 61 | sem crédito nenhum                | 39 |
| 62 | com vários problemas financeiros  | 39 |
| 63 | financeiros                       | 39 |
| 64 | disponível                        | 40 |
| 65 | difícil                           | 40 |
| 66 | central                           | 41 |
| 67 | de Educação                       | 42 |
| 68 | unidos                            | 44 |
| 69 | divididos                         | 45 |
| 70 | oficial                           | 45 |
| 71 | de três diretórios                | 45 |
| 72 | mesmo                             | 46 |
| 73 | Editorial                         | 47 |
| 74 | executivas                        | 48 |

|     |                             |    |
|-----|-----------------------------|----|
| 75  | dos três diretórios         | 48 |
| 76  | do jornal                   | 49 |
| 77  | universitária               | 50 |
| 78  | administrativos             | 50 |
| 79  | anteriores                  | 51 |
| 80  | do Centro de Educação       | 52 |
| 81  | de Educação                 | 52 |
| 82  | de Redação                  | 53 |
| 83  | do CCH                      | 53 |
| 84  | responsável                 | 53 |
| 85  | práticos                    | 54 |
| 86  | comum                       | 55 |
| 87  | indesejada                  | 56 |
| 88  | desnecessária               | 56 |
| 89  | verdadeira                  | 57 |
| 90  | de jornalismo universitário | 57 |
| 91  | universitário               | 57 |
| 92  | responsável                 | 58 |
| 93  | plástica                    | 58 |
| 94  | de Terra Roxa               | 59 |
| 95  | Roxa                        | 59 |
| 96  | mesma                       | 59 |
| 97  | antigo                      | 60 |
| 98  | do DCE                      | 60 |
| 99  | consumado                   | 61 |
| 100 | inalterável                 | 61 |
| 101 | universitária               | 62 |
| 102 | aberta                      | 63 |
| 103 | novos                       | 63 |
| 104 | encaixado                   | 64 |
| 105 | básicas                     | 65 |
| 106 | primordiais                 | 66 |
| 107 | do homem                    | 66 |
| 108 | fundamentados               | 67 |

|     |              |    |
|-----|--------------|----|
| 109 | razoáveis    | 67 |
| 110 | responsáveis | 69 |

Fonte: elaborado pela autora.

No editorial em análise, foram empregados oitenta e dois adjetivos e vinte oito locuções adjetivas, sendo noventa objetivos e vinte subjetivos, de acordo com a classificação proposta por Kerbrat-Orecchioni (1980), que classifica a adjetivação em objetiva quando os adjetivos ou locuções adjetivas indicam propriedades descritivas dos substantivos; e como subjetiva quando os adjetivos ou locuções adjetivas exprimem uma reação emocional, um julgamento de valor do sujeito ao referente.

Selecionamos, no editorial estudado, as principais ocorrências do processo de adjetivação:

Quadro 13: Principais adjetivos e locuções adjetivas do editorial

| Adjetivação  |   |
|--|---|
| Objetiva   | Subjetiva   |
| campanha <b>política</b> (l. 1)                                    | estratégias " <b>politiqueiras</b> " (l.3)                            |
| diretório <b>setorial</b> (l.6)                                    | promessas <b>falazes</b> (l.4)  |
| um diretório <b>sem um único cruzeiro</b> (l.12)                   | <b>detalhado</b> programa (l.7)                                       |
| aulas <b>teóricas</b> e <b>práticas</b> (l.32)                     | (frutos) <b>viçosos</b> (l.18)  |
| discussões <b>abertas</b> (l.36)                                   | um diretório <b>sem crédito nenhum</b> (l.39)                         |
| (diretório) <b>com problemas financeiros</b> (l.39)                | evitar uma burocracia <b>indesejada</b> e <b>desnecessária</b> (l.56) |
| oficina <b>de jornalismo universitário</b> (l.57)                  | conceitos <b>fundamentados</b> e <b>razoáveis</b> (l.66-67)           |
| não é ainda um jornal <b>consumado</b> e <b>inalterável</b> (l.61) |   |
| necessidades <b>básicas</b> e <b>primordiais</b> (l.65-66)         |   |

Fonte: elaborado pela autora.

Por meio da adjetivação, os interlocutores direcionam a sua argumentação, ou seja, a preferência por empregar adjetivos e locuções adjetivas de caráter objetivo justifica-se pela abordagem mais descritiva escolhida pelos enunciadores do editorial.

Para reforçar o sentido de certas palavras ou enunciados do editorial, os enunciadores empregaram intensificadores que, na trama argumentativa do discurso, revelam uma avaliação. Transcrevemos, abaixo, as ocorrências com os intensificadores:

Quadro 14: Intensificadores do editorial

| Nº DA OCORRÊNCIA | INTENSIFICADOR | CLASSE GRAMATICAL       | Nº DA LINHA |
|------------------|----------------|-------------------------|-------------|
| 1                | mais           | pronome indefinido      | 11          |
| 2                | altamente      | advérbio de intensidade | 35          |
| 3                | muito          | advérbio de intensidade | 38          |
| 4                | mais           | advérbio de intensidade | 38          |
| 5                | pouco          | pronome indefinido      | 40          |
| 6                | mais           | pronome indefinido      | 48          |

Fonte: elaborado pela autora.

Os pronomes indefinidos **mais** (l.11,48) e **pouco** (l.40), e os advérbios de intensidade **altamente** (l.35), **muito** (l.38) e **mais** (l.38) funcionam, na trama persuasiva do editorial, como intensificadores. A intensificação é um processo que “denota um ponto alto ou baixo na escala da qualidade que está sendo descrita. [...] é um recurso muito utilizado na língua corrente, escrita ou falada, em especial nos discursos que visam influenciar o receptor” (CARVALHO, 1996, p.69).

Apresentaremos a análise de algumas dessas ocorrências:

a) “programa prometido dispenderia **mais** esforços do que os imaginados” (l.11).

O pronome indefinido destacado intensifica o substantivo esforços, acentuando que o empenho necessário para a chapa “PÔ” cumprir o programa apresentado em sua candidatura seria maior do que o programado pelo grupo, que

assumiu o diretório sem dinheiro em caixa, mesmo que no estatuto do diretório tivesse previsto uma quantia mínima na troca de gestões, mas isso não foi cumprido pela gestão anterior.

b) “um jornal [...] é sempre **muito** dispendioso” (l.38).

O advérbio de intensidade destacado intensifica o adjetivo dispendioso, realçado também pelo advérbio de tempo **sempre**, que, para produzir um jornal, exige-se grandes despesas, maiores do que a chapa “PÔ” poderia dispor ao assumir o diretório.

c) “seria **mais** ainda para um diretório sem crédito nenhum e com vários problemas financeiros” (l.38-39).

Produzir um jornal exige um alto custo financeiro e uma grande demanda de recursos humanos, que são obstáculos presentes para qualquer produção jornalística, mas, que se acentua, como apresentado no trecho, por meio do advérbio de intensidade **mais** (l.38) que intensifica o advérbio **ainda** (l.38), quando o diretório que se propõe a produzir um jornal universitário passa por dificuldades, tanto com relação à confiabilidade dos estudantes quanto ao aspecto financeiro.

Por meio da análise dessas ocorrências, evidenciamos que os intensificadores corroboram no processo persuasivo do editorial para o convencimento dos interlocutores (a classe universitária), para aceitar a ideia apresentada pelos enunciadores (grupo *Poeira*), de que, para produzir o periódico, foram empenhados esforço e determinação.

Outro recurso importante para a construção argumentativa do editorial é o emprego de operadores argumentativos, já que eles são elementos indicadores da força persuasiva evidenciada nos enunciados. A partir da classificação de operadores argumentativos postulado por Koch (2003), evidenciaremos alguns dos efeitos de sentidos desempenhados por esses elementos encontrados no editorial.

Apresentaremos, no quadro abaixo, os operadores argumentativos presentes no editorial:

Quadro 15: Operadores argumentativos do editorial

| Nº DA OCORRÊNCIA | OPERADOR             | EFEITO DE SENTIDO                                   | Nº DA LINHA |
|------------------|----------------------|---|-------------|
| 1                | até mesmo            | adição de argumento mais forte                      | 2           |
| 2                | para                 | finalidade  | 3           |
| 3                | caso                 | condição  | 8           |
| 4                | mas                  | oposição  | 10          |
| 5                | mais do que          | comparação de superioridade                         | 11          |
| 6                | pois                 | explicação  | 11          |
| 7                | até                  | adição de argumento mais forte                      | 13          |
| 8                | Porém                | oposição  | 15          |
| 9                | mesmo que            | concessão   | 16          |
| 10               | e                    | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 17          |
| 11               | E                    | adição de argumentos                                | 18          |
| 12               | se                   | condição  | 18          |
| 13               | pelo menos           | indica argumento menos forte, mas decisivo          | 19          |
| 14               | não só...como também | adição de argumentos                                | 23          |
| 15               | e                    | adição de argumentos                                | 24          |
| 16               | e                    | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 26          |
| 17               | e                    | adição de argumentos                                | 27          |
| 18               | apesar de            | concessão   | 29          |
| 19               | todos                | afirmação plena                                     | 29          |
| 20               | inclusive            | adição de argumento mais forte                      | 31          |
| 21               | e                    | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 32          |
| 22               | e                    | adição de argumentos                                | 32          |
| 23               | pois                 | explicação  | 33          |

|    |            |   |    |
|----|------------|---|----|
| 24 | mas        | oposição  | 35 |
| 25 | Porém      | oposição  | 37 |
| 26 | e          | adição de elementos com a mesma força argumentativa | 37 |
| 27 | e          | adição de argumentos                                | 38 |
| 28 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 39 |
| 29 | Além disso | adição de argumentos                                | 39 |
| 30 | pelo menos | indica argumento menos forte, mas possível          | 41 |
| 31 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 42 |
| 32 | também     | adição de argumentos                                | 43 |
| 33 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 44 |
| 34 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 44 |
| 35 | E          | adição de argumento que introduz uma conclusão      | 45 |
| 36 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 48 |
| 37 | e          | adição de argumentos                                | 50 |
| 38 | e          | adição de argumentos                                | 53 |
| 39 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 54 |
| 40 | e          | adição de argumentos                                | 56 |
| 41 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 56 |
| 42 | tudo       | afirmação plena                                     | 56 |
| 43 | inclusive  | adição de argumento mais forte                      | 58 |
| 44 | e          | adição de argumentos                                | 60 |
| 45 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 61 |
| 46 | e          | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo  | 63 |

|    |    |  |    |
|----|----|--|----|
| 47 | ou | indica argumento optativo                          | 63 |
| 48 | e  | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo | 65 |
| 49 | e  | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo | 67 |
| 50 | e  | adição de argumentos                               | 68 |
| 51 | e  | adição de elementos com o mesmo peso argumentativo | 68 |

Fonte: elaborado pela autora.

Os operadores argumentativos empregados no texto estabelecem relações semânticas de adição, oposição, finalidade, condição, oposição, comparação, explicação, concessão, conclusão e afirmação plena; indicam também o argumento mais forte, o menos forte ou com o mesmo valor argumentativo. Destacaremos algumas dessas ocorrências.

a) “**Porém**, consciência de que o trabalho anunciado deveria ser levado a diante a qualquer custo, **mesmo que** num prazo maior, propiciou o surgimento de novos métodos, principalmente no sentido de preparação e contenção de despesas” (l.15-18).

O trecho selecionado estabelece uma oposição com o argumento que o precede, de que a chapa “PÔ” enfrentou dificuldades ao assumir o diretório sem dinheiro em caixa, o que impediria o grupo de dar continuidade às atividades do diretório, como também de executar suas propostas de campanha. Esse efeito de sentido é promovido pelo emprego do operador **porém** (l.15), que inicia um argumento que refuta a ideia anterior, afirmando que a consciência de responsabilidade da chapa “PÔ” com a sua proposta ultrapassaria qualquer dificuldade enfrentada.

Já o operador argumentativo **mesmo que** (l.16) indica um efeito de sentido de concessão, que revela a permissão dada pela chapa “PÔ” em dispor de maior tempo e planejamento para alcançar seus objetivos, já que se encontrava em uma situação desfavorável e diferente daquela planejada anteriormente. A grande dificuldade enfrentada pelo grupo era financeira, por isso que novas estratégias

foram abordadas para solucionar esse problema, isso está enfatizado pelo advérbio modalizador delimitador **principalmente** (l.17).

b) “Estava resolvido o problema de pessoal, graças a um trabalho demorado **mas** altamente produtivo, feito principalmente através de discussões abertas” (l.34-36).

O trecho apresenta a oposição entre dois argumentos em relação à solução encontrada para resolver o problema de pessoal, capacitado e interessado, para a elaboração do jornal *Poeira*, conforme o esquema abaixo:



O argumento A refere-se aos três meses de aulas teóricas e práticas sobre jornalismo, oferecidas pelo GEIE, que alunos interessados em colaborar com o *Poeira* tiveram, considerada pelo grupo do jornal uma solução que necessitava de um tempo consideravelmente longo. Porém essa ideia é contrastada pelo argumento B que enfatiza que o trabalho desempenhado pelo grupo de estudos é eficaz, o advérbio intensificador **altamente** (l.35) reitera essa conclusão. O modo como esse trabalho foi realizado é apresentado pelo advérbio modalizador delimitador **principalmente** (l.36), que determina as discussões abertas como a metodologia central do GEIE.

c) “**E** saiu o POEIRA, órgão oficial de três diretórios ao mesmo tempo” (l.45-46).

O operador argumentativo **e**, no caso destacado, introduz uma conclusão para a argumentação apresentada anteriormente pelo editorial que, por causa da falta de recursos disponíveis para formar uma equipe para produzir um jornal universitário em cada setorial que propôs isso, a saída encontrada foi juntar os três diretórios e produzir um único periódico: o *Poeira*.

Destacamos essa ocorrência, porque ela difere de outros efeitos de sentidos mais comuns estabelecidos por esse operador argumentativo, no editorial também há o emprego do operador **e** adicionando elementos com a mesma força argumentativa.

d) “ligando-se **tudo** ao GEIE, que se torna uma verdadeira oficina de jornalismo universitário, responsável **inclusive** pela montagem plástica do jornal” (l.56-58).

O trecho selecionado refere-se à decisão dos três diretórios, que constituíam o Conselho Editorial do *Poeira*, que para estabelecer uma orientação comum entre eles e evitar burocracias, optaram por direcionar a função de “determinar a posição-opinião do periódico, discutir problemas administrativos, sugerir reportagens e avaliar edições anteriores” (l.49-51) para o GEIE, essa ideia é reforçada pelo operador argumentativo **tudo** (l.56), que indica uma afirmação plena do que foi pontuado anteriormente como função do grupo de estudos.

Assumindo as funções apresentadas, o GEIE se constituiu não mais como um mero grupo de estudos sobre imprensa estudantil, mas como uma oficina de jornalismo universitário, o adjetivo **verdadeira** (l.57) caracteriza com afetividade o substantivo oficina, colaborando para expressar o alto grau de importância alcançado pelo GEIE no processo de produção do *Poeira*. Além dessas funções, esse grupo assume também a montagem plástica do periódico, sentido estabelecido pelo operador **inclusive** (l.58), que adiciona um argumento mais forte ao enunciado.

O emprego de cada um desses operadores argumentativos, nas ocorrências destacadas, promove, de forma eficaz, o direcionamento persuasivo realizado pelos enunciadores no editorial, defendendo sempre o comprometimento em cumprir o que foi prometido em campanha: produzir o jornal *Poeira*.

Também observamos o emprego de vários advérbios de modo no editorial, essa classe gramatical assume, no nível discursivo-argumentativo, o papel de modalizador, pois modificam o sentido dentro da oração em que são empregados, direcionando, de forma mais lógica ou subjetiva, as intenções do interlocutor na construção textual.

Os advérbios modalizadores são classificados por Neves (2000) como: epistêmicos, delimitadores, deônticos ou afetivos. De acordo com essa classificação, elencamos as seguintes ocorrências:

Quadro 16: Modalizadores do editorial

| Nº DA OCORRÊNCIA | MODALIZADOR     | TIPO        | Nº DA LINHA |
|------------------|-----------------|-------------|-------------|
| 1                | principalmente  | delimitador | 17          |
| 2                | com êxito       | afetivo     | 24          |
| 3                | diretamente     | epistêmico  | 29          |
| 4                | principalmente  | delimitador | 36          |
| 5                | respectivamente | delimitador | 45          |
| 6                | dessa forma     | delimitador | 54          |
| 7                | principalmente  | delimitador | 62          |

Fonte: elaborado pela autora.

No editorial do *Poeira*, destacamos como advérbios modalizadores delimitadores: **principalmente** (l.17, 36 e 62); **respectivamente** (l.47) e **dessa forma** (l.54), pois, em suas ocorrências, delimitam o ponto de vista sob o qual o enunciado está fixado como verdadeiro, segundo a perspectiva do enunciador, como no seguinte exemplo, em que o advérbio modalizador delimita o público do jornal:

a) “sabe-se que não é ainda um jornal consumado e inalterável, **principalmente** por ser dirigido a uma classe universitária” (l. 61-62).

A expressão **com êxito** (l.24) é um modalizador afetivo, pois exprime subjetividade em relação a solução encontrada pelo grupo para capacitar alunos dos centros acadêmicos para produzirem um jornal universitário, como está no seguinte trecho:

b) “A solução encontrada na época (e empregada **com êxito**) foi a formação do pessoal necessário através de um cursinho de jornalismo” (l.24-25).

O advérbio **diretamente** (l. 29) indica valor de verdade no enunciado, expressando certeza, portanto, é um modalizador epistêmico, sentido estabelecido na seguinte ocorrência:

c) “foi criado o Grupo de Estudos de Imprensa Estudantil, que, apesar de estar

ligado **diretamente** ao DARP, era aberto a todos os estudantes da Universidade interessados em criarem jornais em seus próprios centros de estudo” (l.28-29).

Em todos os casos em que esses advérbios foram empregados, eles direcionaram a argumentação dos editores do jornal universitário em busca da recepção de suas ideias pelos seus interlocutores: os estudantes da UEL e do Cesulon.

Evidenciamos que os diferentes recursos argumentativos mobilizados no editorial, que aparecem combinados para corresponder as exigências da produção desse gênero discursivo, carregam os valores ideológicos expressos pelos enunciadores.

O conteúdo veiculado por esse editorial do *Poeira* demonstra que os gêneros discursivos vinculados em jornais universitários assumem características específicas para cumprir um propósito argumentativo levantado pelos estudantes, resultando em formas diferentes das construções convencionais de outros suportes.

Também por meio da análise deste editorial recuperamos dados fundamentais para reconstruir parte da história do Movimento Estudantil (ME) da UEL, por meio da caminhada da chapa “Pô” e, conseqüentemente, da produção do jornal *Poeira*.

A atuação do *Poeira* é rememorada por Caobianco (2007), quando a autora resgata a história do ME da UEL, no período de 1971 a 1984, destacando que esse jornal universitário, desde o seu início, apresentou uma grande análise sobre a universidade, como também sempre mostrou-se atento às grandes questões do país, com teor combativo e promovendo o debate em relação às principais pautas do movimento estudantil.

O propósito da publicação do jornal *Poeira* é expresso no final do editorial, quando os enunciadores apresentam que o periódico atende à necessidade imediata daquela classe universitária em ter acesso às informações para formular conceitos fundamentais e razoáveis sobre os acontecimentos do país e da universidade. Mesmo que direcionados para um posicionamento ideológico de esquerda, pois, como enfatiza Caobianco (2007), mesmo que o grupo do jornal *Poeira* constituía-se como uma frente democrática muito ampla, pois representava três diretórios, a tendência à esquerda predominava no movimento.

#### 5.4 CHARGE – JORNAL *POEIRA*

O jornal *Poeira*, pela sua inserção no movimento estudantil, aliado à imprensa alternativa, usa em suas edições muitos elementos gráficos, principalmente ilustrações e charges, para manifestar a sua crítica à ditadura e à reitoria, isso contribui para constituir o tom irônico e combativo do periódico contra as repressões dos militares e enfatizar as constantes reivindicações para a melhoria do ensino.

A presença marcante de ilustrações e charges nas edições do *Poeira* pode ser justificada pelo objetivo do periódico: informar e criticar de maneira dinâmica e incisiva os assuntos que aborda. Nesse sentido, a charge funciona como um elemento fundamental, pois esse gênero discursivo, como destaca Alves Filho (2011), possui como propósito comunicativo principal criticar e avaliar atores sociais e instituições da vida pública, já que, por meio de uma imagem, transmite-se uma crítica a um fato da realidade, ocorrido recentemente e considerado relevante, argumentando a partir da ironia, do humor e da irreverência, além de se relacionar com outros textos. Como enfatiza Romualdo “a charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada” (2000, p.5).

A charge é um gênero discursivo que produz sentidos em relação a um acontecimento importante, o que a torna um objeto linguístico-histórico, pela sua natureza dissertativa. Para Romualdo (2000), a produção de textos chárgicos mobiliza vários fatores de textualidade, pois transmitem informações (informatividade); expressam crítica a determinado fato ou pessoa (intencionalidade); o leitor interpreta esse tipo de texto mobilizando conhecimentos que essa leitura exige (aceitabilidade); e alguns desses conhecimentos são adquiridos por meio de outras leituras (intertextualidade).

Esse gênero é caracterizado por uma prática discursiva e ideológica, uma vez que a charge é mobilizada a partir da exterioridade, direcionada pelo contexto imediato da situação de produção, o que envolve diversos elementos históricos, sociais, culturais e ideológicos que cercam a produção de um discurso concretizado pela enunciação por meio de imagens e palavras. O contexto de

produção de textos chárgicos possui relação com o contexto de outros gêneros, como explica Alves Filho (2011), textos opinativos, como artigo de opinião, editorial, notícia e reportagem, podem exercer influência na elaboração da charge quando esses possuem o mesmo fato como evento deflagrador.

Desse modo evidenciamos a característica intrínseca desse gênero discursivo: a intertextualidade, pois a sua produção e interpretação está estritamente relacionada a outros textos, veiculados pelo mesmo veículo ou em outros suportes. Como ressalta Romualdo (2000), a charge relaciona-se com textos prévios e intertextos, que colaboram para sua constituição de sentidos, assim, para compreender o seu teor crítico, o leitor deve confrontar o seu conhecimento prévio na leitura das imagens, relacionando-as com outros textos, deste modo, evidenciando a forma dialógica e polifônica desse gênero discursivo.

Os elementos que constituem a charge são bem característicos: “uma ilustração ou desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculado pela imprensa, que tem como finalidade satirizar e criticar algum acontecimento do momento [...] geralmente é um texto de opinião, expresso em dimensão verbal e não verbal” (COSTA, 2014, p. 70). Para a construção de um texto chárgico são mobilizados vários elementos de linguagem, como salienta Figueiredo (2012), podem ser explorados elementos visuais (linhas, massas, ângulos, perspectivas e cores), elementos verbais (balões, legendas e onomatopeias), elementos contextuais (personagens e cenários) e elementos narrativos.

Assim, a charge é reconhecida como um gênero midiático altamente argumentativo que, a partir de uma manifestação visual, do uso de elementos da linguagem verbal e não verbal e de elementos icônicos, produz efeitos de sentidos por meio do humor para confrontar, com uma avaliação crítica, uma dada situação social. Por isso, como destaca Beltrão (1960), uma charge pode valer mais que um editorial, devido ao seu teor crítico e a facilidade com que uma imagem é aprendida.

A partir do que foi exposto, apresentaremos uma análise de charge publicada pelo jornal *Poeira*, para evidenciar os fatores argumentativos e ideológicos materializados nesse gênero. Para isso selecionamos a charge da capa da edição especial de maio de 1977.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Em anexo a sua cópia original.

Figura 9: Capa do Jornal Poeira, edição especial



Fonte: acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

O Boletim Especial em que está veiculado a charge estudada traz um único texto, uma matéria detalhada sobre o fato retratado na charge: a invasão de policiais a uma sala do Centro de Ciências Exatas da UEL para ameaçar estudantes, juntamente com outros relatos de abuso de autoridade dos policiais dentro do campus. Essa edição do *Poeira* assume um tom de manifesto contra o policiamento ostensivo existente na universidade, a repressão violenta contra os estudantes e a perseguição a professores, inclusive questionando sobre a presença de policiais armados na UEL.

A charge em foco está publicada na capa do boletim especial e apresenta-se como uma sintaxe da temática trabalhada nessa edição, podemos caracterizá-la, de acordo com Miani (2005), como um "editorial gráfico", pois, por meio dela, o periódico revela uma formação ideológica, enquanto estratégia comunicativa nos mais diversos contextos de interação, evidenciando a natureza

persuasiva desse gênero.

A charge publicada nessa edição do *Poeira* estabelece um diálogo intertextual com o conteúdo do Boletim Especial, desta forma, sua interpretação se estabelece a partir da leitura da matéria veiculada nessa edição; como reitera Romualdo (2000), a natureza intertextual da charge é estabelecida por causa da dependência da leitura de outros textos, uma vez que “a intertextualidade converge imagens e textos, produzindo uma unidade discursiva e configurando um novo alcance de significação, conseqüentemente, de persuasão” (FIGUEIREDO, 2012, p.13).

O evento deflagrador do texto chágico analisado é o fato de três agentes da polícia especial da Universidade Estadual de Londrina entrarem em uma sala de aula para ameaçar violentamente estudantes do 1º período de Engenharia, acusando-os de terem zombado dos policiais, qualificando-os como agentes da “SUAT”.

A origem desse apelido é uma relação intertextual que os estudantes fizeram dos agentes especiais da UEL com os policiais do seriado S.W.A.T., famoso programa policial da década de 1970, que retratava um grupo de policiais altamente treinados e armados encarregados de lidar com situações de alto risco; igualmente bem treinados e armados estavam os quase 60 agentes que trabalhavam na universidade, os quais estavam permanentemente vigilantes, eram mantidos, de acordo com a reitoria, para proteger o patrimônio da UEL e evitar assaltos no campus, porém a sua formação também consistia em um intenso treinamento para controle de manifestações de massa.

A denominação dos policiais de “SUAT” também demonstra uma ironia, já que os policiais da série eram especialmente treinados para ações perigosas, em contraposição, os policiais que atuavam na universidade eram especialmente treinados para reprimir e combater as manifestações estudantis e qualquer articulação dos estudantes, o que feria até mesmo a liberdade individual dos discentes em conversar nos corredores.

As graves ameaças feitas pelos policiais aos estudantes atuam como o elemento de exterioridade que direciona a produção dessa charge a um contexto

específico, o qual evidencia as condições de produção que possibilitam elencar determinados efeitos de sentido, por meio da ironia e do humor que a charge estabelece a essa questão polêmica. Justamente esse acontecimento relevante constitui a situacionalidade, que direciona tanto a construção quanto a interpretação da charge.

A situacionalidade que envolve as condições de produção dessa charge não está relacionada apenas a invasão dos policiais a sala de aula, mas ela amplia-se ao contexto de repressão vivido pelos estudantes da UEL nesse período, como retrata Caobianco (2007):

Em 1977 o DCE teve uma edição do *Poeira* apreendida pela Reitoria e os estudantes passaram a ser vigiados por policiais militares que realizavam treinamentos e controle de distúrbios civis nos pátios e estacionamento do campus. Elementos desse batalhão chegaram a invadir salas de aulas e ameaçar fisicamente turmas. A AESI ficou conhecida como a polícia interna da UEL, invadiu, também, sedes de diretórios setoriais, localizadas no campus, cartazes foram sistematicamente arrancados e murais violados, sempre durante a noite (CAOBIANCO, 2007, p.56-57).

Esse clima de tensão entre a reitoria e os estudantes desencadeou a intensificação da repressão das atividades do movimento estudantil da FUEL, resultando em constante vigia policial, cerceamento da representatividade do DCE e a proibição de debates sobre direitos humanos e questões políticas.

A relação fragilizada entre o movimento estudantil e a reitoria da UEL, associada ao fato de os policiais terem invadido uma sala de aula para ameaçar estudantes, foi o estopim para o ME enfatizar o enfrentamento aos policiais e intensificar a luta a favor da desmilitarização da universidade, isso impulsionou o *Poeira* a publicar uma edição especial tratando exclusivamente desse assunto.

Esses apontamentos evidenciam o grau de conteúdo que veicula a charge, ou seja, revelam o fator de informatividade, responsável pela quantia de informação presente no texto, já que, por meio deles, podemos elencar a presença de uma informação nova (a invasão dos policiais a uma sala de aula para ameaçar estudantes) a outras já conhecidas dos interlocutores (como o abuso de autoridade dos policiais e a constante perseguição dos estudantes).

A informatividade mobilizada na charge possibilita a revelação de um posicionamento ideológico crítico ao comportamento dos agentes em relação aos estudantes, inclusive a relação de repressão do ME pela reitoria, além de enfatizar

que os estudantes continuam em defesa da liberdade democrática e contra o policiamento excessivo na universidade. Dessa forma, as condições de produção permitem uma crítica, que em outra perspectiva tende a ser global, contra a repressão policial constante dos estudantes no período ditatorial.

O teor crítico da charge é evidenciado, principalmente, pela representação humorística da intimidação policial que estudantes da UEL sofreram por chamarem os agentes de “SUAT”, como forma de enfrentamento às repressões que sofriam. Usar o humor para satirizar um fato ou indivíduo específico é uma característica própria desse gênero, como destaca Miani (2005), o tom do humor propicia ao texto chágico a revelação e a defesa de uma ideia, portanto evidencia a sua natureza dissertativa, que é transmitida pelos recursos e técnicas da ilustração.

A cena apresentada na charge analisada é constituída por caricaturas de quatro “tipos” de pessoa, já que compreendemos os personagens desse texto chágico como representações de categorias, ou seja, temos um agente da AESI (Assessoria Especial de Segurança e Informação), um agente da polícia especial da UEL – com o chapéu escrito SUAT –, um estudante – que está sendo imobilizado pelos agentes –, e um homem sentado em uma mesa de escritório – representando o papel de autoridade exercido pela reitoria.

As caricaturas<sup>18</sup> são elementos comuns das charges, segundo Miani (2005), são desenhos produzidos a partir do traço humano, possuindo caráter humorístico e opinativo, por direcionarem uma crítica de certo fato ou situação de forma satírica. Podemos citá-las como uma das principais causas do riso, por meio da “idealização exagerada de situações ou pessoas; a liberdade do exagero cômico, que realça alguns acontecimentos e características com intuito de zombar” (FIGUEIREDO, 2012, p. 31).

Observando a charge analisada, o agente da AESI é representado pela caricatura de um homem de óculos escuros, vestido com uma roupa social e com um emblema da AESI no braço, essa caracterização parece com a de um detetive, o que configura o papel exercido pelos agentes da AESI: a vigilância constante dos alunos e a realização de uma seleção ideológica na contratação de professores e funcionários da universidade. A AESI era uma forma eficiente que os militares

---

<sup>18</sup> As caricaturas não são consideradas gênero, embora tenham sua existência como uma modalidade iconográfica independente, mas normalmente são consideradas parte essencial de uma charge, cartum, tira ou história em quadrinhos (COSTA, 2014).

encontraram, ao longo do seu governo, de ter agentes que recolham informações e reprimiam a oposição ao regime militar dentro das universidades.

O agente da polícia especial da UEL é apresentado por meio da caricatura de um homem com expressão irritada, uniformizado com um tipo de roupa militar e um chapéu de soldado escrito “SUAT”, reiterando a crítica que os estudantes estabeleceram ao denominá-lo desta forma. A irritabilidade mostrada na figura evidencia a hipótese do descontrole policial ao ameaçar violentamente os alunos do 1ª período de Engenharia, inclusive com “tiro na cara”.

Tanto o agente da AESI como o da polícia especial da UEL estão segurando à força o estudante que, na caricatura, parece ter sido arrastado até a frente da autoridade. A representação de um olhar desanimado do estudante demonstra certo cansaço por parte dos alunos de viverem em um ambiente universitário impregnado de opressão, enquanto o movimento estudantil reivindicava melhores condições de ensino e liberdade de organização e expressão.

A figura da autoridade é representada também de óculos escuros, sentado em uma mesa de escritório e a posição das suas mãos entrelaçadas evidenciam uma postura para julgar com extremo rigor a acusação dos agentes sobre o estudante. O agente da polícia especial da UEL acusa o estudante com uma afirmação objetiva, sem uma acusação detalhada e até proferida de forma esbravejada: “Taí Dotô. Foi ele!”, além da maneira informal da fala do agente, por meio dela podemos levantar a hipótese de que como a militarização da universidade existia para coagir a organização estudantil e impedir manifestações contrárias ao regime militar; não eram necessárias denúncias comprovadas, a palavra de um agente já era suficiente, já que dessa forma estavam cumprindo seu objetivo: silenciar o movimento estudantil.

Reforçamos que as caricaturas são carregadas de subjetividade, pois apresentam, como esclarece Romualdo (2000), por meio de seus traços, informações subjacentes que nos levam a um julgamento de valor, pois elas utilizam o ridículo como forma de fazer rir, mas também de fazer pensar. A charge, ao tratar de fatos tão delicados (a invasão policial a uma sala de aula e diversas outras formas de opressão), corrobora a seguinte citação de Travaglia (1990, p.68): “[...] o humor permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo”.

Na charge apresentada na edição especial do *Poeira*, notamos a

desaprovação dos estudantes às situações de abuso de autoridade de agentes especiais da UEL em relação aos alunos. Isso é evidente por meio da construção do texto chágico, que mobiliza fatores de textualidade, recursos linguísticos e caricaturas, revelando um tom irônico, ao representar a invasão dos policiais a uma sala de aula para ameaçar violentamente os estudantes.

As condições de produção da charge analisada direcionam a posição ideológica defendida por esses enunciadores: o repúdio ao abuso da autoridade policial, a posição contrária à militarização da universidade e a posição política assumida pela organização estudantil que produzia o periódico: a luta a favor da liberdade e a busca da reconstituição democrática do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa desenvolveu-se pautada nos pressupostos teóricos da Semântica Argumentativa e da Linguística Textual, que ofereceram as bases conceituais para evidenciar a correlação entre os recursos argumentativos e os aspectos ideológicos presentes nos gêneros discursivos escritos por estudantes, veiculados nos jornais universitários: *Écos Universitários* e *Poeira*.

Por isso, esse trabalho possui um caráter interdisciplinar, pela possibilidade do encontro entre saberes da área da Comunicação (jornalismo) com a área das Letras, sendo possível ainda ser explorado por outras áreas, como educação, artes visuais, ciências sociais, história, entre outras, já que os jornais universitários possibilitam um caleidoscópio de abordagens de análise.

O estudo da formação sócio-histórica e ideológica desses periódicos, os quais foram produzidos por tipos de organizações estudantis distintas, ampliou o nosso olhar em relação à conceituação dos jornais universitários, que possuem como função mais do que informar, mas estabelecer a interação entre os estudantes.

Ao recuperarmos as informações do momento histórico-social em que circularam essas produções, foi possível elencar as condições de produção em que os gêneros dos jornais estudados estão inseridos, o que contribuiu para direcionar os efeitos de sentido e a materialização ideológica presentes nesses enunciados produzidos pelos universitários.

A pesquisa do momento histórico-social confirmou, também, que os jornais *Écos Universitários* e *Poeira* são distintos na sua funcionalidade, comprovando a versatilidade desses periódicos em veicular diferentes gêneros para corresponder às demandas de uma determinada organização estudantil, por isso a variedade de esferas discursivas, como os domínios: jornalístico, literário, acadêmico, entre outros.

Entretanto, mesmo situados em épocas distintas, o jornal *Écos Universitários*, na década de 1950; e o jornal *Poeira*, na década de 1970, esses periódicos apresentaram, com recursos diferentes, a construção da identidade estudantil diante das situações do período histórico em que os estudantes estavam

inseridos, por meio dos gêneros discursivos que veicularam; em consequência disso, é possível apontar uma conexão entre essas produções.

Verificamos, portanto, nas edições estudadas, que é por meio de uma variedade de gêneros discursivos que os estudantes materializaram o seu posicionamento ideológico em relação às condições de produção em que estavam inseridos, revelando as intenções da organização estudantil que representavam. Em síntese, o jornal universitário consolidou-se como um espaço para que os alunos tivessem a oportunidade de expor suas ideias e opiniões com mais liberdade, por se caracterizar como uma produção independente.

Para analisar o nosso *corpus*, foi fundamental a construção de um respaldo teórico com a articulação dos conceitos postulados pela Semântica Argumentativa e pela Linguística Textual, proporcionando a construção de uma base conceitual sólida para estudar os gêneros selecionados e sua construção argumentativa, investigando os recursos argumentativos e ideológicos mobilizados nesses textos pelos estudantes.

A base teórica da Semântica Argumentativa permitiu averiguarmos os mecanismos linguístico-persuasivos presentes na trama argumentativa dos gêneros selecionados, os quais enfatizaram determinados efeitos de sentido e revelaram aspectos ideológicos. Focalizamos os seguintes recursos argumentativos: adjetivação, intensificadores, operadores argumentativos e advérbios modalizadores. Nas análises, a presença desses mecanismos direcionou a interpretação dos efeitos de sentido produzidos pelos estudantes na dinâmica argumentativa e ideológica estabelecida em suas produções, intrinsecamente relacionada às condições de produção em que estavam inseridas.

Os conceitos da Linguística Textual, por sua vez, ofereceram base para analisar, de maneira mais eficiente, a construção textual dos gêneros dos jornais universitários; e os fatores de textualidade: informatividade, situacionalidade e intertextualidade guiaram a constituição de sentido dentro dos textos, além de proporcionarem uma visão mais ampla dos aspectos textuais e composicionais dos gêneros discursivos analisados.

Nas análises apresentadas nesse trabalho, esses fatores textuais direcionaram a nossa compreensão textual para investigar a construção dos gêneros

do jornal universitário, indicando a quantidade de informações presentes no texto (informatividade); o contexto em que está inserido (situacionalidade) e como estabelece diálogos com outros textos (intertextualidade).

Analizamos quatro gêneros discursivos: discurso de posse e enquete, impressos no *Écos Universitários*; editorial e charge, veiculados no *Poeira*. Em todos eles, a base teórica contribuiu para enfatizar a importância dos recursos argumentativos presentes, os quais materializaram fatores sócio-históricos e ideológicos do universo desses enunciadorees.

Com as análises, evidenciamos os traços ideológicos presentes nos gêneros discursivos dos jornais universitários, explicitando os efeitos de sentido presentes nessas formações discursivas, pelo emprego de determinados recursos argumentativos, postulados pela Semântica Argumentativa, além de verificarmos como a construção textual desses gêneros, por meio dos fatores de textualidade estudados pela Linguística Textual, direcionam a interpretação da argumentação e da ideologia veiculada pelos estudantes.

Comprovamos que os gêneros discursivos dos jornais universitários correspondem às necessidades comunicativas das suas organizações estudantis, por isso suas produções apresentam diferentes arranjos de gêneros, em que, por meio do manejo da linguagem, veiculam seus posicionamentos ideológicos.

No *Écos Universitários*, destaca-se a relação das alunas do centro exclusivamente feminino da Faculdade de Filosofia “*Sedes Sapientiae*”, em São Paulo, nas suas edições, que se aproximam de um modelo mais tradicional de jornal, prevalecendo assuntos de organização interna, como movimento estudantil, veiculando textos que evidenciam a fé cristã e a divulgação de experiências e conhecimentos, além de abordar a posição social da mulher, que, na década de 1950, começou a ingressar no ensino superior.

Os gêneros textuais do *Poeira* apresentam uma linguagem direta e combativa ao regime militar, caracterizando-se um jornal ligado à Imprensa Alternativa, explorando mais elementos visuais em suas edições. Esse periódico tornou-se o principal porta-voz dos estudantes da época, na Universidade Estadual de Londrina, divulgando as pautas do movimento estudantil e posicionando-se em relação à realidade política e social do Brasil.

Assim, concluímos que alcançamos nosso objetivo de produzir um estudo a respeito da construção argumentativa dos textos escritos por estudantes, veiculados em jornais universitários, com base teórica nos Estudos da Linguagem. Além disso, por meio dessa pesquisa, recuperamos uma pequena parte da história da organização do movimento estudantil do nosso país, já que, por meio dos jornais universitários, os estudantes materializaram fatos e posicionamentos importantes em relação à sua mobilização de classe.

Estudar produções estudantis do passado nos possibilitou perceber como os estudantes se comunicam hoje, verificamos que o suporte dos gêneros discursivos produzidos por eles mudou, migrou do impresso para o virtual. Porém, as organizações estudantis continuam produzindo conteúdos similares aos antigos periódicos, ao abordar questões pertinentes ao movimento estudantil e se posicionar em relação à sua realidade. Isso evidencia que a forma de comunicação mudou, mas a dimensão da produção de sentido para certas temáticas permaneceu.

Esperamos que, a partir desse trabalho, outros pesquisadores possam se interessar em produções universitárias, do passado e do presente, com o objetivo de verificar os recursos argumentativos e os aspectos ideológicos que foram materializadas nessas produções, a partir da base teórica mobilizada nesse trabalho ou sob o olhar de outras teorias do campo dos Estudos da Linguagem.

Ainda, esperamos motivar estudiosos de outras áreas do saber a pesquisarem os jornais universitários como forma de recuperar a história das organizações estudantis, pois, a partir dos gêneros veiculados por esses periódicos no passado, é possível traçar novas pesquisas para os atuais campos de linguagens midiáticas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves; LATTMAN, Weltman; FERREIRA, Marieta de Moraes. **A imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros Jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres no cotidiano: educação e regras de civilidade (1920/1950). Sorocaba-SP: **Dimensões**, 2014, vol. 33 p. 336-359.
- ANJ. **Os maiores jornais do Brasil**. 2014. Endereço: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/> Acessado em mar. de 2016.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- AZEVEDO, Melissa Carolina Herrero de; OLIVEIRA, Esther Gomes de. Mecanismos intensificadores no discurso publicitário. Londrina-PR: **Entretextos**, jan./dez. 2005, v.5, p. 09-20.
- BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990a.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, 1990b.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARROS, Edgar Luiz de. **O Brasil de 1945 a 1964**. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 1994.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Einführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer, 1981.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLASQUE, Roberta Maria Garcia. **As relações semântico-argumentativas de coordenação e subordinação em títulos de propagandas veiculadas em revistas**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). UEL, Londrina, 2011.

BONINI, Adair. Gênero textual/discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Orgs.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina, Moriá, 2004.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. **Lei federal nº 5540**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em setembro de 2016.

CAOBIANCO, Renata Maria. **Movimento estudantil na UEL – 1971/1984**. Londrina: EDUEL, 2007

CARVALHO, Nelly. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação de tradução de Fabiana Komesu. 3. Ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CITELLI, Adilson. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

CORDEIRO, Isabel Cristina. **Argumentação e leitura: uma relação de complementaridade**. 2007. Tese (Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem). UEL, Londrina.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, p. 43-83.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3ª ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CYTEYNOWICZ, Monica Musatti; CYTEYNOWICZ, Rony. **História do departamento de psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae**. São Paulo: Editora Narrativa Um, 2006.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência** – as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros et alii. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUCROT, Oswald. **Provar e dizer: linguagem e lógica**. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Maria Fátima Gonçalves Moreira e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo, Global Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989, p.13-38.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. Ed., 5. reimpr.- São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012.

FELISMINO, José Antonio Tadeu. **Jornal Poeira, história e memórias**. 2016. 264 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira. **Humor e resistência: as possibilidades políticas do humor nas charges do jornal O Pasquim**. Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6ª ed., São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

HAHNER, Jane E.. **A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. Intertextualidade como fator da textualidade. In: FÁVERO, Leonor; PASCHOAL, Mara (Orgs.). **Lingüística Textual: texto e leitura**. São Paulo, PUC/EDUC, 1985.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 2002.

- \_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **L'Enonciation de la subjectivité dans le langage.** Paris: Armand Colin, 1980.
- KONDER, Leandro. **A questão da ideologia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Ática, 1985.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Trad. Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003. p.19-36.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Linguística de texto: o que é e como se faz?.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Discurso fundador.** Campinas-SP: Pontes, 1993.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Versão em PDF, 1999 Disponível em: <www.jahr.org>.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3. ed. rev. E ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- \_\_\_\_\_; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MIANI, Rozinaldo Antonio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do**

ABC paulista. Assis: Unesp/Campus Assis, 2005. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Paulista, 2005.

\_\_\_\_\_; FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira. As influências político-ideológicas do humor: a charge na ditadura militar. **Anais**, ENEIMAGEM, Londrina, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Antônio Narciso Pires de *et al.* **Depoimentos para a história: a resistência à ditadura militar no Paraná**. Curitiba: DHPaz, 2014.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. **Elementos enunciativos textuais**: análise de um conto de Judith Grossmann. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa). PUC, São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. **Operadores argumentativos e marcadores discursivos na língua falada**. Tese. (Universidade de São Paulo). São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Aspectos diferenciais dos operadores argumentativos e dos marcadores discursivos. In: SANTANA NETO, João Antônio; MACEDO, Joselice; ROCHA, Maria José Campos (Orgs.). **Discursos em análise**. Salvador: Universidade Católica de Salvador, 2003. p.231-243.

\_\_\_\_\_;CORDEIRO, Isabel Cristina; BARALDO, Cécilia Contani. Os advérbios na propaganda: modalizadores lógicos e afetivos. V SELISIGNO. 2006, UEL, Londrina. **Anais...**Londrina– PR, 2006.

\_\_\_\_\_. Aspectos ideológico-argumentativos em um conto de Judith Grossmann. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (Orgs.). **Semântica e Estilística: Dimensões Atuais do Significado e do Estilo**. Homenagem a Nilce Sant'anna Martins. Campinas, SP: Pontes, 2014, p.177-197.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Lolyane Cristina Guerreiro de; VENTURINI, Bárbara Luise Hiltel. O advérbio como elemento argumentativo. **Boletim**, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, nº66, p.193-218, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, Lolyane Cristina Guerreiro de. **Chevrolet e público feminino**: hibridismo e argumentação ideológica na propaganda. 2013. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). UEL, Londrina.

\_\_\_\_\_. OLIVEIRA, Esther Gomes de; CORDEIRO, Isabel Cristina. Mecanismos ideológico-argumentativos no discurso publicitário. In: SCOPARO, Tania Regina Montanha Toledo; MIQUELETTI, Eliane Aparecida; FRANCISCO, Eva Cristina; GABRIEL, Fábio Antonio (Orgs.). **Estudo em linguagens**: diálogos linguísticos, semióticos e literários. Curitiba: CRV, 2017, p. 73-88.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PEREIRA, Dayane Caroline. A dinâmica argumentativa e ideológica na publicidade direcionada ao público masculino. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 333-359.

REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil:** repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984 [livro eletrônico] / Maria José de Rezende. – Londrina: Eduel, 2013. 1 Livro digital.

ROJO, Roxane. Gêneros de discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (Orgs.). **Gêneros:** teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005, p. 184-207.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística:** intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvila. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 333-359.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalismo público.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes:** mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SILVA, Paula Tatiana da. **Discurso argumentativo:** biodiversidade e preservação ambiental na propaganda da Natura Ekos. 2009. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). UEL, Londrina.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística.** DELTA, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, fev. 1990.

\_\_\_\_\_. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003.

UNE. **História.** Endereço: <http://www.une.org.br/a-une/> Acessado em fev. de 2016.

**ANEXOS**

ANEXO A  
Capa da edição nº8 do jornal *Écos Universitários*, maio de 1949

# Écos Universitários

ANO III

MAIO, 1949

N.º 8

## DIRETORIA

Diretora responsável:

Lays Duarte Bairão

Diretora:

M. Odila Bamsley Soares

Redatora:

Nélea Curi

ESTE PRIMEIRO NÚMERO DO NOSSO  
JORNAL É DEDICADO AO DIA DAS MÃES  
O AMOR DE MÃE

"Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor".

O amor vem do coração; não como sentimento, simplesmente afetivo, que se apega facilmente ao que se lhe agrada; mas aqui se fala do amor que é desprendimento e que se apega a tudo que é grande, mas não fácil, que se esquece, se lembrando de todos e a todos dando, em sacrifício e dedicação.

É o coração do homem foi feito para este amor; e o coração da mulher para implantá-lo no coração dos homens.

Uma dignidade altíssima portanto, a da mulher, papel este, realizado com toda sublimidade de sua elevação, na maior plenitude de seu significado, quando ela se define na qualidade de mãe. E é mais que mulher, então, é Mãe.

Grandioso é pensarmos neste amor imensurável de mãe. Ela própria se passa ante o que realiza; mistério insondável da perpetuação da vida!

E como vive uma mãe!

Está toda inteira em seu filho, criada o pensamento, estará no outro que vier, e toda coração e pensamento viverá em todos os filhos seus.

São todos, seres de seu ser, são ela mesma, que renasce em cada um, que cresce, que enfrenta os problemas e os resolve arduamente, que sofre com os desenganos, que se anima, que se entusiasma, que vive afinal, todas estas vidas. O amor é desinteressado e compreensivo.

Ninguém, mais que as mães para com seus filhos, se desprenda até ao sacrifício supremo, e compreende, minuciosamente, as razões profundas do coração humano.

Por mais decalido e desprezível que seu filho se tenha tornado, e o mundo o repudie, ela o compreende.

Ela própria deixou as sementes de bondade, justiça e dignidade, neste solo, agora ressequido, e sabe muito bem onde ainda permanece alguma, com vida latente.

Ela por muito compreender, a mãe espera sempre e não se desanima nunca.

E a semente reviverá, regada embora, por suas lágrimas de mãe; e impulsionada pelas graças, que do céu trouxeram suas orações perseverantes, verá ainda realizada, pelo menos a mínima parcela do grande ideal sonhado para ela.

E a amplitude infinita do amor da mãe, que se estende infinitamente, até Deus e consigo, que as realizações frequentes de seus pedidos.

E quanto nos empolga, o pensarmos que o mundo é melhor e mais feliz, porque vive da bondade e felicidade profundas, do amor da mãe!

Tão altamente tem Deus em consideração o amor, entre os homens sublimado no amor de mãe, que ao descer até nós, quis, por assim dizer, provar um pouco desta felicidade dos homens, quis ter também, Sua Mãe.

Poderia Deus, ter ido buscá-la, entre os príncipes, entre o luxo e as fortunas.

De nada valeriam; Ela era mais que tudo isto: virgem, humilde, puríssima, profunda-

mente piedosa, Maria tornou-se mais, Mãe, mais ainda, Mãe de Deus.

E Cristo, por entre as angústias de sua agonia, do alto do madeira, quis ainda, dar-nos uma idéia melhor, da riqueza infinita deste amor imenso. Não se contentando em nos dar, intencionalmente sua vida, nos deu ainda, o que depois de Si, tinha de mais sagrado e venerável, o prolongamento mesmo de seu amor, nos deu: Sua Mãe.

"Mulher, eis aí o teu filho; filho, eis aí tua mãe."

Desde então, Maria, já modelo vivo para todas as mães da terra, passou a ser a Mãe Santíssima de todos nós.

Ela nos ama, nos compreende e nos guia, com um amor maior que todos os amores de mãe reunidos.

E basta que lhe sejamos filhos sinceros, para termos certeza de que nossos mínimos esforços serão convertidos em graças e felicidades, gozadas, eternamente, em nossa futura Morada Celestial.

Zilah de Andrade Ferreira.

3.º Ano de Pedagogia.

## Refugium Peccatorum

*Virgem Santíssima,*

*Minha e Nossa Senhora,*  
nosso espírito pode estar em perpétua vigília  
acesso como uma lanterna na treva circundante e noturna,  
na treva cheia de coisas terríveis;  
nosso espírito pode estar armado com todas as advertências,  
disposto às heróicas resistências,  
mas nosso espírito  
está dentro do corpo, imerso em nossa carne  
como uma espada de prata numa bainha escura...

*O Senhor disse na sua noite de agonia,*  
*na noite de Gethsemani, a noite mais humana que*  
*um Deus passou na terra,*  
*ão humana que suplicou que lhe afastassem o cálice de amargura,*  
*ão humana que saiu sangue:*  
*"O espírito é forte, mas a carne é fraca"...*  
*Si tua Deus disse isto, oh pura e casta Virgem, minha e Nossa Senhora*  
*que diremos nós, miserós farrapos de nervos*  
*enroscados em torpes desejos,*  
*arrastando uma doída ansia de gozo*  
*por carinhos crioulos de espinhos...*  
*Que diremos nós, cuja vontade é escrava da argila*  
*em que foi plasmada a nossa fragil estatura humana!*  
*Virgo Puríssima, Virgo sine labe concepta,*  
*Volnei para nós os olhos cheios de misericórdia,*  
*e vêde que rastejamos uma dor sem consólo*  
*num charco de desejos e de volúpia...*

*Como poderemos resistir à tentação do pecado,*  
*si o pecado se apresenta como o vinho que esquece,*  
*como a ventura, o poder, a volúpia, o descanso,*  
*a quem não tem ventura,*  
*e a quem não tem descanso?*

*Hoje é teu dia, Nossa Senhora Auxiliadora,*  
*Refugium Peccatorum —*  
*ouve o brado que se ergue deste ergástulo escuro*  
*este clamor de angústia*  
*este ofegar de desesperos...*  
*Lembra-te que és Mãe de um Deus que se fez Homem*  
*Abre teu coração, fonte radiosa e pura,*  
*de esperança, de perdão, indulgência e ventura,*  
*dá a cada fraqueza a força que redime;*  
*desarma o braco que ergue um anseio de crime;*  
*fecha a boca que se abre à imprecação blasfema,*  
*mata o desejo impuro e, na hora suprema do horror e da desgraça,*  
*surge com teu perdão, Virgem cheia de graça*  
*Mãe e filha de Deus, minha — Nossa Senhora...*

MENOTTI DEL PICCHIA.

## ANEXO B

Discurso de posse na edição nº8 do jornal *Écos Universitários*, maio de 1949

- 2 -

ÉCOS UNIVERSITÁRIOS

Maio de 1949

## LÍNGUA, LINGUAGEM E FILOLOGIA

Poucas vezes concordei com os colegas da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo no que diz respeito à visão de uma filologia completa e moderna, como nos é apresentada hoje; e, pois a pesquisa de uma incompreensão pode adiantar a amplitude para a descoberta de um defeito, tenho a busada de acreditar que a falsa interpretação que nós damos aos campos dos estudos filológicos, deriva de uma não suficientemente exata interpretação de dois termos bem semelhantes, embora não afastados um do outro. Vejamos em poucas palavras as bases desse problema.

A base fundamental é, a meu ver, simples, mas ao mesmo tempo bem complexa. Em sentido restrito, filologia é o estudo crítico dos textos; para restaurar da melhor maneira um original; e em sentido mais largo, filologia é o estudo da língua e da literatura como instrumentos de manifestação da cultura de um povo; logo, num caso e no outro desvendamos o estudo puramente gramatical, pois o considerado pertencente ao campo da linguística ou glotologia. Contudo, o elemento que nos poderia levar para o equívoco — tantas vezes indicado — encontra-se no emprego, nem sempre exato, dos termos "língua" e "linguagem, usados amídiu sem reparar na diferença substancial dos mesmos.

Por "língua" eu entendo um organismo linguístico bem definido e consagrado pelo reconhecimento de uma coletividade; há o indivíduo encontra meio para se difundir; nesse caso, a língua conserva o nome da mesma coletividade que o reconhece, por exemplo "língua portuguesa, italiana, francesa, latina, etc."; ao passo que por "linguagem" eu entendo a síntese que se opera entre pensamento e forma linguística concreta, a individualização alcançada pelos valores coletivos na expressão de cada um; nesse segundo caso, a linguagem tem o nome do indivíduo que a criou, por exemplo, "linguagem de Camões, de Dante, de Vieira, de Homero, de Virgílio", etc. Dois campos diferentes, dois diferentes tipos de estudo: de uma língua podemos fazer a história; de uma linguagem devemos fazer a crítica, que será no mesmo tempo histórica e estética. Nesse ponto espero que estamos todos de acordo.

A divergência começa quando torna-se necessário estabelecer a definição do estudioso que se interessa aqúele determinado problema: de língua ou de linguagem. Vejamos por exemplo a história de uma língua: nela o gramático ou o linguista vê apenas o desenvolvimento de sua estrutura gramatical e principalmente o de seus elementos primordiais — os sons — e de seus elementos de reprodução gráfica — a ortografia. O historiador da cultura na história da língua vê um aspecto cultural que pode ser estudado com critério de juízo análogo aqúeles próprios de outras manifestações de espírito, descurando o que de incorreto se manifesta no desenvolvimento das expressões linguísticas. Entre o gramático e o historiador encontramos quase sempre o filólogo, o qual procura reconhecer na história da língua as sucessões de modelos estilísticos, estabelecendo uma diferença sutil entre as individualidades dos autores e construindo dessa forma as bases para a história literária ou cultural. Esquemáticamente, na história da língua, temos um elemento positivo, constituído pelo estudo gramatical, e um elemento acessório, formado pelo estudo filológico e histórico, isto é, literária e cultural. Passando para o outro campo, o da linguagem, teremos a inversão dos elementos: o elemento positivo torna-se da crítica filológica — história ou estética — enquanto que o elemento acessório fica somente para o gramático, pois que na linguagem o gramático vê exclusivamente um instrumento dialógico e não um monólogo estilístico.

Mas, essas observações formais não devem enganar quanto ao material de indagação, sendo que ele continua mais ou menos idêntico; todavia deve ser considerado sob pontos de vista diferentes: de fato, o gramático estuda a língua e se serve do ambiente linguístico, histórico, geográfico, demográfico, no qual vê os diferentes aspectos de uma mesma língua: usual, expressivo, técnico e literário. E contrapondo o aspecto usual e literário, indica logo o outro ambiente que deve ser estudado pelo filólogo; para o gramático os autores não são mais do que fontes absolutamente iguais ou quase aos monumentos e aos documentos, sendo que neles o gramático vê apenas o reflexo de uma tradição da língua literária e coletiva e não já uma criação livre da personalidade artística.

Eis o ponto principal: o linguista vê com absoluta frieza o autor, enquanto que nossa pesquisa filológica é cheia de vida, de entusiasmo, de amor; e nessa pesquisa não entrou apenas os autores conhecidos, mas também os anônimos, entra a tradição oral e a escrita, entra a linguagem em sua manifestação original, até coletiva, quando ele não seja tró instrumento de transmissão, mas pensamento e conceito. É preciso admitir tudo isso, sem restrições ideológicas: porque de out-

ro modo corremos o risco de admitir — como amplitude acontece a muitos estudiosos — que os autores devem ser estudados unicamente para constatar o surgir e o persistir e o decair de sua tradição linguística particular, enquanto que mais frequentemente são os autores que determinam o surgir, o persistir e o decair de uma tradição coletiva.

As conclusões podem ser rápidas e claras: objeto de nossos estudos filológicos é a linguagem e não a língua; a linguística depende da filológica e não o contrário; a filologia invade o campo da estética, até muitas vezes com ela se identifica, pelo menos na parte prosódica e não filosófica; a finalidade da filologia é eminentemente construtiva, sobretudo nos valores ideais da linguagem e em suas possibilidades artísticas. Somente assim a filologia adquire uma importância excepcional na seriedade dos estudos e na vida cultural. Todo o mais é trabalho de amadores, que se perde e não deixa traços na atividade de seu povo, a única que não desaparece mesmo quando as forças brutais do materialismo o abalam e o destroem. E é essa a filologia que eu faço votos se torne, entre nós, obra construtiva, eficiente, duradoura.

DR. G. D. LEONI.

## Discurso da Oradora na posse do Centro

Exmo. Sr. Presidente,  
Revdssimo. Assistente Eclesiástico da Faculdade,  
Revdssima. Madre Diretora,  
Senhoras, Senhores,  
Colégas.

O C. A. S. S. apresenta neste instante mais um grupo de batalhadoras, grupo digno das tradições deste admirável educandário e fiel cumpridor dos deveres impostos pelas nossas próprias consciências.

Não fosse a manifesta incompetência da oradora que vos fala, poderíamos ressaltar com grande acerto, os benefícios que vieram e que estão por vir desta agremiação.

Transladamos para o nosso centro, o civismo e a prática do dever, a obediência consciente aos nossos superiores, o amor a Deus, o respeito ao próximo e à sua intangível liberdade individual, que na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientias" a direção firme e carinhosa das Revdssimas Madres de Santo Agostinho nos fizeram conhecer.

Vede, pois, meus colegas, quão valiosos são os grandes ensinamentos que aurfemos desta grande casa de ensino. E é debaixo desta conduta de ordem moral e prática que o C. A. S. S. se compromete a agir e a solidificar cada vez mais o seu nome no campo de labuta universitária.

O C. A. S. S. tem uma missão a cumprir, e essa missão é satisfazer as aspirações, solidificar as amizades, unir as inteligências, despertar as personalidades. Missão que num centro exclusivamente feminino precisa ser cumprida, porque assim exigem nossa honra e nossa dignidade.

O campo é vasto e a luta é árdua, mas não fracassaremos. As dificuldades que surgirem, surgirão apenas para reforçar mais a nossa fé e a nossa coragem; pois, a nós, cabe dar o exemplo dignificante de uma agremiação inilustre sómente para o bem, para a justiça e para a humanidade.

Afirmo-vos que com Isolina Paro nada tendes a temer. Com sua ponderação e energia saberá cumprir exata e digna-

mente tudo quanto vos for indicado e tudo quanto dela exigirdeis.

Colégas! O que acabo de vos dizer não é um simples arranjo de palavras eufônicas, mas um soene compromisso para com as sócias do C. A. S. S., pronunciado em nome da honra individual. Entremos nossas inteligências e envidemos nossos esforços para fazermos do C. A. S. S. um campo de ação, onde a cordialidade se une ao esforço e a fé ao ânimo resoluto. Seremos um só corpo em prol de um só ideal: o Bem, e teremos como auxiliares a fé em Deus e a confiança na justiça dos homens.

Assim, meus colegas, se nos depara mais uma etapa a cumprir. Só nos resta pedir a Deus, Sumo Criador de todas as coisas, com o coração cheio de esperança e de fé que porieie nossos atos e nossas palavras, para que delas só advenha o bem que desejamos realizar.

Dixit.

EDYR JORGE ADIB.

## A POSSE

Chovera a semana interlunha.

Antecipadamente sabíamos que, todas as tardes, desabaria sobre a cidade um daqueles temporais tremendo, característicos do outono.

O dia fixado para a cerimônia da posse da nova diretoria do nosso Centro, aproximava-se. E, viamos, com os corações angustiados, que a chuva não faltava diariamente, na sua hora certinha, com o seu cortejo de relâmpagos e trovões realmente de assustar.

As alunas da Faculdade, em expectativa e ultimando os preparativos para a solenidade que se aproximava, recebavam, entretanto, que, infelizmente, chovesse na grande data, nulificando todo o esforço para dar-lhe brilho.

Afinal chegou o dia 31 de Março. Amanheceu lindíssimo. O sol iluminava o arvoredo dos parques e a paisagem distante; e resplandecia sobre o casarão transformando, na imagem feliz do poeta Fabio Montenegro, as torres esguias em obeliscos de ouro.

Mas... assim, também, raiavam os dias anteriores, cujas tardes, não obstante, se apresentavam tempestuosas.

Fonte: acervo pessoal da autora.

ANEXO C  
Capa da edição nº12 do jornal *Écos Universitários*, maio de 1950

# Écos Universitários

ORGAO OFICIAL DO CENTRO ACADEMICO "SEDES SAPIENTIAE"

ANO III MAIO, 1950 N.º 12

★  
DIRETORAS:  
Rosa Maria da Silva Britto  
Vera Martins Rodrigues  
★

## AS MÃOS DA VIRGEM



*Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas  
Para aliviar de Cristo os sofrimentos  
Cujas veias azuis parecem feitas  
Da mesma essência astral dos óleos bentos.*

*Mãos de sonhos e de crenças, mãos afeitas  
A guiar do moribundo os passos lentos,  
E, em séculos de fé, rosas desfeitas  
Em hinos sobre as torres dos conventos:*

*Mãos a bordar o Santo Escapulário,  
Que revelastes para quem padece  
O inefável consolo do Rosário.*

*Mãos unguidas no sangue da Gordá  
Deixai também sobre a minha alma em prece  
A bênção que redime e que perdôa!*

Piero Francesco Fiorentino, século XV — "Nossa Senhora, Menino Jesus e São João"  
(Museu de Arte de São Paulo)

Alphonsus de Guimaraens

---

## A ESCOLHA DAS PROFISSÕES

A escolha de uma profissão que, no conceito de Pascal, "é a cousa mais difícil da vida", não se tem infelizmente realizado com o carinho que deve orientar o futuro individual.

Escolhe-se uma profissão com menos cuidado do que uma roupa ou um passeio. Dai os fracassos que frequentemente se consignam na luta pela vida: a necessidade de ganhar o pão não se alia o entusiasmo, "la joie au travail", de que fala Spreng, graças à qual, transpondo obstáculos e vencendo reveses, consegue o homem compensar, pelo esforço e dedicação, deficiências porventura existentes.

Não é fácil ajustar o indivíduo ao trabalho para cuja execução ele não traz predisposições naturais, uma como energia latente que apenas guarda o necessário estímulo para se libertar e mover.

A vocação, força individual em que residem os germens do triunfo e o segredo da vitória, é muitas vezes esquecida na escolha das profissões. São os pais, parentes e amigos que encaminham os jovens, arrojando-os à con-

corrência na qual ingressam completamente as escuras, como se fossem percorrer os caminhos sinuosos de um labirinto.

Múltiplas que são as profissões, parece aos interessados coisas de somenos importância perscrutarem suas inclinações, conhecerem, em uma palavra, sua vocação. A vocação reclama um respeito imenso; esquecida, avultará uma multidão de mal adaptados; ignorada, será a profissão um leito de Proscrito e os indivíduos não terão um campo propício à expansão de suas tendências, de seus sentimentos estéticos. Ao lado desses prejuízos de ordem moral, estão os de ordem material, que vitimam não só os desambientados, como também, a própria produção, comprometendo-a.

A profissão não é um patrimônio atávico como se procura fazer: os filhos seguem o ofício dos pais. Seguem-na, entretanto, não porque no seu espírito medrem predisposições para segui-la, mas pela facilidade com que encontram nos próprios progenitores, os seus guias mais solícitos. Não há dúvida de que a ancestralidade fixando ou procurando fixar

as tendências, crie nos filhos predisposições análogas às que os pais revelam. Em rigor, porém, não se trata de predisposições naturais, mas de desejos vagos e incertos que as crianças mostram e que os pais se propõem coordenar e orientar. Na maioria dos casos, o fator atávico não existe.

Na escolha de uma profissão, deve-se atentar cuidadosamente na tendência natural, o gosto, a vocação, força subjetiva que existindo desde a infância, aciona o indivíduo e promove uma justa adaptação das suas aptidões inatas, ao exercício de atividades definidas. Portanto, o primeiro passo a dar é promover a adaptação do indivíduo à profissão para cujo desempenho ele traz atributos vocacionais.

Para que o indivíduo possa controlar os óbices, enfrentá-los com destemor, terá que receber uma educação essencial — intelectual, física e moral, e uma educação profissional que o habilitará, de acordo com os seus pensadores ao exercício de qualquer função.

Lucy Cardoso  
III Ano, Pedagogia.

Fonte: acervo pessoal da autora.

ANEXO D –  
Capa da edição nº17 do jornal *Écos Universitários*, setembro de 1951

# Écos Universitários

ORGAO OFICIAL DO CENTRO ACADEMICO "SEDES SAPIENTIAE"

ANO IV

SETEMBRO, 1951

N.º 17

★  
DIRETORAS:

Divia Barbaro

Sonia Pegado Vidigal

★

## UMA GRANDE PERDA

No dia 31 de agosto, a Congregação dos Professores e as alunas da Faculdade "Sedes Sapientiae", reunidos em sessão solene, prestaram uma homenagem à memória do saudoso professor doutor Aluizio de Faria Coimbra.

Usaram da palavra o Revmo. Padre Luiz Peixoto Fortuna, S. J., o prof Adelino da Silva d'Azevedo e a aluna Irma Maria Yvone Correia, O. P.

Transcrevemos a oração proferida pelo professor d' Azevedo.

Revs. Madres:  
Revs. d' Azevedo,  
Senhoras, senhores:

Acha-se aqui reunido um punhado de criaturas humanas, que ainda acreditam, com sinceridade, nos valores eternos da alma, nas forças incorretíveis do espirito.

Concentra-se neste recinto, — quase um subterrâneo —, um punho de cristãos, que, como os ancestrais das catacumbas romanas na celebração dos seus mistérios, abandonaram os afazeres de rotina, ou os grilhões dos horários, ou a urgência do negócio, ou a solenidade da cátedra, ou a solicitação dos livros, — para virem evocar, de olhos postos na eternidade, a memória para nos bendizer, dia grande e querido ausente.

Aluizio de Faria Coimbra, morreu!

Soldado, — ele tombou na primeira linha, quando, na pujança das suas forças, mais galhardamente marchava na estrada gloriosa do dever profissional, com uma florada de sonhos a desabrochar-lhe ainda no coração optimista.

Cristão, — ele baqueou na arena, sob as garras duma doença insidiosa e cruel, guardando nos lábios, até ao fim, um hino de glória a Cristo a quem tanto amou.

Tombou, soldado. Baqueou, cristão.

E qual o maior requinte do soldado, senão o professor? Qual dos dois tem vida mais heróica? O professor é um militar que se bate não em temporadas hipotéticas, não em uma guerra problemática, mas desde a primeira hora em que se alistou, para entretinheir-se numa cátedra, nela varando os dias de chuva ou de sol, os meses de alegria ou tristeza, os anos de angústia ou de êxito, — num desgaste permanente das energias da vida.

De igual jaez, o Cristiano não é um simples qualificativo, mas uma sublimação, — a plenitude enfim do Homem humano, que leve de abdicar, de cortar, de suprimir, de acrescentar, de polir a própria natureza, consoante o Divino Modelo.

Eis, pois enquadrados, os dois tópicos ou as duas balizas desta minha desataviada allocução.

Não vou estadear-vos uma biografia. Não vou arquetetar-vos um discurso. Vou sim, evocar-vos sob o ângulo desta querida *Sedes Sapientiae* onde o vimus labutar, dois simples aspectos que sirvam de "mnemotécnica" à saúde de nós todos:

Primeiro o professor. Segundo, o homem.

Senhoras,  
Senhores:

Aluizio de Faria Coimbra sempre me pareceu o protótipo do professor nato. Melhor diria, — e com toda a decora duma grande amizade, o modelo flagrante do catedrático. A atitude plena, a voz plena, a ponderação

Foi triste para nós, da Secção de Letras Clássicas, o retorno às aulas neste semestre, pois apenas chegamos à Faculdade surpreendeu-nos a incrível noticia do falecimento do nosso tão querido professor, o Dr. Aluizio de Faria Coimbra.

Se para o "Sedes Sapientiae", para São Paulo e para o Brasil a morte desse intelectual emérito constitua uma grande perda, para nós, alunas dele, representa algo mais que o desaparecimento de um notável professor; sentimo-la como a de alguém a quem estimávamos muitíssimo. Sim, porque aquella bondade, aquella extrema delicadeza, que o tornavam tão acessível, despertaram desde logo a nossa simpatia, que se foi nos poucos converendo nua, quase filial afeição.

Se como intelectual o admirávamos vivamente, como homem, suas virtudes empolgavam-nos. Profundamente católico, de uma piedade edificante, de uma caridade que o levava a orar pelos próprios inimigos, era à luz da religião que lhe encrava todas as coisas, e, das lições que nos deu, essa foi, sem dúvida, a mais preciosa, a que jamais haveremos de esquecer.

Lembro-me, comovida, de que nuna de suas últimas aulas, — e a memória começou a frase de Eurípides: "O morto nada é", julgando-a amargamente verdadeira, sob o ponto de vista do esquecimento a que são votados os que se vão deste mundo. Não supúnhamos, ao ouvi-lo então que muito em breve o iríamos perder; mas sentimos hoje que aquella frase absolutamente não se poderia aplicar ao nosso saudoso professor. Ele se foi, legando a quantos o conheceram a sublimidade do seu exemplo. Nós o temos sempre diante dos olhos como um modelo a ser imitado.

Neyde Ramos de Assis — III ano Neo-Latinas

Stras Class

plena, o gesto pleno, eram nele a plena configuração ideal dum mestre.

Os estudos primários, é certo, tinham-no impellido à carreira da advocacia. Está encaminhado o mesmo para o terreno mais amplo da magistratura. Advogado, promotor, levando com o patrimônio de jurista, o ardor ensolarado do cearense, tinha diante de si franquçadas as avenidas que apontam o êxito seguro.

Foi a mão insistente e suave da Providência que o desviou desse terreno sedutor, mas dum certo modo sáfaro e confuso. E que nele agita, as suas asas o vendaval das paixões; nele se deglacia, se dirima, se entrecruza o eterno conflito entre o justo e o injusto.

Aluizio era um espirito sereno, já sei. E lúcido, todos o vimos; porém, anquilosado pela ansia comunicativa de aliar, pelos corações juvenis, as mãos cheias, o patrimônio de sementes e pedrarias que já então trazia acumuladas.

A cátedra, portanto, mais que a uribuna o atraiu: a cátedra-missão, a cátedra-apostolado, a cátedra-laboratório, onde se aclaram e se definem as fronteiras entre a certeza e a opinião, a opinião e a dúvida, a dúvida e a ignorância, a ignorância e o erro. Seria uma fórmula indizível, bem propícia ao seu velho

gosto da mineração, a mineração permanente da verdade.

Foi professor, portanto; e aqui, não focalizo apenas a configuração exterior, mas o insólito, a vocação, a paixão, os dotes internos que lhe engalanavam o temperamento, *parsi passu* pesquisador e efusivo.

Seguro da beleza desta carreira, norteado pelo claro quase langível dum destino, conjugou seus esforços, mobilizou seus recursos e lançou-se com o denodo dum amonico à empresa gloriosa do ensino. Destarte percorreu-lhe todos os matizes e todos os patámares, desde a explicação particular, até à direção do colégio, até as becas universitárias.

E com que encantadora naturalidade!

Nela, a *natura*, a *ars*, a *exercitatio* do nosso Joseph Kleitgen, pareciam nativos e expontâneos, como as flores do vale limitado que ninguém semeou, que ninguém trata.

E, a sobredeitar tudo, sublinhando tudo, o grilo encantador do devotamento moral sem reservas, como quem não aguarda outro salido mais que o da consciência tranqüila diante de Deus. Prova disso está em que se quis apurar numa das (passe a expressão), mais órias eudeltas — da cultura clássica.

Singular vocação, para os nossos dias!

Realmente hoje, quando a mitopia de algumas esferas pedagógicas ou o estrabismo do interesse material imediato apenas prestigiam, — com finalidades próximas —, as disciplinas donde se vai amassar o pão do corpo ou o conforto da vida, hoje quando até se esvaui um pouco, em cristãos de Credo e mandamentos, o pendor de sentir com a Igreja cujo idioma oficial e eucabénico foi o grego e o latino, hoje quando é moda descurar-se (rende tão pouco!) o patrimônio humano da sólida cultura que a Providência Divina acumulou em Atenas e Roma para reserva das torvas gerações vindouras, — Aluizio de Faria Coimbra foi apaixonar-se (não acho outro termo) por essas inúmeras Línguas e Literaturas do Lácio e da Hélada!

Seria porque, ao lado das Escrituras da Revelação, ali encontrou, apetrechado pelo Criador, um suplemento da futura Civilização Occidental?

Também, como André Velasco, e outros, atentado no sentido de justiça e precisão que se cristalizou no pensamento e na palavra daqueles povos, aurora imediata do Cristianismo Nascente, em cujo idioma, aliás, se redimiram originalmente, Ires dos Evangelhos, — mapa e roteiro da nossa vida?

Não sei. Mas foi ao sol dessas letras que nele floriu, frutificou e amadureceu uma das mais robustas moesses humanísticas do Brasil moderno.

Tal era a *natura* do professor Aluizio.

E qual foi a sua *ars*? Qual o *exercitatio*?

Aqui, fico perturbado perante a atividade do Dr. Aluizio. Tenho de postergar os fatos mais distantes. Os primeiros estudos sérios, os primeiros arroubos do orador, os primeiros ensaios do ensino particular, protoplasmia e embrião do filólogo por nós conhecido, tudo foi pontilhado pelas rufas e os espiritos que soem entor as biografias das fortes vocações.

E depois?

Depois, sem me referir ao modular equipamento da sua biblioteca profissional, em que

ANEXO E  
Capa da edição nº21 do jornal *Écos Universitários*, outubro de 1953

# ÉCOS UNIVERSITÁRIOS

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO "SEDES SAPIENTLE"

Diretora Responsável: *Gisela R. dos Santos*

Diretoras: M. HELENA DE ALMEIDA  
LETICIA F. RANGEL

Redatoras: SOLANGE R. PALMA, CELINA CELANI e  
M. LUIZA FRANCO

ANO VII

SÃO PAULO, SETEMBRO-OUTUBRO, 1953

N.º 21

## CONSIDERAÇÕES SÔBRE OS MOTIVOS QUE NOS LEVARAM A UMA ATITUDE ANTI GREVISTA

Analisando os fatos ocorridos na assembléa extraordinária realizada no dia 6 e prolongada no dia 7 deste, e, procurando as causas determinantes da atitude anti-grevista das alunas do Sedes, atitude esta contrária à de todos os outros grêmios estudantis do país, cheguei à seguinte conclusão: motivos principalmente de ordem interna determinaram a nossa não participação na greve dos 40.000 estudantes.

Consideremo-las separadamente: sem dúvida a reação anti-grevista foi antes de tudo uma atitude de reação contra a diretoria do C.A.S.S. Os principais fatores que desencadearam essa reação contra o C.A.S.S. estão, principalmente, no fato de que ele constitui na opinião de muitas uma entidade fechada, de ação que se restringe a um determinado número de meninas, quasi todas membros da própria diretoria e também no fato de que, informadas por outrém ou por opinião pessoal, consideram o Centro como grandemente influenciado por idéias comunistas. Podemos aqui passar ao segundo fator péso, na reação anti-grevista que de certo modo, se acha ligado ao anterior: algumas acharam imprudente tomar posição de apoio à greve, pois poderia ela estar sendo insuflada e ter tido origem em elementos comunistas. Informações de fontes não conhecidas e boatos não faltavam para que este segundo motivo se tornasse bastante forte para decidir a opinião de muitas contra a greve. Um outro

grupo deixou-se levar pelas idéias ou opiniões de outras com um conhecimento apenas superficial do assunto e as qualifiquei de: "Maria vai com as outras". Motivos de interesse pessoal não deveriam sequer constar da série de fatores analisados, mas uma vez que me propus levar em conta todos os motivos possíveis, talvez que esses tenham também influenciados na decisão de algumas e isso aconteceu aqui ficam os meus pesames. Entretanto, graças a Deus, ainda houve gente que não se deixou levar por boatos e informações mal seguras e nem ficou por aí procurando opiniões parciais, mas soube tomar decisão contra a greve por motivos justos. Portanto, aquelas que não apoiaram a greve por se acharem pouco esclarecidas para isso fizeram o que lhes ditou a consciência, porque greve é uma medida drástica e só alguém com conhecimento profundo da causa deve ou não aceitá-la. Também aquelas que não aderiram à idéia de greve, porque se acharam suficientemente esclarecidas e não encontraram motivos para que ela se fizesse, procederam correta e honestamente.

Não poderia acabar estas considerações sobre estes nossos movimentados dias sem propor uma norma de conduta que talvez nos auxilie em decisões futuras: não generalizemos as coisas precipitadamente para não cairmos em grandes erros.

Maria Lucia de Sampaio Guimarães

## Show Sedes 1953

Há perguntas que nos deixam perplexos...

Parece fácil — mas não é — resumir o que penso do Show de 1953. Poderia responder: ótimo, interessante, maravilhoso. Três palavras convencionais que não traduzem a verdade e a sinceridade de minhas impressões sobre este sarau tão característico, onde se reinem inteligência e humorismo, vivacidade e elegância, sátira e arte.

Depois da representação "Andromaque" — verdadeiro milagre

de disciplina cultural — o Show representa o outro lado da vida teatral: entusiasmo e realidade. Nos números do Show vemos não as alunas, mas as nossas "mocinhas" como realmente são. Quanto ensinamentos nestes contrastes!

Quando acabou o espetáculo, uma minha ex-aluna me gritou de longe: "É inútil pedir sua opinião: vi e ouvi suas risadas, do começo até o fim". Nesta frase está tudo o que penso do Show, ou melhor: quasi tudo, pois nem sempre dei

risadas. Por exemplo a briga de Suzanna me assustou bastante; a trágica morte de Maria Catarina (e ainda mais o côro), me fez chorar; a novela radiofônica me comoveu. E teria brigado com o guarda malcriado que interrompeu uma serenata tão sentimental (e real). Quanto à sátira do melodrama, concordei "Toto corde"; e concordei, também, com o inteligente legado, que, no difícil caso do abacaxi, soube encontrar uma solução tão justa (qual foi a opinião de muitos colegas das Arcadas, presentes ao espetáculo?), depois das

exatas respostas das testemunhas, especialmente da minha patricinha que "que non sapeva niente" e que tinha tanta "paura"...

Em suma, gostaria de lembrar todos os números e todas as participantes, pois sou o espectador mais entusiasta das manifestações teatrais do Centro. O Show Sedes é uma verdadeira festa de alegria universitária, que se contrapõe vitoriosa aos horribéis trotes: ainda uma vez, o bom-senso da mulher venceu!

— G. D. Leonil —

## ANEXO F

### Enquete da edição nº21 do jornal *Écos Universitários*, outubro de 1953

Setembro-Outubro, 1953

ECOS UNIVERSITÁRIOS

5

## PESQUISAS UNIVERSITÁRIAS

Ironia é algo que nem sempre pode ser compreendido mas que é a nota característica do "humor".

As que não puderam, por falta de dados que lhes permitissem fazer associações, compreender o elemento irônico que usamos nesta seção, em número anterior, lembramos que isto que aqui se publica pode deixar de ser humorístico e, pelo seu teor, pode perfeitamente ser levado a sério, por que afinal as respostas à nossa "pesquisa" foram sorrivelmente dadas

pelos colegas, que não suspeitavam de sua finalidade, desde que lhes foram solicitadas vagamente "a título de curiosidade".

E, como tínhamos prometido, divulgamos aqui as palavras categorizadas dos colegas Rubens Paiva, Neif Salady, Pedro Cesar Curti, D. Dana e Ruy Exel, que respondem à questão: "Qual a sua opinião sincera a respeito da moça que frequenta uma escola superior?".

A posição da moça na Universidade já é uma conquista definitiva das paladinhas por uma nova posição da mulher na civilização moderna.

A jovem universitária, em especial por sua tenaz persistência, seu acurado espírito de observação, e sua maior sensibilidade, tem sempre conquistado merecidas posições de destaque nos diversos setores do ensino superior, quer didáticos ou científicos, quer artísticos ou filosóficos.

Hoje já não se compreenderia o sentido de universitário sem a participação do elemento feminino. Trabalham as jovens ao lado de seus colegas na resolução dos problemas da classe; é também notória a presença ativa das bancadas femininas nos conclave universitários e na administração das entidades estudantis. Tendo sempre se distinguido as jovens universitárias numa colaboração leal, ativa e desinteressada.

Ollhando enfim um aspecto provavelmente inédito da questão, quero dar o testemunho, que nas universitárias iremos encontrar uma esposa mais esclarecida, mais compreensiva, a companheira ideal de nosso futuro!

Pena que sejam tão poucas para tantos...

R. PAIVA  
(engenharia Mackenzie)

— As moças que frequentam Faculdades, de u'a maneira geral, poderão ser "classificadas" em duas categorias, claramente distintas:

1. As que o fazem exclusivamente como turistas;
2. outras, que, desejando elevar seu padrão cultural, cursam a Faculdade para tal.

Em epílogo: as duas "categorias" de universitárias primam, essencialmente pelo que chamamos de abulia. I. é, não procuram realizar nos anos de curso o que entendemos por universidade. Eis seu decréscimo.

NEIF SAPADY  
(Filosofia U. S. P.)

Em minha opinião, a mulher deve ser culta. Sómente a cultura lhe emprestará o desembaraço, a vivacidade e a sutileza de espírito indispensáveis ao moderno convívio social. Nada mais desagradável do que manter uma palestra com uma jovem que, embora bonita, elegante e bem trajada, não saiba cultivar por deficiência de cultura. Creio mesmo, ser o preparo intelectual de uma moça um elemento de grande valia na vida conjugal, pois ela saberá dar a seus filhos a orientação moral e educacional que servirá de profunda base ao futuro dos mesmos.

Por outro lado o aprimoramento cultural feminino pode trazer sérias vantagens. É que a moça, após anos e anos de estudo, oviada o verdadeiro papel da mulher dentro do lar. Quantos abnegados maridos não se veem, por esta razão, a braços com tremendas dificuldades, quais sejam, a de passar uma camisa ou pregar um botão momentos antes de um importante banquete, coisas que infelizmente sua esposa não teve oportunidade de aprender, embora conhea profundamente Kant...

Não fujamos pois à realidade: uma jovem culta, inteligente e viva é admirável; mas mais admirável ainda é uma boa dona de casa, uma boa esposa e uma boa mãe".

PEDRO CESAR CURTI  
(Paulista de Direito)

... temos a certeza de que as colegas do "Sedes Sapientiae" não estariam procedendo a este inquerito tão somente para usarem do maior apanágio feminino, que é a curiosidade. Talvez assim não pensasse se não houvesse conhecido e trabalhado com colegas suas, em congressos universitários, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro.

Acreditamos que a sociedade é constituída, antes de famílias do que na soma de indivíduos tomados isoladamente. Ora, no seio da família, entendemos que o papel desempenhado pela mulher, é de uma importância capital.

O lar é a verdadeira vocação da mulher e aí ela deve ser a companheira do homem e a mãe de seus filhos.

Como pode uma jovem que não tem instrução e principalmente compreensão da vida, ser a companheira e amiga do homem com quem deve atravessar toda sua existência?

... os estudos, sejam eles quais forem, alargam a visão intelectual, habitam a jovem ao método e ao raciocínio, forma mais a vontade, mas isto só não bastaria pois senão cairiam auto-didatismo.

Ao nosso ver o maior benefício da experiência universitária consiste no contacto com criaturas humanas, com centenas de colegas, das mais variadas personalidades, pertencentes a todos os credos, raças e mesmo condições sociais, tem forçosamente que abrir para a jovem universitária as fronteiras da compreensão. A moça universitária, desta maneira, rompe o pequeno mundo em que vivia e lança seus olhos para perspectivas mais amplas.

Concluindo, gostaria de reafirmar nossa admiração pela mulher que estuda, muito especialmente à mulher brasileira que luta ainda contra a ignorância e o preconceito obscurantista dos que querem relegá-la a um papel menos digno de seu valor.

DAVID DANA  
(Arquitetura Mackenzie)

... considerando-se a instrução como fator de satisfação pessoal, o que poderíamos chamar de busca da verdade, não poderíamos fazer distinção entre sexos.

... se o homem se sentiu obrigado usar a instrução para dar continuidade à sua função de guia na sociedade para a consecução do bem comum, não será isso argumento bastante para fechar à mulher as portas das universidades.

... a tese da superioridade da inteligência masculina, defendida por muitos com tanto ardor, está freqüentemente pela existência de mulheres que apresentam níveis intelectuais perfeitamente comparáveis aos do homem. E nem seria preciso isso para garantir à mulher o direito de se instruir.

A transformação que se verificou em épocas recentes, deu a cla a possibilidade de ombrear-se com o homem em algumas profissões eram e são consideradas, com boa base de razão, pois, praticamente incompatibilizam-se com os encargos de família a que se destina fundamentalmente a mulher.

Entretanto, se algumas profissões enquadraram-se entre as que citamos acima, outras — e o magisterio figura em primeiro plano magisterio, a superioridade da mulher nas qualidades de paciência, mesmo recomendam-lhe a esta nobre profissão.

RUY EXEL  
(Politécnica)



SERENATA FRACASSADA

Foi constatada no Conselho de Presidentes da UEE, na memorável Assembléa em que o C. A. S. S. deu a nota dissonante, a seguinte diferença entre o Sedes e Sorocaba: (dizia o representante de Sorocaba): "Sorocaba em principio é contra a greve, mas adere por solidariedade, observando os 3 dias de ausência às aulas". (Dizemos nós): "O Sedes não é contra a greve em principio, mas não possui espírito de solidariedade. Fica na REAÇÃO!"

Fonte: acervo pessoal da autora.

ANEXO G  
Capa da edição nº1 do jornal *Poeira*, março de 1974

# POEIRA

LEVANTA SACODE A DA VOLTA POR CIMA

- jornal dos estudantes da FUEL e do CESULON -

## 1

publicado pelos diretórios acadêmicos


# dace dazp data

LONDRINA MARCO/74

**DICIONÁRIO DOS CALOUROS** - pag. 16  
**CASA DO ESTUDANTE E RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO** - pags. 12 e 22  
**I CONGRESSO DA APLP** - pag. 3  
**TROTE: PRA CAVALO MESMO?** - pag. 14  
**O POLÊMICO PASSE UNIVERSITÁRIO** - pag. 8  
**NEY BRAGA E O 477** - pag. 20  
**O VESTIBULAR NOSSO DE CADA ANO** - pag. 10  
**SUZANA (BISTECA) GONÇALVES E AS TELENQUELAS** - pag. 13



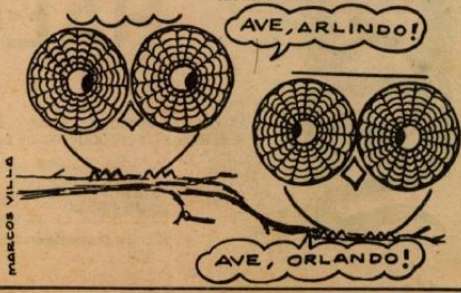
*seções*



Você encontrará sempre na POEIRA, seções especializadas e informativas dos grupos de estudos mantidos pelos três diretórios, relatando as suas atividades e publicando notícias de interesse. Neste primeiro número, por exemplo, se você quiser saber algo a respeito de "SOLO DE CLARINETA" - o livro de memórias de Erico Verissimo (foto), lançado recentemente, é só procurar a seção LIVROS na pag. 7; onde você encontra ainda a seção do DEPARTAMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO do DARP. A seção mantida pelo Cine Clube de Londrina, CLOSE, está na pag. 19, enquanto na pag. 6, encontram-se as seções resistentes: IMPRENSA, LITERATURA, CIÊNCIAS SOCIAIS e TEATRO.

*arlindo e orlando*

São os dois carujinhos implacáveis da POEIRA, criados pelo humorista Marcos Villa (Sociologia/3), autor ainda de diversos cartuns publicados neste número, eles estarão sempre atentos na escrivaninha universitária dos dias de aula. Caruja à caruja.



MARCOS VILLA

Fonte: acervo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

## ANEXO H

### Editorial da edição nº1 do jornal *Poeira*, março de 1974

p. 2

poeira

## EDITORIAL

POEIRA — QUEM, QUANDO, ONDE, COMO, POR QUE

Convencionou-se já que prometer a falta durante campanha política não deve ser considerada, até mesmo nos meios estudantis, onde são empregados também estratégias "polítiquelas" para convencer uma classe que, acima de tudo, deveria ser incapaz de iludir-se com promessas falazes.

Nas últimas eleições para os diretórios da Universidade Estadual de Londrina, a CHAPA "PO", que concorria ao diretório setorial do CCH, foi uma das poucas que apresentou um detalhado programa aos estudantes, que deveria ser executado caso fosse eleita. Naquele programa estava incluído um jornal para o diretório setorial.

A "PO", foi eleita, mas, ao assumir o diretório, constatou que levar adiante o programa prometido dispenderia mais esforços do que os imaginados, pois encontrou um diretório sem um único cruzelino em caixa (contrariando os próprios estatutos de diretórios, que especificam até a quantia que deve ser deixada de uma gestão para outra, evitando inutilidade dos diretórios durante troca de gestões). Porém, a consciência de que o trabalho anunciado deveria ser levado adiante a qualquer custo, mesmo que num prazo de tempo maior, propiciou o surgimento de novos métodos, principalmente no sentido de preparação e contenção de despesas. E surgem agora os primeiros frutos, se não vitórias ainda, pelo menos certos de continuidade. Um deles está chegando às suas mãos: este jornal.

Uma das principais dificuldades encontradas pela antiga gestão do Diretório Central dos Estudantes (72/73), ao criar o jornal "Terra Roxa", foi a falta de pessoal, não só capacitado, como também interessado em participar da elaboração do jornal. A solução encontrada na época (e empregada com êxito) foi a formação do pessoal necessário através de um curso de jornalismo ministrado pelos responsáveis pelo "Terra Roxa" e por jornalistas convidados. No DARP, constatou-se o problema e adotou-se a mesma solução: em outubro do ano passado foi criado o Grupo de Estudos de Imprensa Estudantil, que, apesar de estar ligado diretamente ao DARP, era aberto a todos os estudantes da Universidade interessados em criar jornais em seus próprios centros de estudos, inclusive do Cesulca (sobre o GEIE leia matéria adiante). Durante três meses cerca de 20 elementos receberam aulas teóricas e práticas; e este jornal é o seu primeiro trabalho prático dentro da escola em termos de jornalismo, pois já haviam sido feitas várias reportagens para FOLHA. Esteve resolvido o problema da pessoal, graças

a um trabalho demorado mas altamente produtivo, feito principalmente através de discussões abertas.

Porém, um jornal - para quem ainda não pensou no caso e na crise de papel que assola o mundo - é sempre muito dispendioso e seria mais ainda para um diretório sem crédito nenhum e com vários problemas financeiros. Além disso, com o pouco pessoal disponível, torna-se difícil a formação de equipes em cada setorial (pelo menos agora, quando não existe nenhuma diretoria central neste sentido). Aqui entram na história, o Centro de Educação e o Cesulca: como as duas vencedoras nestes dois centros também haviam inserido em seu programa a execução de um jornal, os esforços e as responsabilidades foram unidos e divididos, respectivamente. E saiu o POEIRA, órgão oficial de três diretórios ao mesmo tempo.

O jornal será dirigido por um Conselho Editorial, composto por representantes das diretorias executivas dos três diretórios e mais os integrantes do GEIE, cuja função será determinar a posição-opinião do jornal diante da realidade universitária, discutir problemas administrativos, sugerir reportagens e avaliar edições anteriores; logo após o Conselho estará o Editor-Chefe (um representante do Centro de Educação), a quem caberá coordenar cada edição; e um Secretário de Redação (representante do CCH), responsável pelos trabalhos práticos e sua orientação. Procurou-se, desta forma, evitar a centralização de decisões e estabelecer uma orientação comum a todos os diretórios; e evitar uma burocracia indesejada e desnecessária, ligando-se tudo ao GEIE, que se torna uma verdadeira oficina de jornalismo universitário, responsável inclusive pela montagem plástica do jornal. O POEIRA nasce com a experiência de seis números de "Terra Roxa" - a mesma equipe que dirigiu o antigo jornal do DCÉ e a que dirige este jornal; e graças a esta experiência, sabe-se que não é ainda um jornal consumado e inalterável, principalmente por ser dirigido a uma classe universitária, que deve estar constantemente aberta à discussão e aceitação (ou não) de novas concepções sobre a realidade no qual está encaixado.

O POEIRA responde, de imediato, a uma das necessidades básicas e primordiais do homem, a informação, sem a qual jamais poderá emitir conceitos fundamentados e razoáveis. Resta ler, analisar e opinar: o POEIRA aceitará suas sugestões e opiniões, que poderão ser entregues na sede de qualquer um dos três diretórios responsáveis por ele.

## DARP:

### ENTREGUE SEM SATISFAÇÕES

Cada vez que é empossada uma nova diretoria em qualquer um dos diretórios setoriais ou do Diretório Central dos Estudantes, assim como em qualquer órgão administrativo público, é necessário que esta diretoria tenha pelo menos, as mínimas condições para dar continuidade a um trabalho ou começar outro, no caso da antiga gestão não ter realizado nenhum.

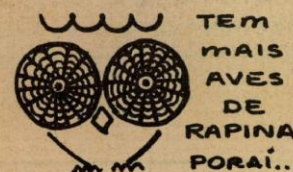
No caso da nova diretoria do DARP, porém, empossada em outubro do ano passado, parece não ter havido o mínimo senso de responsabilidade da antiga administração, que acabou criando uma situação embaraçosa: a atual gestão recebeu o diretório sem nenhuma verba, nem ao menos a reserva de 20% que cada gestão é obrigada a deixar para a gestão seguinte. A Gestão PDI, do DARP, precisou fazer "das tripas, coração"; os seus departamentos passaram a se movimentar à base de colaborações: o papel para as apostilas do Grupo Base de Literatura foram doados por uma gráfica; a peça de teatro "A Exceção e a Regra" - montada pelo Teatro Universitário Rocha Pombo - recebeu colaboração da Secretaria de Educação e Cultura e da Coordenadoria de Assuntos Culturais para conseguir os tabuleiros e improvisar um palco no pátio do CCH; o Grupo de Estudos de Imprensa Estudantil teve que improvisar material para a realização de suas reuniões; e da mesma forma tiveram que agir todos os outros departamentos.

Com o Restaurante do DARP, que é "deficiente", foi preciso improvisação e contemporização; mas a

situação agravou-se com a elevação dos preços de gêneros alimentícios (o preço da refeição não foi aumentado) e com o fechamento do restaurante durante o período de férias (não se podia contemporizar o pagamento dos salários e 13<sup>as</sup> das 8 funcionárias). Até que a diretoria do DARP entrou em entendimentos com a presidência do Diretório Central dos Estudantes, que compreendeu a situação e concedeu o adiamento da verba que o setorial receberá ainda este ano, no valor de Cr\$ 2.600,00, que ainda não foi suficiente (apesar de não obrigar nenhum colouro a comprar bonê e não ter confeccionado nenhum este ano, as dívidas foram saldados com a venda de antigos bonês). Se a gestão anterior tivesse deixado a reserva de 20%, certamente não haveria tantos problemas e a diretoria poderia ter realizado muito mais além do que realizou. E o problema agrava-se mais ainda porque até agora o Conselho Departamental e a Reitoria não aprovaram o balanço da gestão anterior, podendo vir a impedir a liberação das verbas atribuídas à nova gestão.

(Através do presidente do DARP, Darival Zemuner, o diretor do CCH, professor Donato Parisotto, solicitou a presença do presidente e do tesoureiro da antiga gestão para esclarecer a situação e apresentar os comprovantes das despesas, alegando que a não aprovação das contas decorre da falta de documentação e inventário do material pertencente ao DARP. Zemuner procurou o ex-presidente mas este ainda não havia recebido convocação oficial. Posteriormente, convocado pelo Conselho, não compareceu para prestar esclarecimento.

Por enquanto o caos no aspecto financeiro permanece, impossibilitando um trabalho tranquilo e mais eficaz, ao mesmo tempo que atestando a necessidade de uma responsabilidade cada vez maior das presidências de diretórios, ou em caso contrário, acabaram desintegrando mais ainda suas imagens perante os estudantes, que já sofrem inúmeras outras pressões para afastarem-se dos diretórios.



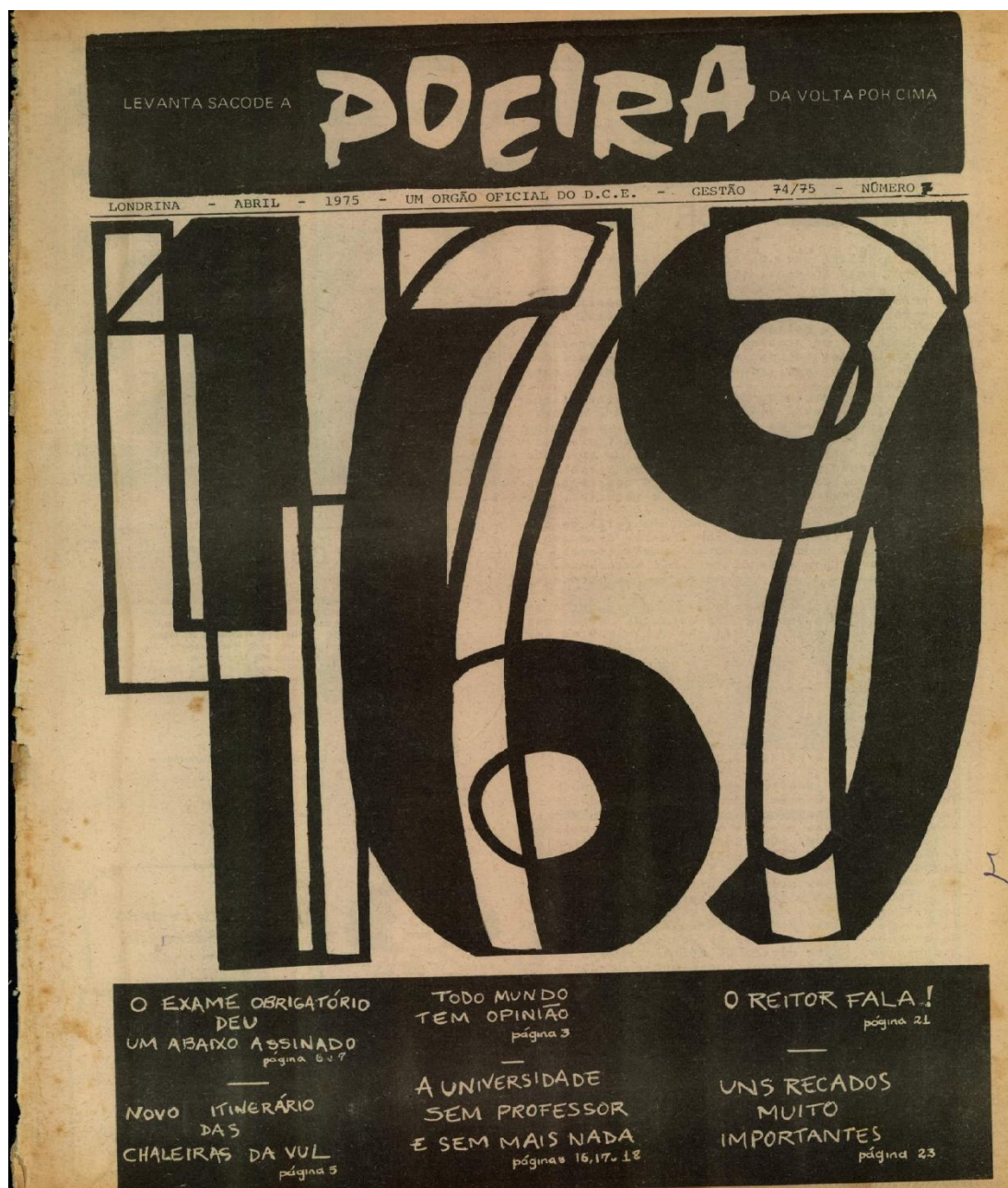
## HAEG COPIAS

APOSTILAS MIMEOGRAFADAS — REPRODUÇÕES DE CAPÍTULOS INTEIROS DE LIVROS — FOLHETOS — REPRODUÇÕES DE DESENHOS OU FOTOS A TRAÇO — TUDO NA HORA

HAEG CÓPIAS

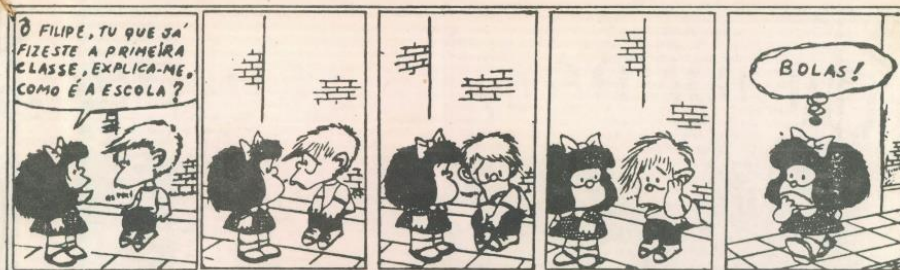
Edifício Centro Comercial — salas 17 e 18 — fones 23-2929 e 22-5814

ANEXO I  
 Capa da edição nº7 do jornal *Poeira*, abril de 1975



Fonte: acervo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

## ANEXO J

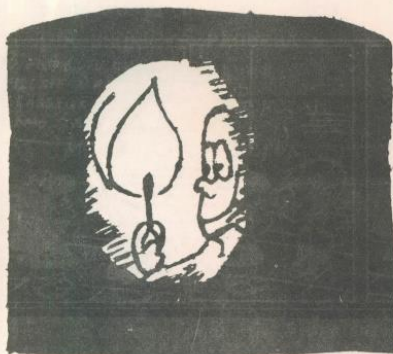
Capa do boletim especial do jornal *Poeira*, janeiro de 1977

# POEIRA

BOLETIM ESPECIAL    JANEIRO/1977    ÓRGÃO OFICIAL DO DCE    GESTÃO 76/77

## SER UNIVERSITÁRIO...

SER UNIVERSITÁRIO NÃO É JAMAIS PENSAR QUE A UNIVERSIDADE DEVA SER UM LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS QUE VIGEM ACHAR SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS DA REALIDADE!



NÃO! SER UNIVERSITÁRIO É VER A UNIVERSIDADE APENAS COMO UM MEIO DE SUBIR NA ESCALA SOCIAL E SERES COBIÇADO PELAS MOÇAS E SUAS MÃES ANSIOSAS DE ACHAREM UM BOM PARTIDO PARA AS FILHAS.



### A Universidade é:

- UMA INSTITUIÇÃO ABERTA AO POVO  
 UM LUGAR DE PAQUERA  
 UMA ILHA DO SABER  
 UMA EMPRESA COMERCIAL

Assinale a alternativa correta.

DICIONÁRIO DO CALOURO - pg 2

você está dentro,  
mas a briga não acabou - PG 5LEVANTA, SACODE A  
"poeira"

E DÁ VOLTA POR CIMA! - pg 7

## ANEXO K

Capa da edição especial I do jornal *Poeira*, maio de 1977

# POEIRA

ESPECIAL

LONDRINA - MAIO - 1977 - UM JORNAL NO DCE - GESTÃO - 76/77

## SUAT INVADE SALA DE AULA E AMEAÇA ESTUDANTES

Na última terça-feira, três agentes da polícia especial da Universidade Estadual de Londrina invadiram uma sala de aula, no Centro de Ciências Exatas e fizeram graves ameaças contra os estudantes do 1º período de Engenharia, que lá se encontravam. Os poli

ciais, irritados com dois estudantes que os havia qualificado como agentes da SUAT, chegaram a dizer que vão "dar um tiro na cara" do próximo estudante que fizer alguma "molecagem".

O fato provocou profunda indignação, não só entre os estudantes daquela classe, que rea

giram prontamente contra a atitude da polícia da Universidade, como entre todos os estudantes que hoje lutam por uma universidade democrática, onde a repressão não deve ter lugar.

Para nós, estudantes londrinenses, a invasão desta sala de aula

Fonte: acervo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.